

Pedagogia Griô
**A reinvenção da
Roda da Vida**

Lillian Pacheco

Participação de:
Fátima Freire
Ruth Cavalcante
Vanda Machado

Projeto gráfico:
Arita Andrade

*Sistematização de vivências, invenções e
pesquisas compartilhadas do Grãos de
Luz e Griô - Ponto de Cultura
Lençóis - Bahia*





- O que você quer ser quando crescer?
- Gente.

Diego, 10 anos, oficinas Grãos de Luz.
Em entrevista com a repórter Neide Duarte na TV
Cultura de São Paulo, 2001.

Pedagogia Griô

A reinvenção da Roda da Vida

Lillian Pacheco

Sistematização de vivências,
invenções e pesquisas compartilhadas do
Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô

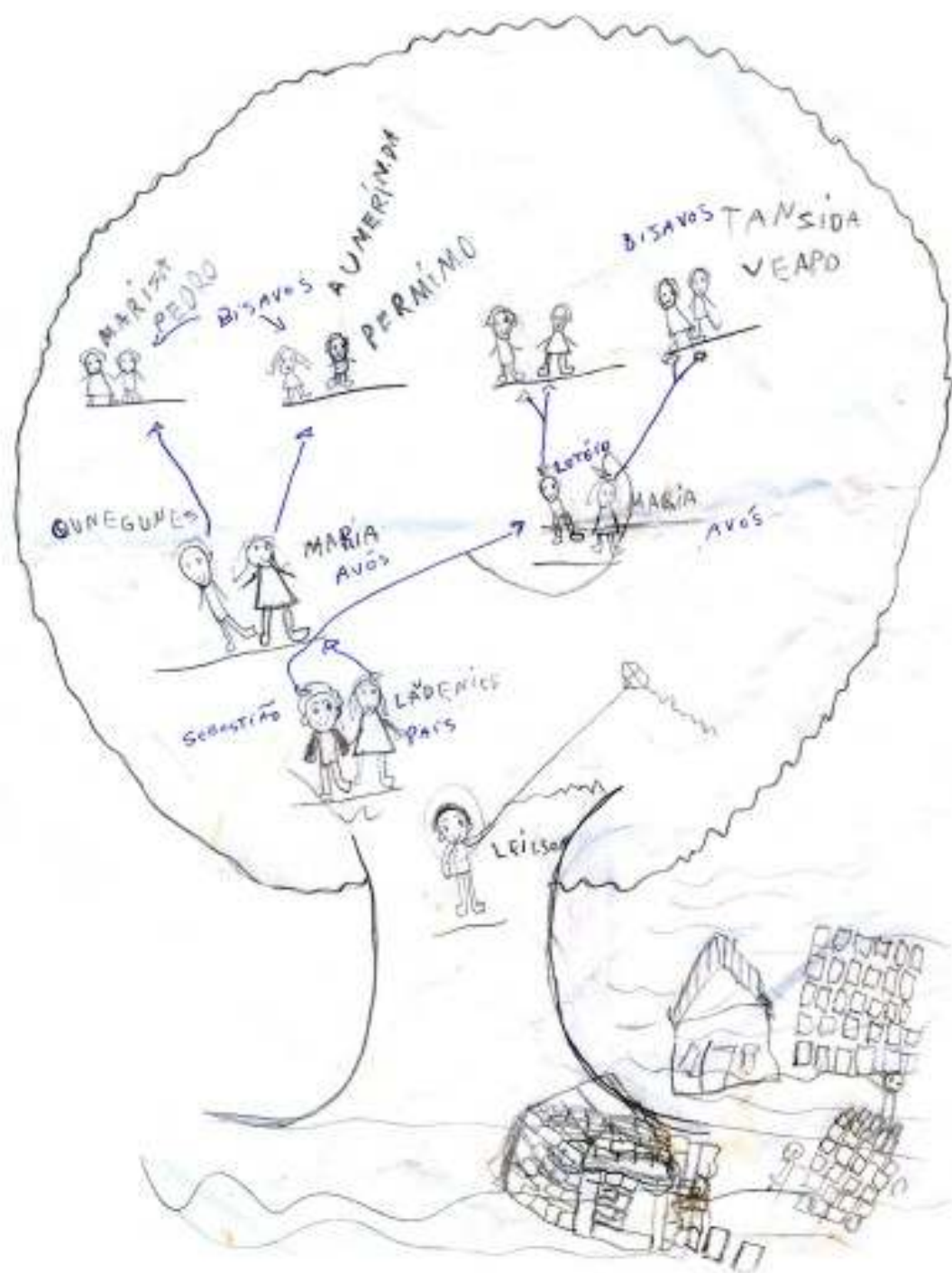
Participação de:
Fátima Freire
Ruth Cavalcante
Vanda Machado

Projeto gráfico:
Arita Andrade

1ª edição

Lençóis, Bahia
2006





Leilson, 12 anos, prof^o Argileu Oliveira, Escola da Comunidade do Cantinho, 2005.

“O Mestre é a raiz, o Griô é a sua rama.”

Mestre Dunga, Lençóis.

“Quem não sabe não enxerga, e quem sabe tem que passar de pai para filho e de filho para neto.”

Cantador João Picopeu, Lençóis.



Aluno da profª Clésia Diamantino, 7ª série, comunidade do Tanquinho, Lençóis.

“Uma vez que a sociedade africana está fundamentalmente baseada no diálogo entre os indivíduos e na comunicação entre comunidades ou grupos étnicos, os Griots são os agentes ativos e naturais nessas conversações.”

Amadou Hampâté Bâ, mestre africano da transmissão oral e especialista no estudo das sociedades negro-africanas das savanas.

Bênção

Pra começo de conversa, peço a bênção e a permissão dos mestres e griôs de tradição oral de Lençóis, Bahia, e aos estudantes, educadores, assessores, coordenadores e parceiros do Grãos de Luz e Griô.

Peço a bênção para falar de uma pedagogia costurada com os fios de palavras vividas, como se fosse uma colcha de retalhos bonita e inacabada. Palavras que não escureceram dentro de mim, porque têm luz.

A bênção de *painho, mainha, vizinhas e vizinhos*.

A bênção de Rolando Toro Arañeda.

A bênção de Paulo Freire, Pe. Ugo Merigalli, Elenaldo Teixeira e Carlos Petrovich, mestres que habitam agora no mistério da vida.

A bênção de mestre Dunga e de todas as crianças, nossos grãos de luz.

A autora





*Vitor Darlan, 12 anos, na oficina
Grãos de Luz de identidade,
música e dança, prof.º Márcio
Caires e prof.ª Lillian Pacheca.*

Sumário

- 14 Apresentação
- 16 Convite aos Pontos de Cultura do Brasil, ONGs, escolas e universidades
- 17 Cordel de lançamento da Ação Griô Nacional

- 18 **1. O Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô**
 - O contexto de Lençóis
 - A missão
 - Histórico e referências metodológicas
 - Modelo de ação pedagógica e estratégias de ação

- 38 **2. Griôs e mestres da tradição oral**

- 50 **3. A iniciação do Velho Griô**

- 58 **4. O ritual do Velho Griô**

- 72 **5. Que pedagogia é esta?**
 - A questão de raiz
 - Construindo conceitos
 - Encontros temáticos na Roda da Vida e das Idades
 - A vivência afetiva e cultural
 - O ritual de vínculo e aprendizagem
 - Identidade e projeto de vida
 - Libertando-se das grades curriculares
 - Aprendendo e ensinando com a Educação Biocêntrica - Ruth Cavalcante

- 116 **6. A pedagogia griô no currículo de educação municipal de Lençóis**
 - Contando vivências e invenções das oficinas e escolas
 - Com a palavra, Ruth Cavalcante
 - Com a palavra, Fátima Freire
 - Com a palavra, Vanda Machado

- 155 Bibliografia estudada
- 158 Créditos
- 160 Autora e consultoras pedagógicas

Apresentação

Em julho de 2004, o Ministério da Cultura lançou o Programa Cultura Viva. Recebemos 840 projetos já no primeiro edital e dentre eles estava o Grãos de Luz e Griô. Foi uma grata satisfação receber este projeto, pois quando definimos as quatro ações do Programa Cultura Viva (Ponto de Cultura, Cultura Digital, Agente Cultura Viva e Escola Viva), observamos que faltava uma integração dialética entre tradição, memória e ruptura. Tradição enquanto ponto de partida, memória enquanto reinterpretação do passado e ruptura enquanto invenção do futuro. Assim, incluímos uma quinta ação: o Griô.

O projeto Grãos de Luz e Griô apresentou uma proposta que partia de um processo acumulado de construção de um conhecimento; de envolvimento comunitário na Chapada Diamantina; de discussões sólidas sobre como associar a cultura tradicional com o processo educacional; de valorização da cultura no âmbito local, indo mais além, abrindo novos horizontes tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos. Por isso mesmo esteve entre os primeiros selecionados. Mais do que isto, a nossa idéia ao selecionarmos vários Pontos de Cultura em todo o Brasil, em favelas e periferias de grandes cidades, pequenos municípios, quilombos, comunidades rurais e indígenas, era captar o que de mais significativo havia em cada um

deles para contribuir para a rede como um todo. Não limitar as atividades do Ponto de Cultura apenas à sua comunidade, mas apresentar soluções e políticas criativas e inovadoras para a rede, para todas as experiências comunitárias que tratam a cultura de uma forma muito mais ampla. Não limitar às artes ou às expressões simbólicas, mas tratar a cultura também enquanto identidade, cidadania e economia. O Grãos de Luz e Griô tem esta visão abrangente da cultura e por isso passamos a observar a experiência específica deste Projeto de Lençóis em relação à cultura tradicional e ao trabalho com os Griôs e Mestres vinculados ao sistema de educação da criança, do adolescente e do jovem. De tanto observar e de tanto perceber a relevância desta experiência nós transformamos a idéia do Grãos de Luz e Griô numa ação nacional do Programa Cultura Viva.

Mais tarde, vivenciando atividades do Grãos de Luz e Griô, tive a oportunidade de dialogar com participantes de todas as idades: crianças, educadores, o Velho Griô e Griôs de tradição oral. Esse encontro me fez refletir sobre a importância da dimensão sagrada da vida e da lógica de convivência econômica baseada na partilha, dois aspectos tão preservados pelas culturas tradicionais brasileiras.



Na sociedade contemporânea nós vivemos um processo de transformação da vida, dos desejos, das horas e até da própria alma, em mercadoria. Isto resulta na alienação que as populações vivem em relação às possibilidades de conquista de sua autonomia e emancipação.

Quando o candomblé preserva sua fonte de cultura e convivência como espaço sagrado, ele está preservando a vida. Quando um reisado sobrevive porque todos da comunidade se dão, oferecem algo, nem que seja um prato de comida para os caminhantes, ele está conservando uma cultura vital para a construção de um país mais justo e solidário, rompendo com o ciclo de alienação/vulgarização da vida.

O contrário da sacralização da vida e da convivência econômica da partilha é a banalização da vida, transformada em mercadoria, absolutamente desrespeitada, a exemplo da violência nos grandes centros urbanos. Neste espaço de convivência, há momentos em que a vida não vale mais nada.

No entanto, manter apenas a louvação da tradição não resolve. Afinal, como demonstrou Eric Hobsbawm, as tradições são inventadas e construídas historicamente incorporando preconceitos e ideologias. É neste processo que a memória assume um

papel vital, de reelaboração e reinterpretação das tradições. Mas isso deve acontecer sem que haja uma hierarquização, imposição ou uniformização da cultura. Por isso a importância do diálogo intergeracional e multissetorial proposto pelo Grãos de Luz e Griô em sua Roda da Vida, nas Oficinas e na caminhada do Velho Griô. A roda se constrói e se rompe. Este livro é o ponto de partida para transformá-la num salto em espiral, integrando Pontos de Cultura, estranhos atratores que dão coerência e organização ao caos social.

Célio Turino

Mestre em história - Unicamp

*Secretário de Programas e Projetos Culturais no
Ministério da Cultura do Brasil*





Convite aos Pontos de Cultura do Brasil, ONGs, escolas e universidades

Este trabalho é fruto do sonho do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô de Lençóis, Bahia, de contribuir com o reencanto da educação e da vida das crianças, adolescentes e jovens, grãos de luz do Brasil, valorizando os griôs e mestres de tradição oral do País.

Para os autores e atores brincantes da roda da vida e das idades de cada comunidade de Lençóis, a criança é um grão de luz, semente de sabedoria, e o griô é um educador caminhante alegre e afetivo, sábio na criação de rituais de vínculo e aprendizagem, histórias e artes de viver.

O livro convida todos os participantes dos Pontos de Cultura do Brasil, as ONGs, as secretarias de educação, as escolas e universidades públicas a superar a folclorização das manifestações de raízes étnicas afro-indígenas; as relações étnico-raciais negativas; a concepção dos griôs e mestres de tradição oral como analfabetos; a falta de reconhecimento do lugar político, social, educativo e econômico dos griôs e mestres; a dissociação entre a educação de tradição oral das comunidades e os sistemas municipais de ensino.

Convida os Pontos de Cultura do Brasil a participar de uma brincadeira encantada - a Ação Griô Nacional do Programa Cultura Viva em parceria com o Ministério da Cultura - para aprender e ensinar saberes e métodos de educação de tradição oral que valorizam griôs e mestres e facilitam o vínculo afetivo e cultural entre educadores, educandos, pais, avós, comunidade e escola, favorecendo a construção do conhecimento crítico para dialogar com o Brasil e o mundo.

Convida os Pontos de Cultura do Brasil a uma reflexão e vivência na ONG, na escola e na comunidade, compartilhando, disseminando e reinventando um projeto político-cultural, econômico, estético e afetivo pelo fortalecimento da identidade e melhoria da qualidade de vida.

Coordenação Ação Griô Nacional

Manoel de Andrade Correa
*MinC - Secretaria de Programas e Projetos -
Consultor PNUD*

Márcio Caires Chaves e Lillian Pacheco
Pontão de Cultura Ação Griô Nacional



O griô de todo canto

Cordel de Lançamento da Ação Griô Nacional

Márcio Caires - 02 de Fevereiro de 2006

*Pra começo de conversa
Peço a bênção aos mais velhos
Que me dão sabedoria
Pra brincar com esses versos
E aos meus antepassados
Que deixo a seus cuidados
Como guias do Universo.*

*Sou neto de sanfoneiro
E bisneto de rendeira
Mistura branco, índio e negro
É a família brasileira
Um projeto foi gerado
Como um filho pegado
Pelas mãos de uma parteira.*

*Este Projeto que vos falo
Trata de uma reinvenção
Do griô que veio da África
Do Brasil e da tradição
Dos que guardam na memória
Preservando nossa história
Geração em geração.*

*Um louvor às mães-de-santo
Curadores, congadeiros
Os pajés e artesãos
Sambadores, sanfoneiros
Repentistas e rendeiras
Foliões e capoeiras
Mestres, griôs brasileiros.*

*"O mestre é a raiz
E o griô é a sua rama"
Já dizia o mestre Dunga
Sábio curador de fama*

*Tradição é uma vivência
Quando junta com a ciência
Cultura que se proclama*

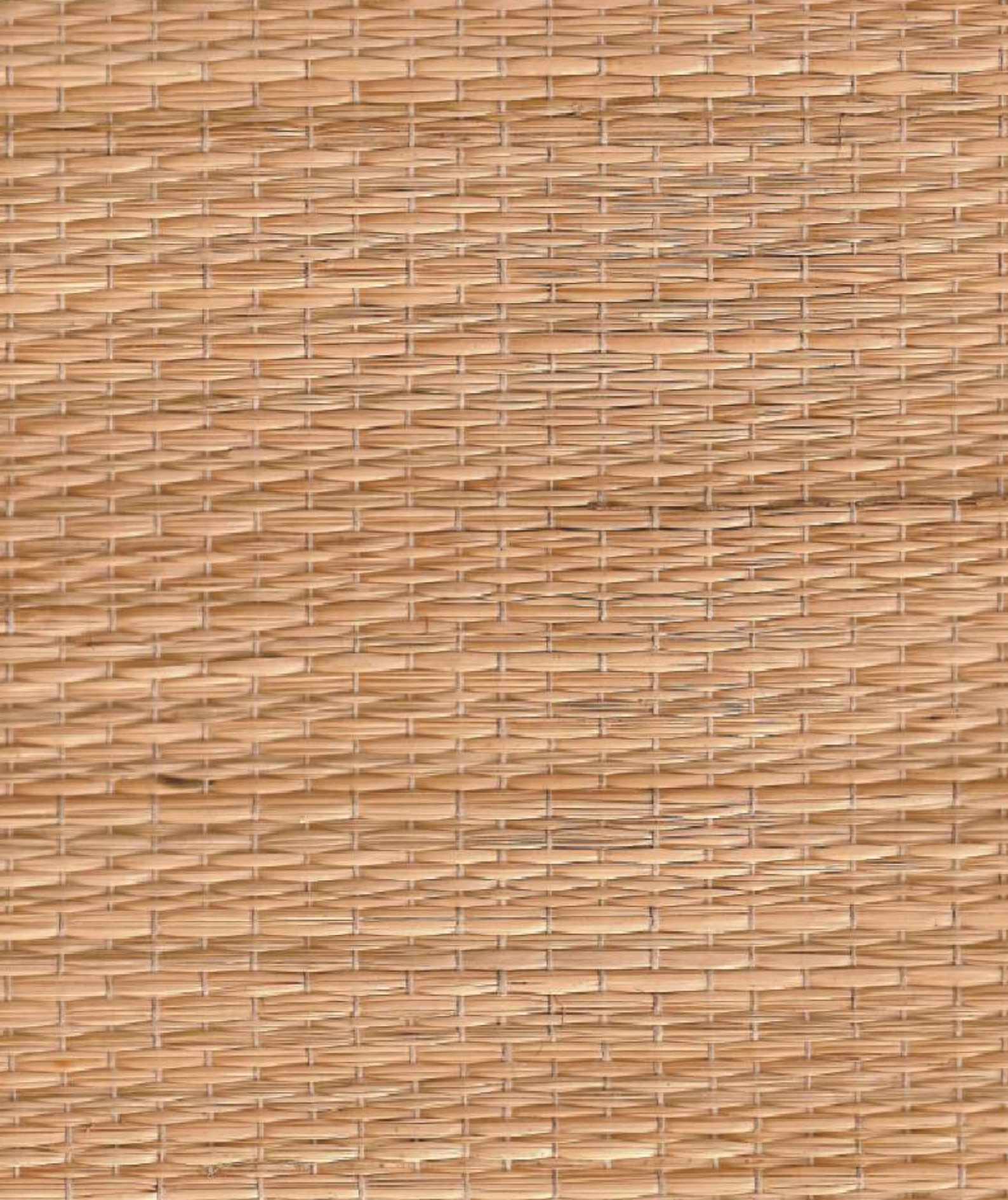
*O Projeto Ação Griô
Pelo Brasil vai caminhar
O Ministério da Cultura
Esta rede vai lançar
Cada mestre e griô
Que educar com o seu valor
A história vai mudar.*

*A Pedagogia Griô
Vem de um Ponto de Cultura
De Lençóis, lá na Bahia
Vida roda se mistura
O Grãos de Luz e Griô
Criança velho professor
O criador, a criatura.*

*Todo ponto de cultura
Tem sua pedagogia
Juntos todos numa rede
Ação Griô que se recria
Programa Cultura Viva
Um Brasil que se cultiva
Colhendo sabedoria.*

*Me despeço convidando
Com alegria e encanto
Os dez mestres e griôs
Que protegem este Ponto
No Brasil serão quinhentos
Tecendo por sentimentos
O griô de todo canto.*





1.

0 Ponto de Cultura

Grãos de Luz e Grão

O contexto de Lençóis

A cidade de Lençóis está situada a 410 km de Salvador (BA), com uma população de aproximadamente 10 mil habitantes, em sua maioria afrodescendentes, onde 49,8% vive abaixo da linha da pobreza (renda per capita familiar menor que 1/2 salário mínimo, IBGE 2000), principalmente nas comunidades rurais, isoladas geograficamente.

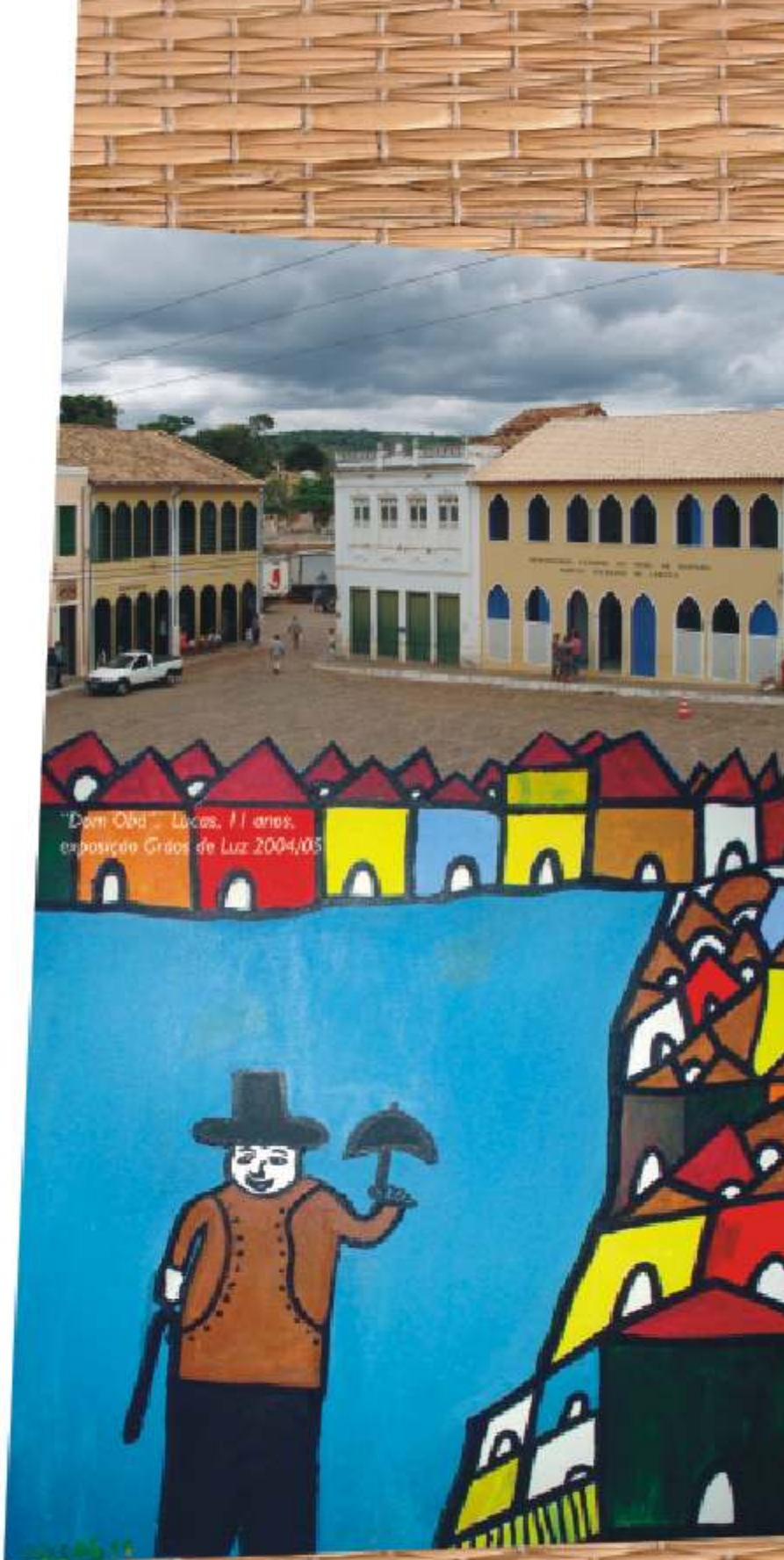
Lençóis fica localizada na região do Parque Nacional da Chapada Diamantina, uma das maiores reservas ambientais do Brasil. Tombada como Patrimônio Histórico Nacional desde 1974, a cidade teve como base econômica até 1990 a extração de diamante. Segundo Senna (1998, p.45), a sociedade das lavras se formou por brasileiros vindos principalmente da zona do Recôncavo Baiano e de Grão Mogol, hoje cidade de Diamantina, Minas Gerais.

A escassez do diamante deflagrou uma crise econômica e social que se intensificou com o fechamento legal da atividade do garimpo.

"A população garimpeira que envelhecia na bateia e tinha seu universo no garimpo, com a proibição dessa atividade, viu o seu mundo desabar" (Araujo, 2002)*

Os investimentos econômicos foram direcionados para grandes e médios empreendimentos turísticos, com roteiros de ecoturismo que não incluem a história e a cultura do povo.

* Gamela de madeira para lavagem manual de areias auríferas ou de cascalho diamantífero. (Ximenes, 2000)

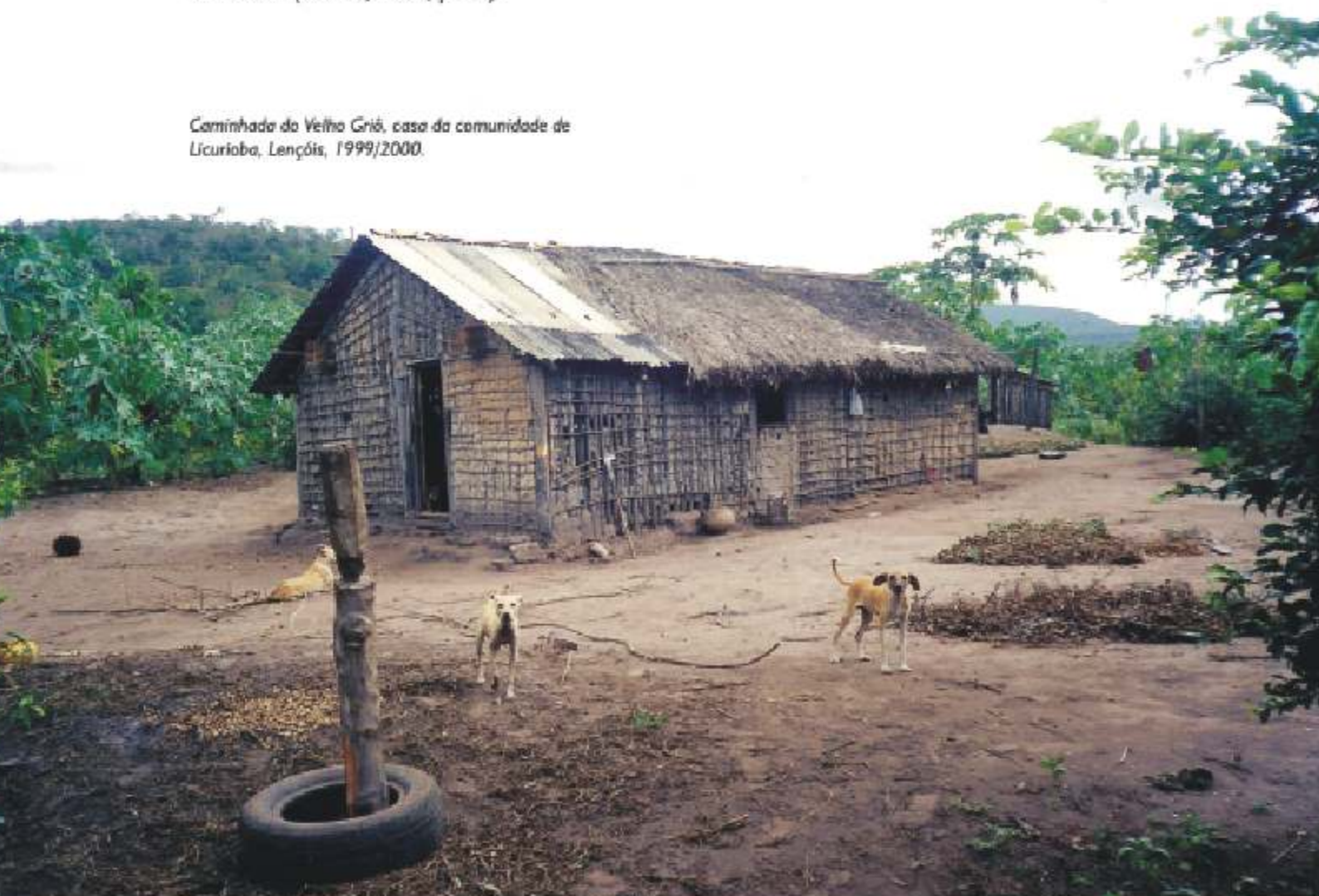


A transformação econômica vivida em Lençóis retirou o personagem central da atividade do garimpo (o garimpeiro) e o trabalhador rural, com toda a cultura que a sociedade produzia e reproduzia no seu cotidiano: as rendeiras e seu artesanato, os rituais das mães e pais-de-santo, as(os) reiseiras(os), o samba-de-roda, as cantigas das lavadeiras, as rezadeiras e curadores(as), as parteiras e outros personagens representantes da sabedoria da tradição oral.

"O passado é uma referência constante; o presente, uma lamentação profundamente impregnada do sentido da perda; e o futuro, algo fugidío, ausente como projeto. Este saudosismo projeta-se em todas as direções da Cultura..." (Senna, 1998, p. 43).

Foi neste contexto que as escolas e as comunidades demandaram projetos que costurassem o fio da história de Lençóis. Porém a dissociação cultural entre escolas e suas comunidades, entre as gerações de tradição oral e as novas gerações de tradição escrita, forma uma célula de uma questão nacional. Há uma carência de práticas integradoras de ensino e aprendizagem nas universidades e nas escolas que incluam a vivência afetiva e cultural das crianças, adolescentes e jovens brasileiros. Práticas que os vinculam a si mesmos e a sua ancestralidade, para que sejam protagonistas de uma história e de uma educação que garantam o fortalecimento de sua identidade para melhoria da qualidade de vida.

Caminhada do Velho Griô, casa da comunidade de Licurioba, Lençóis, 1999/2000.



A missão

O projeto Grãos de Luz e Griô educa 130 crianças, adolescentes e jovens em oficinas de identidade, arte, artesanato e economia solidária, tendo como tema gerador tradição oral e cidadania. As pesquisas e vivências das oficinas elaboram saberes e produzem materiais didáticos para a caminhada dos griôs de 14 grupos culturais locais. Os griôs e as oficinas mobilizam 15 escolas/comunidades, 50 educadores municipais e, aproximadamente, mil crianças e adolescentes para a elaboração e vivência de projetos pedagógicos que integram identidade, ciência, arte e tradição oral no currículo de educação municipal.

Os líderes de todas as idades envolvidos participam do registro e sistematização de conteúdos e práticas educativas para legalização do currículo por meio dos conselhos municipais. Os jovens se organizam em grupos cooperativos de cultura e economia solidária. E todos se encontram na roda da vida e das idades, compartilhando afetos, saberes e produções solidárias, em parceria com diversas entidades dos três setores sociais (poder público, poder privado e sociedade civil), nacionais e internacionais.

A missão é semear educação e tradição oral fortalecedora da identidade das crianças, adolescentes e jovens brasileiros para a celebração da vida. Reinventar a integração entre o velho e o novo num presente pleno de ancestralidade e identidade na educação para a celebração da vida.

O Grãos de Luz e Griô investe na construção de uma rede local entre empreendedores, poder público, conselhos municipais, a comunidade escolar e os grupos culturais, propondo e construindo soluções para problemas relacionados ao patrimônio simbólico e a auto-estima da população de baixa renda, principalmente de tradição oral. A valorização da cultura e a integração das idades são estratégias fundamentais para a reconstrução do fio da história e fortalecimento da identidade das crianças, adolescentes e jovens para interromper o ciclo intergeracional da pobreza.

A idéia é inovadora porque propõe incorporar à esfera da educação, da política e da economia da comunidade, a força e o poder da tradição oral.

Na vivência e revisão da missão, a coordenação do Grãos de Luz e Griô vem sistematizando pesquisas, reflexões e vivências compartilhadas na pedagogia griô, desenhando um modelo de ação pedagógica com suas estratégias de ação na comunidade/município. Além de rituais de vínculo e aprendizagem e um modelo teórico/prático para fortalecimento da identidade. O sistema de avaliação com indicadores de resultados, de processo e de impacto social também estão sendo sistematizados para produção de um índice de identidade local.



instituição não lucrativa
do IABCFI Fundação das Nações Unidas para a Infância
reunidas em um projeto

Grêmios de Luz e Sólido

desenvolvido pelo IABCFI

Associação Grêmios de Luz

São Paulo - 2004

foi o **PRÊMIO** na edição 2004 de Prêmio Itaú Social

Oferece Itaú Social - Educação e participação decisiva e inovadora e da realidade a projetos

de organizações de sociedade civil que desenvolvem ações complementares à escola

mantendo a regularidade para a inclusão e melhoria da qualidade da educação na escola pública.

São Paulo, Outubro de 2004

Itaú Social
Itaú Social
Fundação Itaú

UNICEF
UNICEF
UNICEF



CERTIFICADO

Seleção Anual de Projetos - 2004

O projeto

GRÊMIO: A TRADIÇÃO VIVA

da **ASSOCIAÇÃO GRÊMIOS DE LUZ**

foi selecionado para apoio da Brazil Foundation em 2004.

Em dezembro de 2004 em nome

Leandra S. Fournier
LEANDRA FOURNIER
Presidente

Suzanne Borchman
SUZANNE BORCHMAN
Vice-Presidente

IPHAN

O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional reconhece que a
Associação Grêmios de Luz e Sólido foi classificada em 2004 segundo parecer do

Perito Rodrigo Melo Ferraz de Alencar 2004

em categoria Patrimônio Patrimonial

Antônio Augusto Azeiteiro Neto
Antônio Augusto Azeiteiro Neto
Presidente



Certificado



A **ABRAFOPA** - Associação Brasileira das Organizações de Folclore e Artes Populares -
organização não governamental, sem fins lucrativos, filial e representante no Brasil do ICFI Internacional -
Organization For Folklore, maior organização mundial de Artes Populares de relações operacionais afilhada a
a UNESCO, representada em mais de 187 países.

Certifica que o **Grêmios de Luz e Sólido** é **Grêmios de Luz e Sólido** - Brasil. Participou do

"Cidade BRASIL FEST IN POLA" - XI-IV Festival Internacional de Folclore do Brasil, Etapa Ceará -

Santos (SP) Brasil, Agosto de 2004

JORNAL A TARDE

Uma lição de cidadania e cultura

Comunidade de Luz e Sólido ensina crianças a gostar de ler, pratica esporte e promove unidades no Complexo Desportivo

REPORTAGEM

Uma comunidade de Luz e Sólido, localizada no bairro de Luz e Sólido, no município de Luz e Sólido, no Estado de São Paulo, promoveu uma série de atividades culturais e esportivas para as crianças da comunidade. As atividades foram realizadas no Complexo Desportivo de Luz e Sólido, que possui quadras de futebol, vôlei, basquete e tênis. Além disso, foram realizadas aulas de dança, música e teatro. As crianças também participaram de uma exposição de artes e de uma feira de ciências. O projeto foi desenvolvido pela Associação Grêmios de Luz e Sólido, em parceria com o Instituto Itaú Social e a Fundação Itaú Social.



O projeto de Luz e Sólido tem como objetivo promover a cidadania e a cultura entre as crianças da comunidade. As atividades são realizadas regularmente e são muito bem recebidas pelas crianças. Além disso, o projeto também promove a integração entre as famílias e a comunidade. O projeto é considerado um sucesso e é muito bem avaliado pela comunidade e pelos parceiros.

O ESTADO DE S. PAULO

GERAL

PROJETOS PARA A JUVENTUDE

Uma série de projetos para a juventude foram lançados no Estado de São Paulo. Os projetos incluem programas de capacitação profissional, cursos de idiomas e programas de empreendedorismo. Além disso, foram lançados programas de esporte e lazer para a juventude. Os projetos são desenvolvidos em parceria com o governo do Estado e com o setor privado.

Cantando e dançando rumo ao futuro

Um grupo de crianças da comunidade de Luz e Sólido, no Estado de São Paulo, está participando de um curso de dança e música. O curso é desenvolvido pela Associação Grêmios de Luz e Sólido, em parceria com o Instituto Itaú Social e a Fundação Itaú Social. As crianças estão muito gostando do curso e estão aprendendo muito. O curso é considerado um sucesso e é muito bem avaliado pela comunidade e pelos parceiros.



JORNAL DO COMÉRCIO

ORALIDADE É PREMIADA PELO UNICEF

Grêmios de Luz e Sólido recebe prêmio por promover o folclore com teatro de marionetes

REPORTAGEM

O projeto de Luz e Sólido, desenvolvido pela Associação Grêmios de Luz e Sólido, em parceria com o Instituto Itaú Social e a Fundação Itaú Social, recebeu o prêmio de Oralidade promovido pelo UNICEF. O prêmio reconhece o trabalho desenvolvido pelo projeto em promover a oralidade e a cultura entre as crianças da comunidade. O projeto é considerado um sucesso e é muito bem avaliado pela comunidade e pelos parceiros.



O projeto de Luz e Sólido também promoveu uma série de atividades culturais e esportivas para as crianças da comunidade. As atividades foram realizadas no Complexo Desportivo de Luz e Sólido, que possui quadras de futebol, vôlei, basquete e tênis. Além disso, foram realizadas aulas de dança, música e teatro. As crianças também participaram de uma exposição de artes e de uma feira de ciências.



O projeto de Luz e Sólido também promoveu uma série de atividades culturais e esportivas para as crianças da comunidade. As atividades foram realizadas no Complexo Desportivo de Luz e Sólido, que possui quadras de futebol, vôlei, basquete e tênis. Além disso, foram realizadas aulas de dança, música e teatro. As crianças também participaram de uma exposição de artes e de uma feira de ciências.



O projeto de Luz e Sólido também promoveu uma série de atividades culturais e esportivas para as crianças da comunidade. As atividades foram realizadas no Complexo Desportivo de Luz e Sólido, que possui quadras de futebol, vôlei, basquete e tênis. Além disso, foram realizadas aulas de dança, música e teatro. As crianças também participaram de uma exposição de artes e de uma feira de ciências.



O projeto de Luz e Sólido também promoveu uma série de atividades culturais e esportivas para as crianças da comunidade. As atividades foram realizadas no Complexo Desportivo de Luz e Sólido, que possui quadras de futebol, vôlei, basquete e tênis. Além disso, foram realizadas aulas de dança, música e teatro. As crianças também participaram de uma exposição de artes e de uma feira de ciências.



O projeto de Luz e Sólido também promoveu uma série de atividades culturais e esportivas para as crianças da comunidade. As atividades foram realizadas no Complexo Desportivo de Luz e Sólido, que possui quadras de futebol, vôlei, basquete e tênis. Além disso, foram realizadas aulas de dança, música e teatro. As crianças também participaram de uma exposição de artes e de uma feira de ciências.



O projeto de Luz e Sólido também promoveu uma série de atividades culturais e esportivas para as crianças da comunidade. As atividades foram realizadas no Complexo Desportivo de Luz e Sólido, que possui quadras de futebol, vôlei, basquete e tênis. Além disso, foram realizadas aulas de dança, música e teatro. As crianças também participaram de uma exposição de artes e de uma feira de ciências.

Histórico e referências metodológicas



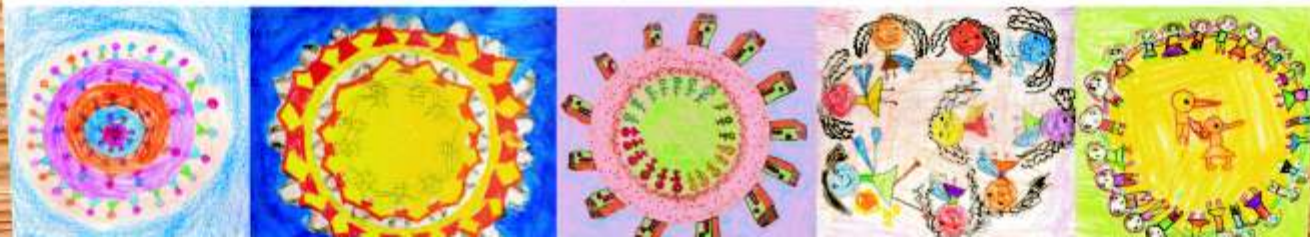
A história do projeto Grãos de Luz e Griô foi construída pela história de vida de muitas pessoas e entidades, seus afetos, saberes, conflitos e sonhos de um mundo melhor. É impossível citar todas, tampouco seus diversos pontos de vista e contribuições. Escolhemos aqui uma linha do tempo e da vida de pessoas e entidades que justificam o Projeto como ele se encontra hoje.

Em 1993, lideranças femininas da comunidade de Lençóis -Sra. Maria Luiza (foto à esq.) e mães da comunidade, mais tarde apoiadas pela Sra. Zélia Caribé (foto à esq.)- tiveram a iniciativa de produzir e distribuir uma sopa comunitária para as crianças de famílias de baixa renda do Alto da Estrela, bairro periférico da cidade. Nesta mesma época Manoel Alcântara desenvolvia um projeto de horta comunitária com crianças e adolescentes da comunidade. Foi assim que Jane da Silva Pellaux, brasileira, então residente na Suíça, em uma de suas visitas regulares a Lençóis, propôs a integração destas e outras iniciativas, com o seu apoio e de amigos da Suíça, para a criação de um projeto de educação para crianças e adolescentes.

Nasceu o Grãos de Luz no espaço das mães da Igreja Católica de Lençóis, unindo as iniciativas anteriores com oficinas de artesanato e reforço escolar. Mais tarde, a iniciativa foi apoiada pela argentina Jimena Paratcha, ex-moradora de Lençóis que passou a residir na Inglaterra, e Jimmy Page, guitarrista do Led Zepellin. Todas essas lideranças se vincularam pelo sonho de criar e apoiar projetos de educação e proteção às crianças e adolescentes do Brasil. Grãos de Luz lembra mitos de chamamento do diamante dos garimpeiros da região. Além disso, no imaginário social é muito freqüente a criança ser associada a uma semente. A palavra luz, por sua vez, remete a sabedoria.

Em 1997, apesar de existir um interesse claro de muitas lideranças em fundar juridicamente o Grãos de Luz, optou-se por uma parceria com uma associação local para institucionalização dos financiamentos dos Amigos da Suíça (coordenado por Jane Pellaux- foto à dir.) e ABC Trust da Inglaterra (coordenado por Jimena Paratcha). Essas entidades estão até hoje entre as mais importantes da rede de solidariedade e responsabilidade social que sustenta o Grãos de Luz e Griô.

2000 / 01 - Pinturas e desenhos das escolas municipais e da oficina Grãos de Luz de artes visuais



Em 1998, a equipe responsável pelas oficinas de arte e brincadeira iniciou a construção de uma proposta de educação para a cidadania num projeto pedagógico intitulado Oficinas Grãos de Luz, com o objetivo central de fortalecimento da identidade afetiva e cultural dos participantes. A oficina se inspirou em referências metodológicas da educação biocêntrica de Ruth Cavalcante e Rolando Toro; na psicologia comunitária de Cezar Wagner Góis; na arte-educação; na pedagogia de Paulo Freire; e na participação nas políticas públicas de Elenaldo Teixeira.

O planejamento estratégico das oficinas Grãos de Luz contou com a orientação de Elenaldo Teixeira (professor de ciências políticas da Universidade Federal da Bahia) no sentido de delimitar o universo quantitativo de crianças e adolescentes, participando do desenvolvimento qualitativo de políticas públicas de educação e proteção. Assim, de 1999 a 2002, o Grãos de Luz presidiu o Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, estruturando-o, fundando o Conselho Tutelar local, quase único em toda a região, e propondo o primeiro regimento e Plano Municipal da Criança e do Adolescente.

Ainda em 1999, os resultados das oficinas Grãos de Luz foram reconhecidos pela Secretaria de Educação de Lençóis, que convidou a coordenação de projetos das oficinas para facilitar vivências e discussões na semana pedagógica municipal, além de **elaborar um projeto de formação de educadores municipais**.

A coordenação de projetos do Grãos de Luz apresentou à Secretaria de Educação uma sistematização baseada nas seguintes experiências:

1. No projeto de curso de extensão que discutiu a educação biocêntrica na Universidade Federal da Bahia (de 1994 a 1996 - Faculdades de Psicologia, Pedagogia e Dança), pelas facilitadoras Lillian Pacheco e Claudia Monteiro;

2. Nas experiências em educação biocêntrica da coordenação de projetos (Lillian Pacheco), na contação de histórias (Márcio Caires), na arte-educação (Suzy Brasil) na educação e artesanato (Aline Viana, Delza Bispo e Raimunda Moreira) das Oficinas Grãos de Luz (1998/1999);

3. No Projeto Escola Real e Escola Ideal (1999) de pesquisa e vivência da realidade da educação na zona rural de Lençóis, por estudantes da disciplina sociologia da educação do curso de magistério do Colégio Estadual local, liderado pelo professor Márcio Caires, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

4. No ritual de passagem liderado por Lillian Pacheco para adolescentes afrodescendentes do Clube Maria Bonita (1999), onde a figura do griô africano foi relevada pelo etnólogo Ardaga Widor.

O encontro com a idéia do griô africano, contador de histórias da tradição oral, se identificou completamente com as intuições e estratégias de fortalecimento da identidade cultural, formuladas pela coordenação de projetos. **Assim foi nomeado o Projeto Griô e durante sua aplicabilidade foi inventado o Velho Griô como figura mítica e política que representou e sensibilizou o imaginário social da comunidade participante, bem como a postura e metodologia dos seus pesquisadores, educadores e coordenadores.**



O Projeto Griô priorizou o objetivo de mobilizar, encantar e capacitar educadores das escolas rurais e urbanas. Envolveu mil crianças e adolescentes, fortalecendo a identidade dos participantes e o vínculo afetivo e cultural entre 11 escolas e comunidades, além de desenvolver e sistematizar práticas de educação inovadoras.

O fortalecimento da identidade dos educadores e a parceria com a Secretaria de Educação, baseada no diálogo e no desenvolvimento da consciência crítica, motivaram a fundação da Associação de Professores Municipais e a reestruturação e participação social no Conselho Municipal de Educação.

Durante os anos de 2000 e 2001, o Projeto Griô participou do Programa Crer Para Ver (*1), sendo acompanhado pedagogicamente pela educadora Fátima Freire, então coordenadora do Programa. O Projeto teve sua prática de educação de tradição oral nas escolas divulgada nacionalmente em jornais e televisões (*2) por ter sido considerada inovadora na rede pública. Durante os encontros de formação do Programa Crer para Ver, consultores da área, como Miguel Arroio e Madalena Freire, potencializaram os sonhos do Projeto em sistematizar as práticas de educação que valorizassem os rituais na escola.

Foi neste período que as oficinas Grãos de Luz e o Projeto Griô ficaram sem espaço físico para a realização de suas atividades. Os educadores trabalharam nas ruas, em suas casas e em espaços cedidos pela comunidade para manter o atendimento às crianças e aos adolescentes, apresentando peças teatrais e exposições nas escolas públicas e no Festival de Inverno de Lençóis, sensibilizando o poder público municipal e empresários locais.

Em 2001, a crise da falta de espaço, a falta de autonomia administrativa e jurídica dos projetos e o sonho da sistematização de práticas educativas motivaram as mães, as crianças, adolescentes e jovens que cresceram nas oficinas Grãos de Luz, os educadores do projeto e das escolas, parceiros empresários locais (Canto das Águas e Venturas e Aventuras), e a própria coordenadora dos Amigos da Suíça, Jane Pellaux, a fundar a associação **Grãos de Luz e criar uma rede de solidariedade e responsabilidade social com parceiros locais, nacionais e internacionais**. A fundação da associação contou ainda com o apoio declarado das lideranças que criaram suas primeiras idéias e ações em 1993 e da parceria da ABC Trust.

A rede de solidariedade e responsabilidade social viabilizou o pagamento das despesas do aluguel de um imóvel amplo no Centro Histórico de Lençóis e a **sistematização da missão, objetivos, princípios, estratégias, termos de parceria e atividades regulares autônomas dos Projetos que integrados receberam o nome de Grãos de Luz e Griô**. Nessa nova etapa, a associação passou a realizar avaliação e planejamento institucional e integração de equipe, criar metas e indicadores de resultados e a registrar coletivamente suas atividades.

Em 2002, o projeto Grãos de Luz e Griô expandiu a caminhada do Velho Griô para 15 municípios da Chapada Diamantina, por meio de um diálogo dramatizado, cantado e dançado entre uma lavadeira (representando a sociedade civil), uma fazendeira (representando o poder privado), e o homem do governo (representando o poder público). A caminhada mobilizou o diálogo entre mais de mil representantes dos três setores (poder público, grupos culturais, agricultores, fazendeiros e empresários) sobre o tema gerador do ano - a água na Chapada Diamantina, trabalhado nas oficinas Grãos de Luz.

(*1) Programa Crer para Ver, da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, financiado pela Fundação Abrinq e Natura Cosméticos.
(*2) TV Cultura SP, programa Caminhos e Parcerias com Neide Duarte, produção Max Eluard; TV Globo RJ, programa Ação, com Serginho Groisman, produção Marcos Figueireda.



Em 2003, o Projeto Grãos de Luz e Griô conquistou o primeiro lugar, entre 1.834 projetos do Brasil, no Prêmio Itaú Unicef de "Educação e Participação" coordenado pelo Cenpec (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária) com o tema "Muitos Lugares para Aprender".

Neste ano o projeto trabalhou a questão das relações de gênero no município, numa perspectiva de desenvolvimento integral da criança e do adolescente e a identidade cultural local. Aprofundou seus estudos e pesquisas da tradição oral dos griôs do Brasil e do noroeste da África, inventando a Roda da Vida e das Idades para a recriação do currículo de educação de Lençóis.

Em 2004 e 2005, o Projeto pesquisou o tema gerador "Griô: a tradição viva". Contou com o apoio da Brazilfoundation, com práticas da pedagogia nagô de Vanda Machado e com a arte-educação de Carlos Petrovich (assessores na criação do currículo de educação afro-brasileira baseado no decreto 10.639/2003).

A parceria do Cenpec, através do Prêmio Itaú Unicef, agregou novos valores e referências ao Grãos de Luz e Griô. Como consequência, o Projeto tornou-se um dos participantes dos festivais internacionais de artes populares coordenado pela ONG Abrasoffa (em São Paulo e na Galícia, Espanha); ampliou seus espaços na mídia; melhorou sua infra-estrutura e, junto aos Amigos da Europa garantiu a continuidade e crescimento de sua rede de solidariedade e responsabilidade social, para reestruturação das oficinas Grãos de Luz e aquisição do imóvel que alugava no Centro Histórico de Lençóis.

No Festival Internacional da Galícia-Espanha, o Projeto realizou rituais de vínculo e aprendizagem com 26 participantes de Lençóis, da criança ao velho, interagindo com aproximadamente 5 mil pessoas. A convivência afetiva e cultural entre os grupos culturais na Galícia inspirou a fundação da Associação Lena - Lençóis Narón (Galícia, Espanha)

- mais uma entidade criada na Europa para educação e proteção às crianças, adolescentes, jovens e griôs de Lençóis.

Ainda em 2005, o Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura reconheceu o Projeto Grãos de Luz e Griô como Ponto de Cultura do Brasil, investindo na inclusão digital para todos os participantes e geração de renda para jovens.

Em 2006 o projeto manteve suas atividades locais, aprimorando e ampliando um sistema de apadrinhamento para as crianças e adolescentes, estruturando e ampliando suas oficinas com jovens (artesanato, turismo comunitário e banda de música). Também investiu na sistematização e distribuição deste livro e documentários anexos, além de projetos de disseminação de sua pedagogia e política, conquistando as parcerias:

1. *BID Monumenta Unesco/IPHAN, para a capacitação de jovens e construção de uma rede de economia solidária do Grãos de Luz e Griô em 3 municípios da região da Chapada Diamantina;*

2. *Criança Esperança, Rede Globo e Unesco para o desenvolvimento do projeto Grãos de Luz e Griô com crianças e adolescentes em parceria com 2 municípios da Chapada Diamantina;*

3. *Ministério da Cultura, para articular 100 Pontos de Cultura, escolas e universidades do país com aproximadamente 500 Griôs e Mestres de Tradição Oral em projetos de fortalecimento da identidade das crianças e adolescentes vinculados à sua ancestralidade.*

4. *Projeto Bagagem SP para articular uma rede de turismo comunitário e economia solidária de jovens a partir das trilhas educativas e culturais Griôs em Lençóis e em outros municípios da Chapada Diamantina.*



Modelo de ação pedagógica

O modelo de ação pedagógica do Grãos de Luz e Griô é vivenciado e sistematizado por meio de quatro estratégias de ação integradas. Cada estratégia de ação é direcionada a determinados setores sociais e idades, facilitando a criação de uma roda.

O encontro das rodas chama-se Roda da Vida e das Idades, que se inspira na qualidade multissetorial, intergeracional, dançante e solidária das rodas das capoeiras, dos candomblés, das manifestações culturais indígenas, das tradições orais do noroeste da África e outras manifestações e organizações de tradição oral do Brasil.

Veja o modelo no desenho ao lado (Valdeci, 10 anos) criado a partir da vivência da Roda da Vida e das Idades na comunidade da Ponte, Lençóis. O desenho organiza as quatro estratégias de ação do modelo em rodas concêntricas:

a. A **Roda das oficinas e cooperativas Grãos de Luz** com crianças, adolescentes, jovens e suas famílias.

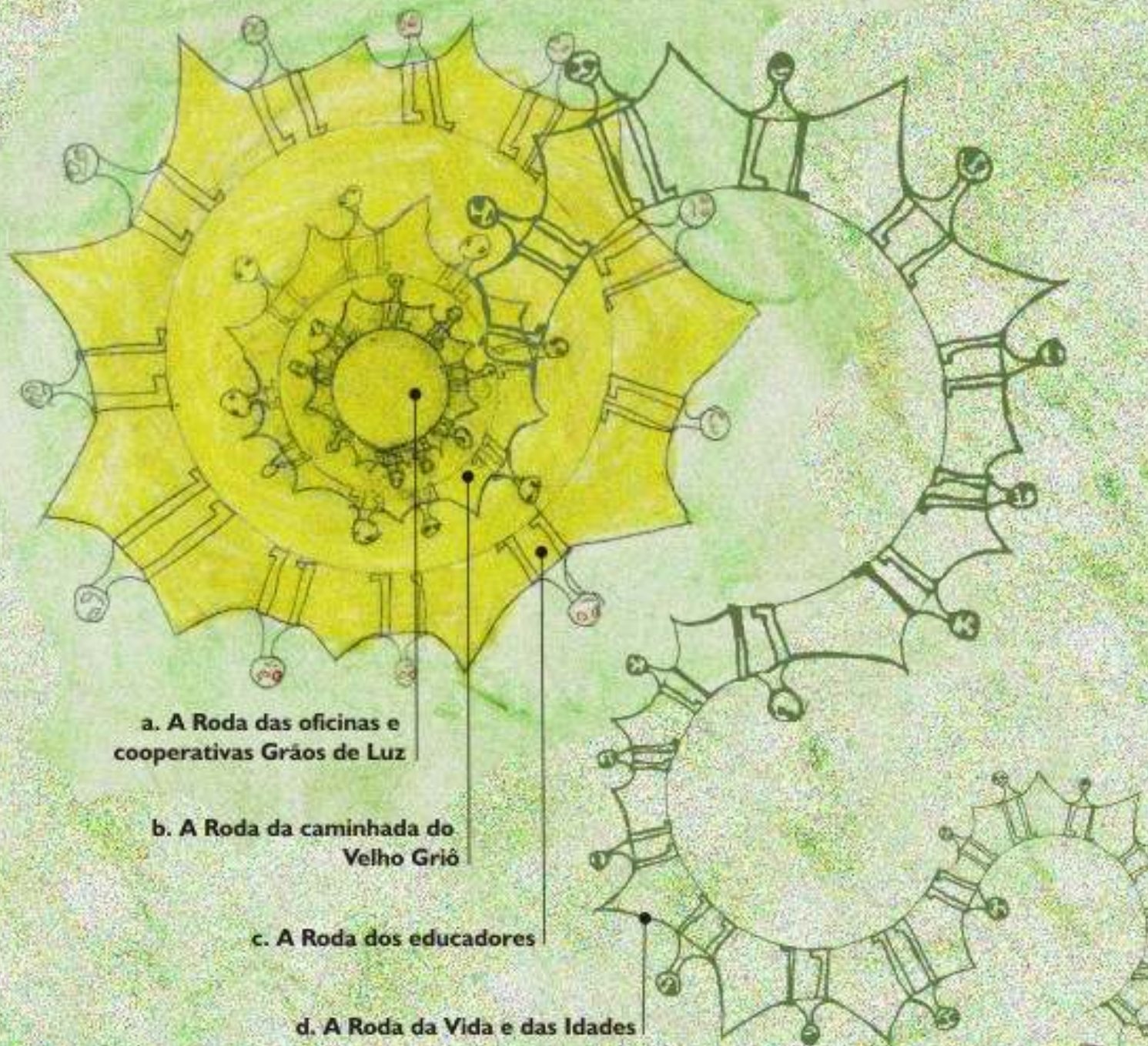
b. A **Roda da caminhada do Velho Griô** com griôs e grupos culturais nas escolas e comunidades.

c. A **Roda dos educadores** que integram a tradição oral no currículo de educação municipal, com atores de todas as idades do sistema municipal de ensino.

d. A **Roda da Vida e das Idades**, com todos os participantes, em diálogo com parceiros dos três setores sociais, conselhos municipais, estaduais e federais, universidades, ongs, projetos, programas e políticas do país e do mundo.

A Roda da Vida e das Idades é vivenciada por meio de rituais de vínculo e aprendizagem durante todo o ciclo anual do Projeto. A seguir, será detalhada cada estratégia de ação para a formação das rodas.

Valdeci 10 ANOS SERIE





a. As oficinas e cooperativas Grãos de Luz

Oficinas

Nas oficinas Grãos de Luz iniciam-se vivências e pesquisas compartilhadas do tema gerador do ano com as crianças, adolescentes, jovens e suas famílias.

A primeira idéia, plantada como um grão, permanece viva até hoje: produção de uma sopa comunitária numa fogueira na rua, no quintal, na praça, com as famílias dos bairros periféricos da cidade. A sopa abre e fecha o ano letivo das oficinas. As meninas e meninos e jovens entram no Grãos por encanto e iniciativa própria, recebendo seu material didático para as oficinas e escolas, além de auxílio na organização de seus documentos pessoais.

Os participantes grãos recebem um padrinho ou uma madrinha e começam a vivenciar os projetos pedagógicos das oficinas, contando, pintando, costurando, desenhando, cantando, dançando,

reciclando e registrando sua história de vida, de sua família, de sua comunidade, dos griôs, dos mestres e do Brasil. Participam de vivências e pesquisas sobre mitos, heróis e arquétipos, símbolos, cantigas, danças, artes, saberes e histórias de vida que integram a rede de palavras geradoras em torno do tema gerador anual.

As oficinas facilitam o desenvolvimento da criança e do adolescente nos níveis do aprender a ser, sentir e expressar, fazer e refletir, criando produtos artísticos e educativo-culturais que integram tradição oral e as ciências da vida. São oficinas semanais de identidade, arte e artesanato e cursos específicos que envolvem os mestres e griôs locais na educação das crianças e adolescentes.

Fotos: Jainine, 12 anos, e sua mãe Zilmara, na preparação da sopa no quintal da casa de mãe Nida, bairro do Tamba, Lençóis, 2005.



“Aprendi que para ajudar um amigo temos que trabalhar com ele, e não para ele”

Edelson Brito, 17 anos.

Cooperativas

Quando os grãos de luz completam 16 anos, as oficinas se transformam em um **grupo cooperativo de jovens** que vivencia e pesquisa a cultura local, buscando criar e gerir seu projeto de vida e sua pré-profissionalização, valorizando artes e ofícios tradicionais e redes de economia solidária. Os produtos: trilhas griôs, aulas espetáculos, artesanatos e produtos didáticos (cd's, dvd's, livros e jogos) são vendidos pelas oficinas de **Artesanato em Retalhos, Papel Reciclado, Turismo de Base Comunitária e Música e Tradição Oral** para gerar renda para os jovens do projeto. **(Veja produtos na página 150)**

Na oficina de **Criação Gráfica** os jovens criam produtos didáticos e de divulgação (livros, calendários, jogos e informativos) que contam as vivências e invenções do Grãos de Luz e Griô, aprendendo técnicas de fotografia, programas de tratamento de imagem, editoração eletrônica e aplicando conceitos de equilíbrio, forma e cor da cultura local.

As oficinas e grupos cooperativos Grãos de Luz são espaços onde as sementes do saber são semeadas para serem cultivadas em diversos cantos de Lençóis e do Brasil por griôs, educadores e demais participantes da Roda da Vida e das Idades.

Foto: Roda de apreciação de produtos.

Cartas espontâneas de crianças das comunidades rurais e urbanas ao Velho Grão.



VELHO GRÃO



EU GOSTEI
MUITO DAS SUAS
BRICADEIRA VOCE
GOSTA DE CRIANÇAS
SUAS BRINCADEIRAS
SÃO TODAS lindas
EU GOSTO MUITO
DE VOCE FIM
FIM





b. Caminhada do Velho Griô

Os mitos, heróis e arquétipos, símbolos, saberes e histórias de vida, cantigas e danças pesquisados e vivenciados nas oficinas Grãos de Luz são sistematizados para a criação de rituais de vínculo e aprendizagem. Os rituais são semeados pelo Velho Griô em sua caminhada nas comunidades e escolas municipais rurais e urbanas. O Velho Griô chega caminhando nas comunidades e envolve crianças, adolescentes, educadores, merendeiras e diretores com os griôs e mestres de tradição oral, num diálogo dançante em torno do tema gerador.

Assim é formada a roda dos griôs e mestres participantes do sistema de educação, das políticas culturais do município e da Roda da Vida e das Idades.



Crianças estudando plantas, prof.^a Suely Santos, Escola Isabel da Silveira, Lençóis, e pesquisa de ervas medicinais, prof.^a Thelma Campos, Escola Lindolfo Almeida, comunidade da Ponte, Lençóis.

c. Integrando tradição oral no currículo de educação municipal

A magia do Velho Griô e dos griôs da tradição oral local e seus rituais de vínculo e aprendizagem encantam os educadores da rede municipal. Estes se organizam para um encontro de capacitação de educadores griôs regulamentado por termo de parceria com a Secretaria de Educação. Os educadores vivenciam as pesquisas sistematizadas pelas oficinas Grãos de Luz e pela caminhada dos griôs. Recebem ainda a Sacola Griô, com produtos educativo-culturais* criados e reproduzidos com as crianças, adolescentes e jovens do Grãos de Luz. A partir dessas atividades e produtos, os educadores criam projetos pedagógicos em torno do tema gerador do ano, integrando tradição oral e ciências da vida nas escolas e comunidades.



* Relatos ilustrados de práticas pedagógicas das escolas e oficinas, livro de história costurada em retalhos, livro de cantigas e cordéis dos griôs locais (ver p.53), cd's, filmes, material bibliográfico, bonecas de pano para contação de histórias (ver p.146), entre outros.

A referência metodológica das oficinas Grãos de Luz e da caminhada dos griôs em diálogo com a diversidade social e cultural das escolas e comunidades, enriquece a identidade e criatividade dos educadores, crianças, adolescentes e jovens, integrando ensino informal e ensino formal na Roda da Vida e das Idades.

d. A Roda da Vida e das Idades



As igualdades e as diferenças, a relação entre a tradição e o futuro, líderes e liderados, poder econômico e cultural tecem-se entre as pessoas, rompem e recriam os vínculos afetivos e a estética da roda. Nesse processo de encontros e despedidas, constrói-se a ética dos atores e autores sociais de todas as idades, gêneros e culturas que dançam e se percebem parte de cada uma delas. A evolução da ética e do saber, a valorização do encontro, da festa e da cultura, a convivência e diálogo entre os diferentes lugares sociais, idades, raízes étnicas e modelos de pensamento são desafios vivenciais da Roda da Vida e das Idades. Os participantes que se identificam, se comovem, se encantam e recriam no centro da roda sua história de vida poética e mítica, se vêem nos olhos do outro e sentem a necessidade visceral de se vincular, de ser parte da roda, de criar ou se reconhecer em outras rodas. A roda se rompe em fractais e formam um novo modelo, caótico e biocêntrico, onde a luz do grãos se repete afirmando a vida como centro do saber, do trabalho e da cultura. Forma-se um novo logotipo que é utilizado para a **Ação Griô Nacional**.

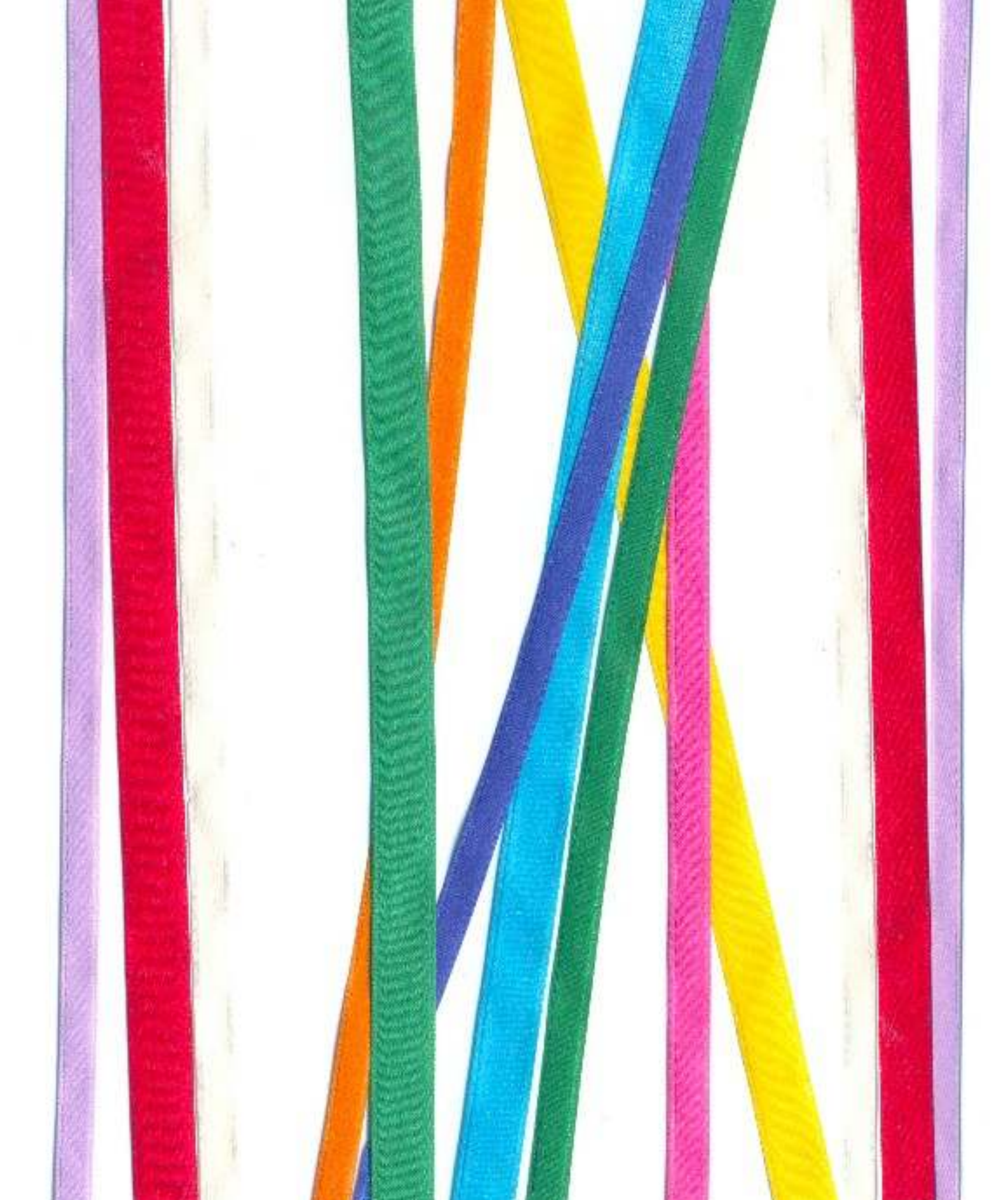
A construção e desconstrução das rodas formam outras rodas e redes educativas, culturais e solidárias de participação, proposição, sistematização e coordenação de projetos, encontros, programas, prêmios, políticas e orçamentos, integrando os três setores em torno da missão. As crianças e adolescentes das oficinas compartilham suas pesquisas, vivências e

produtos educativos nos conselhos municipais, nas escolas e grupos culturais para a construção do currículo municipal. Os jovens criam produtos educativo-culturais e se articulam numa cooperativa e rede de economia solidária de artesãos e griôs na região. Os educadores participam da construção da política pública local recriando o currículo de educação municipal, justificando e implantando suas propostas por meio dos conselhos de educação municipal, estadual e federal, participando de prêmios de educação e dialogando com as universidades. Os grupos culturais criam redes informais e vivas para encontros, vivências culturais, proposição de fundos e programas para fortalecimento da identidade dos griôs e mestres e da educação de tradição oral.

No fim do ano, todos se reencontram na Roda da Vida e das Idades, dialogando palavras geradoras e criando o tema gerador anual. Compartilham saberes em exposições, oficinas, caminhadas, seminários, aulas, espetáculos, conferências, encontros e vivências. O Grãos de Luz e Griô caminha, vincula-se e reaprende com a tradição oral e projetos de educação e proteção da criança, do adolescente e do jovem na Chapada Diamantina, no Brasil, na Galícia, em Moçambique, e com os griôs do Mali, no noroeste da África.

Foto: Roda da Vida e das Idades, com crianças, mães, jovens estagiários, educadores e representantes da escola José Senna e da Secretaria de Educação, Lençóis, 2005.







2.

Griões e mestres
de tradição oral



“O griô tá vindo lá de meus avós, de meus tios, trazendo aquela lembrança nossa que nós tínhamos antigamente, que estava ficando esquecida. Eu tenho muita satisfação por essa lembrança que eu tenho quando chego junto à sociedade. Enquanto vida eu tiver eu estarei aqui”.



(Seu Aurino, sanfoneiro, pescador e mestre da marujada, comunidade do Remanso, Lençóis, Bahia. Na foto, com Antônia Violeira, desfilando nas ruas de Mugardos - Festival Internacional da Galicia, Espanha. Emboixa, o cantador Picopeu com Marreco, cantor e dançarino de hip hop, no lançamento do Grãos de Luz e Griô como Ponto de Cultura, 2004/05; jovens cooperativistas em espetáculo com a cantora Pedrina, seminário Grãos de Luz e Griô de Educação e Tradição Oral. 2005.)



O que é a tradição oral?



Caroline, 9 anos.

“Uma vez que a sociedade africana está fundamentalmente baseada no diálogo entre os indivíduos e na comunicação entre comunidades ou grupos étnicos, os griôs são os agentes ativos e naturais nessas conversações”

(HAMPÂTÉ BÂ, 1982, p. 204).

Para compreender o significado de griô, é preciso dialogar sobre uma “sociedade baseada no diálogo entre os indivíduos e na comunicação entre as comunidades ou grupos étnicos” - a tradição oral - diferenciando inclusive o conceito de griô e de mestre. Conversar ainda sobre o significado da palavra e do diálogo para as sociedades do noroeste da África e para diversos grupos da cultura de tradição oral brasileira.

Todavia esse diálogo exige uma pesquisa específica e uma vivência afetiva e cultural que transpõe o papel de um antropólogo ou de um educador, historiador ou educando.

A tradição oral compromete completamente o mundo simbólico da história de vida de quem a estuda, porque só é compreensível por meio da vivência de cada palavra que ouve e de rituais iniciatórios. Portanto é preciso aprender com a tradição oral brasileira. Reconhecer e reinterpretar a tradição oral através de uma política pública e pedagogia que possibilitem aos brasileiros uma aprendizagem vivencial e reflexiva profunda de sua própria ancestralidade.

As estratégias de diversos projetos culturais falam de resgate e quem vai regatar geralmente não conhece sua ancestralidade que é viva, ainda precisa resgatar a si mesmo. Falam de empoderamento, de dar voz e vez às chamadas comunidades excluídas, mas a tradição oral de diversas comunidades propõe entregar a corporeidade e sua memória vivencial para a aprendizagem entre os chamados incluídos e excluídos, os enriquecidos e empobrecidos, os educadores e educandos. É preciso questionar quem educa quem? quem é incluído? quem quer se incluir e qual é o espaço de inclusão? É um desafio que inverte papéis sociais e desenha relações de igualdade e diversidade.

“Os gestos do tecelão, ao acionar o tear, representam o ato da criação, e as palavras que lhe acompanham os gestos são o próprio canto da vida” (HAMPÂTÉ BÂ, 1982, p. 197).

Reconhecer a tradição oral é considerar que o patrimônio cultural brasileiro não se reduz ao que está escrito nos livros e, portanto, não é propriedade das pessoas alfabetizadas ou letradas. É considerar que o patrimônio cultural é também formado por um tesouro vivo de bens imateriais que são transmitidos oralmente de geração em geração em diversas áreas do conhecimento, não apenas nas artes e na religião. Existe um sistema de educação informal, uma cultura que resiste ao ciclo intergeracional da pobreza preservando e produzindo uma riqueza cultural e identitária no Brasil.

No contexto dos últimos dez anos, a sociedade civil brasileira se organizou para discutir, propor e realizar políticas públicas de educação, do que resulta a Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e a sua alteração pela Lei 10.639/2003. Estas leis reconhecem a diversidade de identidades culturais baseada na afirmação da igualdade dos direitos humanos. Novos conceitos de desenvolvimento e de inclusão social se expressaram claramente no Relatório da Situação da Infância e da Adolescência Brasileira (Unicef, 2003)

“O desenvolvimento compreende não apenas o acesso a bens e serviços, mas também a possibilidade de escolher um estilo de vida”.
“Nascer indígena ou branco, viver na cidade ou no campo, no sul ou no norte, ser menina ou menino, ou filho de mãe com baixa escolaridade, ter ou não deficiência determina as oportunidades que crianças e adolescentes terão à saúde e à educação ou de ser ou não explorados”.
“Ser negro aumenta em duas vezes a chance de viver na pobreza”
(Unicef, 2003).

A partir do relatório Unicef 2003, deduz-se que a maioria das famílias brasileiras de tradição oral apresentam diversos fatores de risco social, porque está classificada nos indicadores de baixa escolaridade, de maioria negra e indígena de comunidades do campo. Porém o indicador de escolaridade é um conceito que precisa ser revisado, pois cria uma contradição e uma dissociação entre o saber produzido nas escolas e o saber produzido pela tradição oral, tornando invisível para as políticas públicas o papel cultural, social, político e econômico dos griôs, dos mestres e das famílias/comunidades de tradição oral brasileiras.

“A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se

encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente”. Tierno Bokar Salif, *Passou toda a sua vida em Bandiagara (Mali, África). Grande mestre da ordem muçulmana de Tijaniyya, foi igualmente tradicionalista em assuntos africanos. Falecido em 1940. (Cf. HAMPÂTÉ BÂ, 1982).*

Essa concepção de saber não diminui a importância dos indicadores e investimentos dos programas de alfabetização de educação formal. No entanto contribui para refinar seus critérios e métodos de aplicabilidade. Primeiro, porque é uma aberração classificar um mestre de tradição oral simplesmente como um analfabeto. Segundo, porque não é suficiente considerar os conhecimentos prévios de um educando de família/comunidade de tradição oral, nem tampouco valorizar o diálogo com os saberes da cultura local. Reconhecer a tradição oral é muito mais do que isso, já que estamos falando de um desenvolvimento que considera a possibilidade de escolher um estilo de vida. (Unicef, 2003)

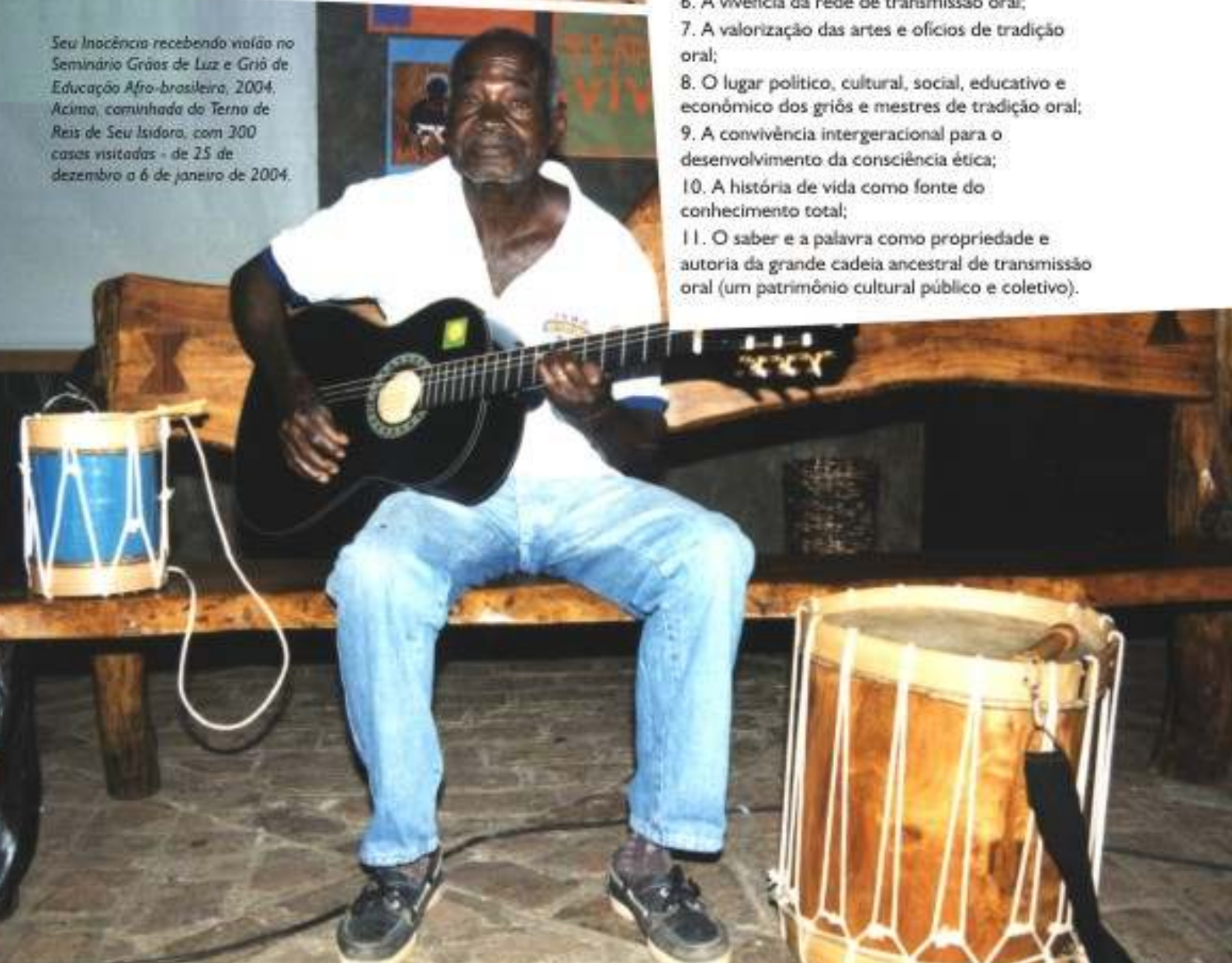
Mas o que significa escolher um estilo de vida? É mais bonito morar numa casa de palha ou numa casa de tijolo? É digno não ter luz elétrica? É mais saudável morar no campo, ou na cidade? É mais importante aprender toré ou as quatro operações matemáticas? Existe a liberdade de escolher não usar tênis ou TV? É possível escolher um parto com um médico ou uma parteira?

Que padrão de cidadão da cidade, de cidadão consumista e de estilo de vida capitalista o pesquisador/educador tem no olhar para ler a pobreza ou a riqueza, o estilo de educar e de viver dignamente para trabalhar com o empoderamento de um mestre de tradição oral e com os projetos de vida de uma comunidade?

A concepção do saber de tradição oral passa por princípios indissociáveis de práticas de uma escola de vida. Para que a política e os programas de educação e cultura do Brasil reconheçam a tradição oral, é necessário reler e reinterpretar seus princípios e práticas.



Seu Inocência recebendo visita no Seminário Grãos de Luz e Griô de Educação Afro-brasileira, 2004. Acima, caminhada do Terno de Reis de Seu Isidoro, com 300 casas visitadas - de 25 de dezembro a 6 de janeiro de 2004.



Estudando a tradição oral no Brasil e Hampâté Ba, especialista em tradição oral do noroeste da África, a pedagogia griô vem sistematizando seus princípios e práticas a seguir:

1. A ligação sagrada entre o ser e sua palavra;
2. A responsabilidade sagrada do ser em relação à vida na Terra e à harmonia do universo;
3. A função e o desenvolvimento da memória (afetiva, cognitiva e corporal);
4. A importância do conhecimento total da vida, aquele que religa e interage a brincadeira (e a festa), a arte, a ciência, o mito e a religiosidade;
5. A importância dos rituais na educação;
6. A vivência da rede de transmissão oral;
7. A valorização das artes e ofícios de tradição oral;
8. O lugar político, cultural, social, educativo e econômico dos griôs e mestres de tradição oral;
9. A convivência intergeracional para o desenvolvimento da consciência ética;
10. A história de vida como fonte do conhecimento total;
11. O saber e a palavra como propriedade e autoria da grande cadeia ancestral de transmissão oral (um patrimônio cultural público e coletivo).

Diversos programas e projetos buscam valorizar a tradição oral através da pesquisa e registro escrito ou audiovisual de seus saberes e produções culturais. É uma estratégia relevante. No entanto, é uma estratégia emergencial para as comunidades quem vivem a fome da cultura e a reinventa daquilo que parece invisível.

As estratégias de médio e longo prazo de valorização da tradição oral precisam priorizar seus princípios e práticas. Para registrar por escrito seus saberes, é necessário potencializar a rede de transmissão oral e seus autores - os griôs e mestres - possibilitando-lhes o vínculo e o reconhecimento diante das novas gerações e dos sistemas formais de ensino e aprendizagem. Esta nos parece uma estratégia de vital importância. **Como?**

O principal registro da tradição oral é a memória vivencial e dialógica afetiva cognitiva e motora. É uma memória dançante, cantante, contadora de histórias e conversadora. O Brasil precisa do caminhante (do griô aprendiz) que entrega sua corporeidade, sua pele, sua voz, seus sentimentos, sua palavra divina para gravar a continuidade da história viva da tradição oral. Um caminhante que se entregue à caminhada para ligar os fios familiares e comunitários das redes de transmissão oral.

Aqui se abre uma longa estrada de desafio, encanto, participação social, diálogo e inovação. É nesse espaço que o Grãos de Luz e Griô caminha e conspira. É uma conspiração afetiva e mágica, mas profundamente política, onde a palavra, o diálogo e a vivência são compromissos sagrados com a vida.

Nessa estrada também caminham outras iniciativas relevantes no País. No Ceará (Lei 13.351/2003, decreto 27.229/2003), em Pernambuco (Lei 12.196/2002, portaria 3.307/2005) e em Alagoas foram discutidos e publicados editais para valorizar os mestres dos

saberes com bolsas/salários, visando articular programas de educação com crianças, adolescentes e jovens.

Uma rede de Pontos de Cultura do Brasil do Programa Cultura Viva em parceria com o Grãos de Luz e Griô têm proposto e sistematizado estratégias de valorização da educação de tradição oral para construir uma política e uma pedagogia - a **Ação Griô Nacional**.

As estratégias giram em torno da promoção da pesquisa, registro e apoio a infra-estrutura dos espaços, saberes, fazeres, artes e ofícios dos representantes e grupos da tradição oral; pesquisa e registro das memórias e histórias de vida do povo brasileiro; promoção de encontros, seminários e espetáculos para expressão e diálogo entre grupos e representantes da tradição oral; facilitação de atividades educativas de tradição oral para crianças, adolescentes e jovens (ex: da dinamização de espaços ritualizados de contação de histórias e mitos geradores de reflexão e formação da ética); facilitação de atividades educativas e culturais entre representantes de todas as idades da tradição oral; desenvolvimento e sistematização de metodologia da educação com as linguagens de tradição oral; participação em políticas inter-setoriais para fortalecimento de redes de tradição oral; participação nas políticas de educação e cultura para integração da tradição oral com a educação formal e com as linguagens artísticas.

Todas estas estratégias precisam fundar sua reflexão nos princípios e práticas da tradição oral, reinventando, reinterpretando e respondendo perguntas importantes, como: **o que é a tradição oral? como se dá sua pedagogia? quem são os griôs e mestres de tradição oral?**

Quem são os Griôs? A palavra griot é francesa, griot no masculino e griote no feminino. Griô é um jeito brasileiro proposto pelo Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô que optou pelo trabalho com os/as griôs reis, os/as que são iniciados/as pelos mestres.

Segundo Hampâté Bâ, nas línguas e dialetos da região sul do Saara, noroeste da África, na tradição oral dos grupos étnicos Bambaras e Fulas na região do Mali, de onde originam os griôs, eles têm diversos nomes e funções sociais, como por exemplo, em Bambara: Dielis, que significa sangue, uma analogia com o que circula no organismo vivo. Eles são genealogistas, contadores de histórias, músicos/poetas populares, importantes agentes da cultura. Chegam a assumir a função de noticiadores, mediadores e diplomatas. Às vezes são contratados pelos nobres para pesquisar e contar a história e genealogia de sua família, seus heróis e glórias. Os griôs podem enfeitar ou alegrar os eventos de uma comunidade como os palhaços. Na tradição oral, a palavra tem um poder e um significado divino, tem um compromisso com a verdade e com os ancestrais. Ter o poder de brincar e enfeitar as palavras é algo legitimado apenas por alguns tipos de griô.

Segundo Thomas Hale (1998), os griôs são responsáveis por uma sabedoria e uma arte verbal presentes nos rituais da vida social: nascimento, iniciação, aliança matrimonial, cerimônia de casamento e funerais. Os griôs têm uma imagem social e política, além de um lugar econômico determinante no funcionamento das sociedades do noroeste da África.

A seguir propomos o perfil do Velho Griô de Lençóis, como um griô aprendiz que possui um papel político fundamental para a mediação do diálogo entre o ensino formal e informal. Propomos ainda o perfil dos griôs e dos mestres de tradição oral brasileiros.



Seu Isidora, cantador e líder de Terno de Reis, recebendo viola na abertura do Seminário Grãos de Luz e Griô de Educação e Tradição Oral, Lençóis, 2005. Divulgação de programas de valorização de mestres de tradição oral no Ceará.





Perfil do Griô Aprendiz

- Experiência em pesquisa e mobilização social, diálogo e mediação política;
- Participante de grupos culturais e/ou associações locais que trabalham com as tradições orais;
- Pessoa com facilidade para transmitir a sabedoria de tradição oral por meio da fala e da palavra, como uma arte ou magia;
- Autodidata em história, antropologia, artes cênicas, jornalismo ou áreas afins;
- Mediador entre os saberes de tradição oral e a educação formal;
- Pessoa com experiência em educação comunitária e facilitação de vivências em grupo;
- Participante de rituais e/ou atividades de iniciação com um mestre de tradição oral de sua escolha.
- Pessoa que se identifique com a figura do caminhante, do viajante e contador/a de histórias;



Perfil do Griô de Tradição Oral

- Líder de grupos culturais e associações locais que trabalham com as tradições orais e/ou a animação popular: congadeiro(a), fulião de reis e bois, cantador(a) de quadrilha, marujo(a), capoeirista, jongueiros e outros;
- Pessoa com facilidade para transmitir a sabedoria de tradição oral por meio da fala e da palavra, como uma arte ou magia: repentistas, contador(a) de história, músico (cantador(a), compositor(a)), trovador(a) ou menestrel, poetas em geral que percorrem o País ou estão ligados a uma família/comunidade;
- Pessoa com história de vida de tradição oral;
- Músico, instrumentista e animador/a de festas;
- Pessoa que se identifique com a figura do caminhante, do viajante e contador/a de histórias;
- Idade mínima de 50 anos.

Ao lado, encontro de grupos culturais no lançamento do Grãos de Luz e Griô como Ponto de Cultura da Brasil, Lençóis, 2004/05.



Quem são os mestres?

Hampâté Bâ define os mestres como doutores em ofícios diversos e grandes iniciadores das ciências da vida. São os Domas para os Bambaras, ou os Silatiguis para os Fulas. Quando um griô quer ser iniciado por um Doma, pode ser convidado a ficar anos em silêncio, olhando um ofício e ouvindo as verdadeiras histórias, até criar a primeira pergunta ou poder transmitir seus conhecimentos. Os griôs iniciados pelos domas são griôs reis ou griôs Domas. Eles pedem permissão e ajuda aos seus ancestrais quando falam, para que nem o tom da voz crie dúvidas sobre a verdadeira história.

Na busca de compreensão e atualização dos conceitos de griôs e mestres, o Velho Griô de Lençóis registrou a síntese de mestre Dunga, curador da comunidade:

“O mestre é a raiz, o griô é a sua rama”.



Dana Bela, porteira e rendeira de Lençóis - BA e seus bilros de renda no Museu Dana Bela, criado pelas crianças e adolescentes da oficina Grãos de Luz e jovens do grupo cooperativo de retalhos. Prof.^a Aline Viana e sua mãe, Nilza Viana, Lençóis, 2004.



Perfil dos mestres

- Reconhecidos(as) nas comunidades como líderes espirituais, com a sabedoria da cura ou de iniciação para a vida, buscados(as) por pessoas de diversas regiões (por exemplo: curador, parteira e rezadeira, pajé, pai e mãe-de-santo, mestre de capoeira etc.);
- Conhecedores/as e fazedores/as de conhecimentos, iniciados ou iniciadores/as de um ramo tradicional em artes e ofícios diversos relacionados às ciências da vida (por exemplo: tecelão, ferreiro, sapateiro, pescador, caçador, rendeira, construtor de instrumentos musicais ou brinquedos, baiana de acarajé etc.);
- Pessoa com história de vida de tradição oral;
- Que se identifique com a figura do/a sábio/a e do/a mestre;
- Idade mínima de 60 anos.

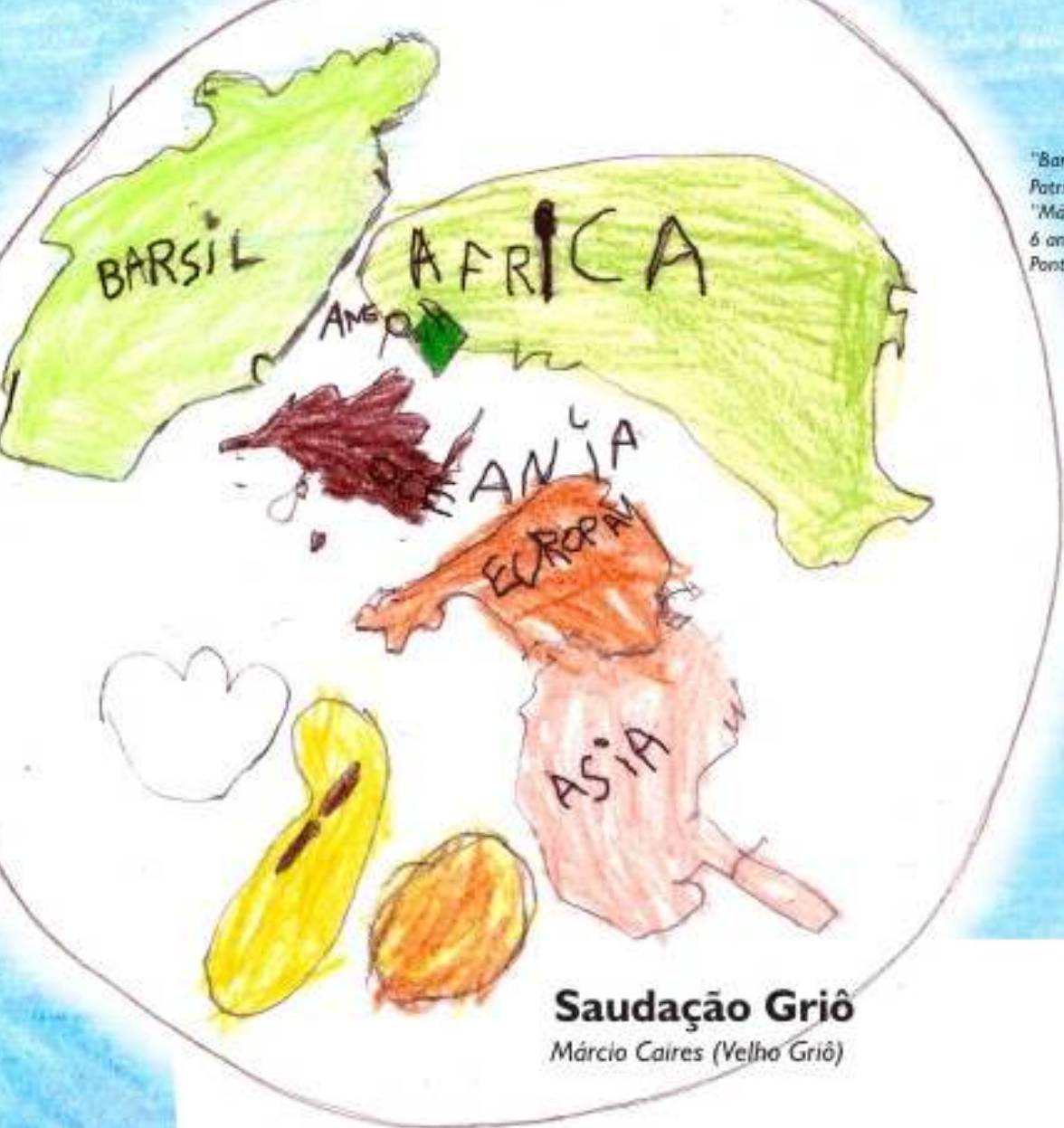
Estes conceitos foram sistematizados a partir dos rituais de vínculo e aprendizagem vivenciados em Lençóis e em diversos cantos do País. Eles servirão de base para a proposição de políticas educativas e culturais de tradição oral.

Nos próximos capítulos conheceremos uma experiência de iniciação de um Griô Aprendiz, além da pedagogia griô, que integra princípios e práticas da tradição oral.



3.

A iniciação de Velloz grão



"Barsil", aluno do prof.
 Patrícia Pontes, Lençóis;
 "Mãe Terra", Leandro,
 6 anos, comunidade da
 Ponte, Lençóis.

Saudação Griô

Márcio Caires (Velho Griô)

*A todos desta sala
 Com licença a sua atenção
 Vim de longas caminhadas
 Trago dor, prazer e palavra
 Nas cordas do violão.*

*Deste canto até a África
 Não tinha separação
 E por tanta água salgada
 As terras se separavam
 Por um mar de imensidão.*

*Misturou branco, índio e negro
 Neste cantador do sertão
 Tropeiro, vaqueiro e garimpeiro
 Cavaram os rios da chapada
 Com a bateia da escravidão.*

*Lá na África se espera
 Com respeito um griô
 As histórias que os velhos contam
 Não se escreve, nem se esquece
 Vai na voz de um cantador.*



Livro de contigas aprendidas pelo Velho Griô com os griôs e mestres da tradição oral de Lençóis. Material didático produzido pela oficina Grãos de Luz de identidade, dança e música, prof.^o Márcio Caires e prof.^o Lillian Pacheco. Pintura: "Velho Griô" de Assis, 11 anos, exposição de pinturas das escolas municipais, Lençóis, 2004.

O Velho Griô de Lençóis é um Griô aprendiz, alegre e afetivo, que canta e conta histórias da cultura lençoense, inspirado na tradição oral de nossas raízes afro-brasileiras, em rodas de vivências, músicas e danças que sensibilizam e integram a escola e a comunidade. Velho porque é o símbolo da sabedoria da vida. E griô porque representa uma figura africana, das tradições orais, nômade, que vive caminhando entre comunidades, aprendendo e ensinando a cultura da região.



“Quando eu tô na roda brincando eu vou para o outro mundo, eu gosto de samba, tenho medo que acabe e eu fique sem brincar”,
Cantador João Picopeu, pai da educadora Marisa e avô de Jadi, estudante.

Quando o Velho Griô conta e canta, as pessoas se reconhecem, porque ele fala dos avós, bisavós que interligam a história e a vida daquele povo, suas lutas e glórias. O Velho Griô é uma figura mágica. A magia para o imaginário da criança. Um mito que fala numa linguagem que as crianças e velhos das comunidades afrobrasileiras entendem, porque as brincadeiras de roda dos velhos são brincadeiras de criança. As histórias e vivências do Velho Griô possibilitam uma visão de mundo a partir das nossas origens do hemisfério sul, como a montagem de desenhos ao lado, onde duas crianças das comunidades da Ponte e do Tomba, Lençóis, localizam o Brasil e a África juntos, no topo e no centro do mundo.



Caminhada do Velho Griô na comunidade do Estreito, 2004

A ideia da caminhada dos griôs em Lençóis atualiza a tradição dos griôs, reconhecendo a irmandade da África e do Brasil. Os griôs de Lençóis são os caminhantes que semelam nas escolas/comunidades o poder da oralidade: a palavra, a escuta, os princípios do diálogo, a vivência, os mitos, os arquétipos, os símbolos, os rituais, as histórias de vida, as expressões artísticas e artesanais, os saberes de um povo e de seus mestres, que formam o eixo para leitura do mundo, a participação na construção do social e o fortalecimento da sua identidade.

Contudo, um griô não nasce da noite para o dia. Quando foi proposto a Márcio Caires,

educador, neto de um sanfoneiro de oito baixos e bisneto de uma rendeira, professor de sociologia da educação, pós-graduado em antropologia e turismo, que largasse o questionário, o gravador, os métodos de levantamento de dados e diagnósticos, e que assumisse o Velho Griô que ele é, a caminhada se iniciou.

A caminhada revela uma rede de comunicação feita por meio das diversas linguagens já citadas, mas particularmente dos recados e combinados, que obedecem a outro tempo e ritmo da informação, sustentada por uma ética que não precisa de escrita nem assinatura.



A caminhada revela ainda palavras e diálogos que abrem espaços de silêncios profundos plenos de comunicação, com dialetos nacionais que acentuam vogais e saltam consoantes. Palavras que vinculam o ser e sua terra, contando sua vida como conta a própria ciência do lugar. Que vinculam o ser a um universo de relações de parentesco e convivência, contando sua vida como conta a história de sua família e sua comunidade. Palavras que expressam o significado da palavra "cultura" desde sua raiz - *colo*, que significa *eu moro, eu ocupo a terra, eu trabalho, eu cultivo o campo*.

A rede de comunicação que se dá na caminhada do Velho Griô é tão viva e corpórea como as pessoas. As feiras e festas populares são os principais pontos de encontro que intensificam o movimento da

rede. A ideia da caminhada foi inspirada na dinâmica principal de diversas festas culturais e religiosas, como é o caso do reisado e na própria caminhada dos griôs africanos.

É importante afirmar que o Velho Griô não foi criado como um personagem de teatro para se vestir de cantador ou contador de histórias e ganhar a confiança dos griôs e mestres de tradição oral. O nascimento do Velho Griô foi sua própria história de vida relacionada a um processo de iniciação que se deu principalmente na caminhada ritualizada, na convivência afetiva e cultural, nas vivências de rituais de cura e proteção, nos diálogos de histórias e saberes, nas rodas de cantoria e dança, na transmissão oral de segredos e mistérios, no vínculo de respeito e aprendizagem com a comunidade, os griôs e mestres de tradição oral de Lençóis.





Desenho de Lucas Silva, 9 anos, profª Rozenilda Lima, comunidade do Tanquinho. Detalhes da roupa da Velho Griô com pinturas e retalhos produzidos nas oficinas Grãos de Luz de retalhos e artes visuais, e na capacitação de educadores municipais.



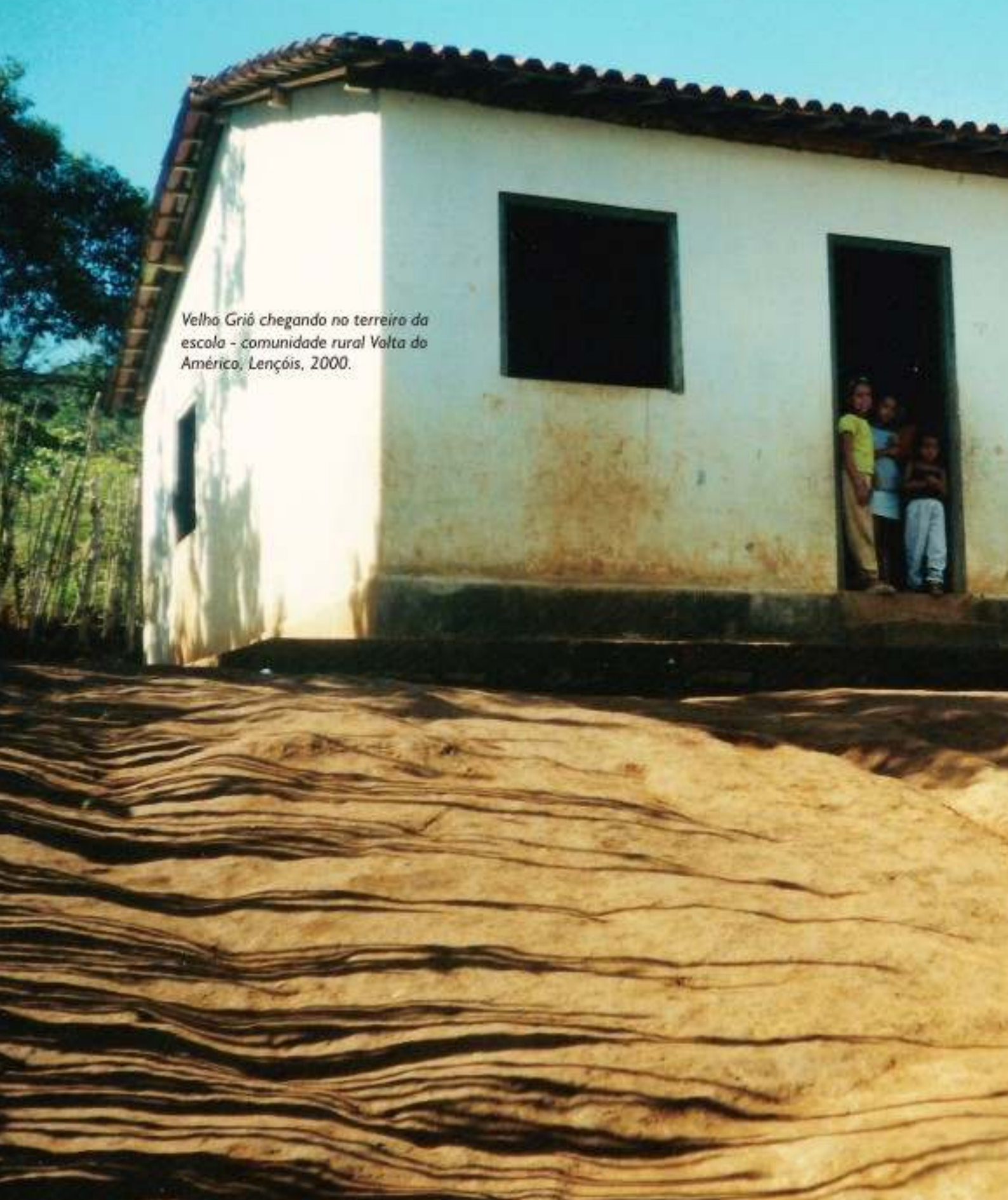
Nas primeiras comunidades, o Velho Griô sabia pouco, aprendia muito na roda. Aprendeu na sua caminhada até poder integrar os saberes e facilitar a troca dos mesmos entre as comunidades. Cada comunidade/escola ensinou-lhe um novo símbolo, uma nova cantiga, uma nova dança ou história para ser incluída nos seus rituais de vínculo e aprendizagem. Diversos saberes não estão elaborados, são retalhos da cultura que se costuram na caminhada, formando uma colcha de retalhos como reinterpretação da cultura.

Os griôs e mestres da comunidade se revelaram tão vivos no diálogo com o Velho Griô que fizeram nascer um movimento social de valorização do que estava escondido ou invisível aos olhos de quem não sabia ver. O Velho Griô foi incorporando, ao longo de suas inúmeras caminhadas e encontros, roupas, adereços, gestos, cores e musicalidade propostos pelas crianças, adolescentes, jovens, educadores, griôs e mestres.

Seu paletô de personalidade pública com a alegria dos retalhos, fitas, fuxicos e desenhos contam histórias e simbolizam manifestações culturais da comunidade. Seu canivete e cachimbo no bolso, pião e colar no pescoço, são objetos que guardam a memória de representantes da tradição oral. Os instrumentos artesanais, ou não, da cultura de tradição oral (caixas, zabumbas, violas, rabecas, pifanos) que os griôs ensinam ao Velho Griô, voltam a ser valorizados, produzidos e tocados com mais frequência na comunidade. Seu chapéu traz o poder e o respeito dos símbolos de cabeça. O poder que é jogado e dividido com todos no centro da roda.

"O Velho Griô traz a fantasia. Quando o Velho Griô chega, todo mundo canta, todo mundo vibra e pára pra escutar" Professora Márcia Teles, Escola Isabel da Silveira, comunidade do Tomba.

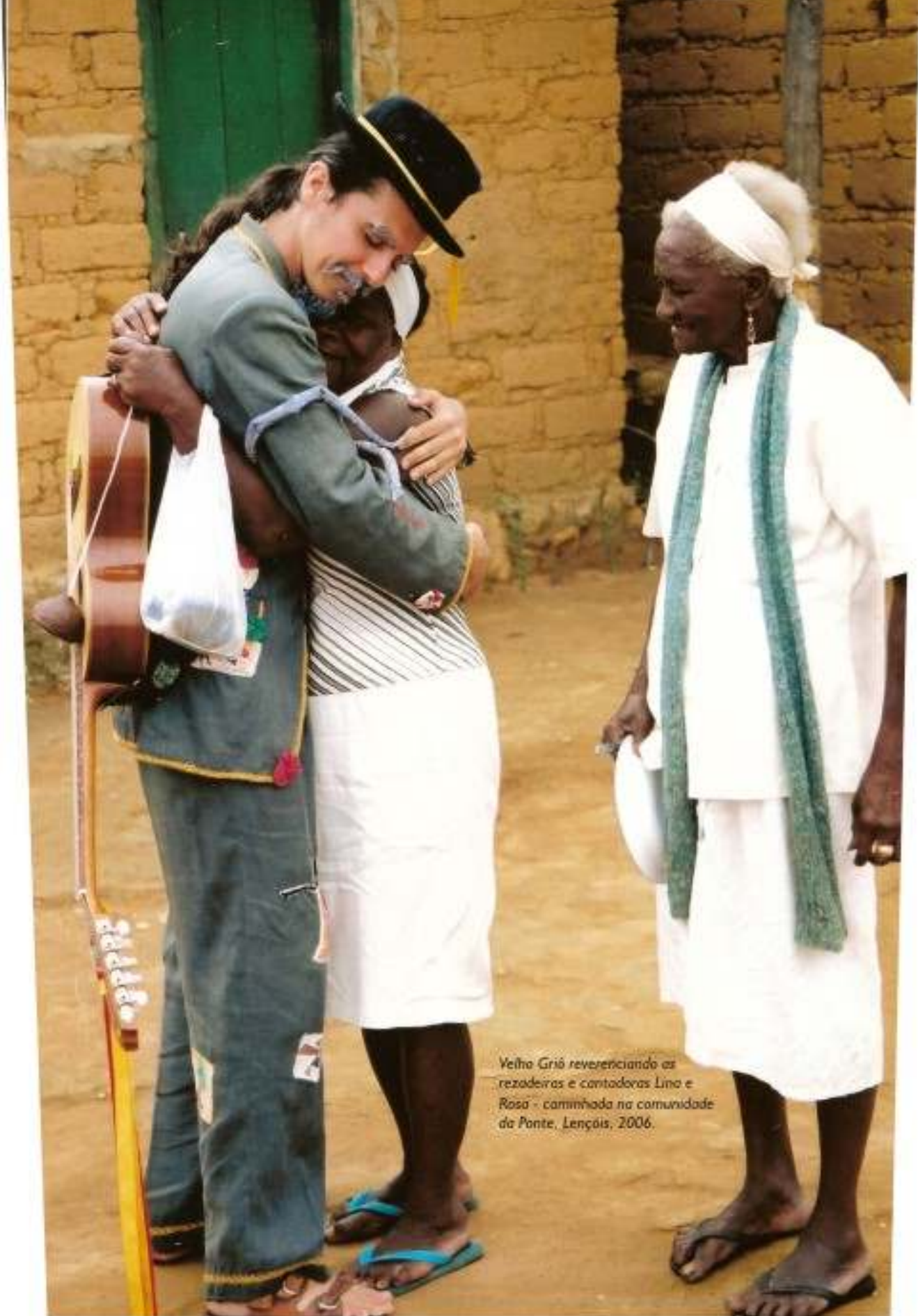
Durante os rituais, o Velho Griô reverencia, envolve e releva griôs e mestres da cultura local, facilitando a aprendizagem deles com a roda da comunidade. Os griôs da tradição oral local começam a participar da caminhada entre as comunidades com o Velho Griô, aprendendo, orientando e reinventando rituais de vínculo e aprendizagem a partir de sua própria linguagem e ancestralidade que se atualiza a cada encontro e diálogo. O Velho Griô é convidado pelos mestres e griôs para ser iniciado nas vivências das manifestações culturais de tradição oral da comunidade, escolhendo o mestre que o orientará na sua caminhada e na vida. Os mestres não caminham. Seus saberes, artes e ofícios são a essência da formação dos griôs e da construção do conhecimento dos mistérios e das ciências da vida elaborados **nos rituais de vínculo e aprendizagem.**

A photograph of a white school building with a tiled roof. The building has a dark doorway and a dark window. Three people are standing in the doorway. In the foreground, there is a large pile of sand with distinct wavy patterns. The background shows some greenery and a clear blue sky.

Velha Griô chegando no terreiro da escola - comunidade rural Volta do Américo, Lençóis, 2000.



4. O Ritual do Velho gris



Veilho Griô reverenciando as rezadeiras e cantadoras Lino e Rosa - caminhada na comunidade da Ponte, Lençóis, 2006.



Dos sertões da África para os sertões da Bahia...

... o Velho Griô chega caminhando de surpresa em cada comunidade e escola, reverenciando com o seu chapéu os velhos e velhas, com a viola na mão, cantando o refrão da cantiga Boi de Mariá (um jogo de versos que aprendeu com os cantadores Seu Zé Herculano, da comunidade Água Boa, e Seu Isidoro, da comunidade Ingazeira, Lençóis).

Eu ia passando
Boi de Mariá
Lá no bebedouro
Ô Iya, Iya
Meu chapéu caiu
Boi de Mariá
Meu amor pegou
Ô Iya, Iya.

Diversos olhares, de todas as idades, surgem nas portas e janelas das casas e da escola. O Velho Griô convida griôs da comunidade, educadores, meninos e meninas para a caminhada. A roda das idades vai se desenhando no terreiro (espaços amplos de terra de uma casa, ou da comunidade).

Como diz o verso "meu chapéu caiu, meu amor pegou", o Velho Griô joga o chapéu no

chão no centro da roda e convida a roda para brincar com o chapéu, botar na cabeça e lançar um verso, seja de improviso ou da memória cultural do lugar. Um brincante da roda pega o chapéu e canta um verso.

*Se eu soubesse que tu vinhas
Eu mandava te buscar
Dentro de um vasinho de cheiro
Para o sol não te queimar.*

Todos cantam o refrão e o chapéu volta para o chão, depois para a cabeça de outra pessoa que também joga seu verso.

*Sete e sete são quatorze
Com mais sete vinte e um
Soletrando sabe ler
As paixões de cada um.*

Os versos são jogados, até o Velho Griô pegar o chapéu de volta.

*A lua já vem surgindo
Por detrás daquela serra
Não é lua, não é nada
É a bandeira dos Sem Terra.*

Cada pessoa que ocupa o centro da roda é cuidadosamente reverenciada e acolhida pelo olhar e gestual do Velho Griô. Toda a roda é motivada a valorizar e a aprender com a pessoa que ocupa o centro naquele momento. Dessa maneira, o Velho Griô vai realizando o objetivo de sua brincadeira educativa e cultural de chegada: construir a Roda da Vida e das Idades do lugar, abrir o ritual de vínculo e aprendizagem com crianças, adolescentes, jovens, mães, pais, avós, educadores, diretores e merendeiras.



Jogo de versos, criança no centro da roda da comunidade do Remanso (remanescente quilombola), Lençóis, 2005

Ao integrar a roda, o Velho Griô cumprimenta a todos, apresenta-se, pede a bênção ao seu mestre e aos mestres e griôs presentes:

*Lá nos sertões da África
Entre aldeias distantes
Caminham mulheres e homens
Aprendendo e ensinando
a sabedoria daquele povo.*

*São griôs
E quando os griôs e as griôs
chegam nas aldeias
As crianças, os pais, os tios e os avós
sentam na roda.*

*E está aberto o ritual do
CONTADOR DE HISTÓRIAS.*

*A bênção, mestre Dunga... a minha viola
estadeira vem aqui pedir permissão pra fazer
umas brincadeiras e contar umas histórias que
o Velho Griô aprendeu com os avós, pais,
mães, educadores, meninos e meninas que
viverem neste chão.*

*A roda se formando na terra da comunidade de
Volta do Américo. Lençóis, 2000.*



O ritual continua...

...com danças e cantigas de samba de roda, batuques, cantos e danças do trabalho, aprendidos com a tradição oral local para integrar e ativar o grupo, além de facilitar a expressão de cada um no centro da roda.

*Cumpade, seu galinheiro
Dê milho a sua galinha
Seu filho mal ensinado
Passou na minha porta
Com parte namorar*

(Todos cantam em fileiras que rodam e batucam os pés no chão no mesmo ritmo)

Palma fora

(todos batem palma com as mãos para fora da roda)

Palma dentro

(todos batem palmas com as mãos para dentro da roda)

E pisa o milho

(a roda pára e todos batucam os pés, pisando o milho)

Sopra o fogo

(todos sopram o fogo em roda)

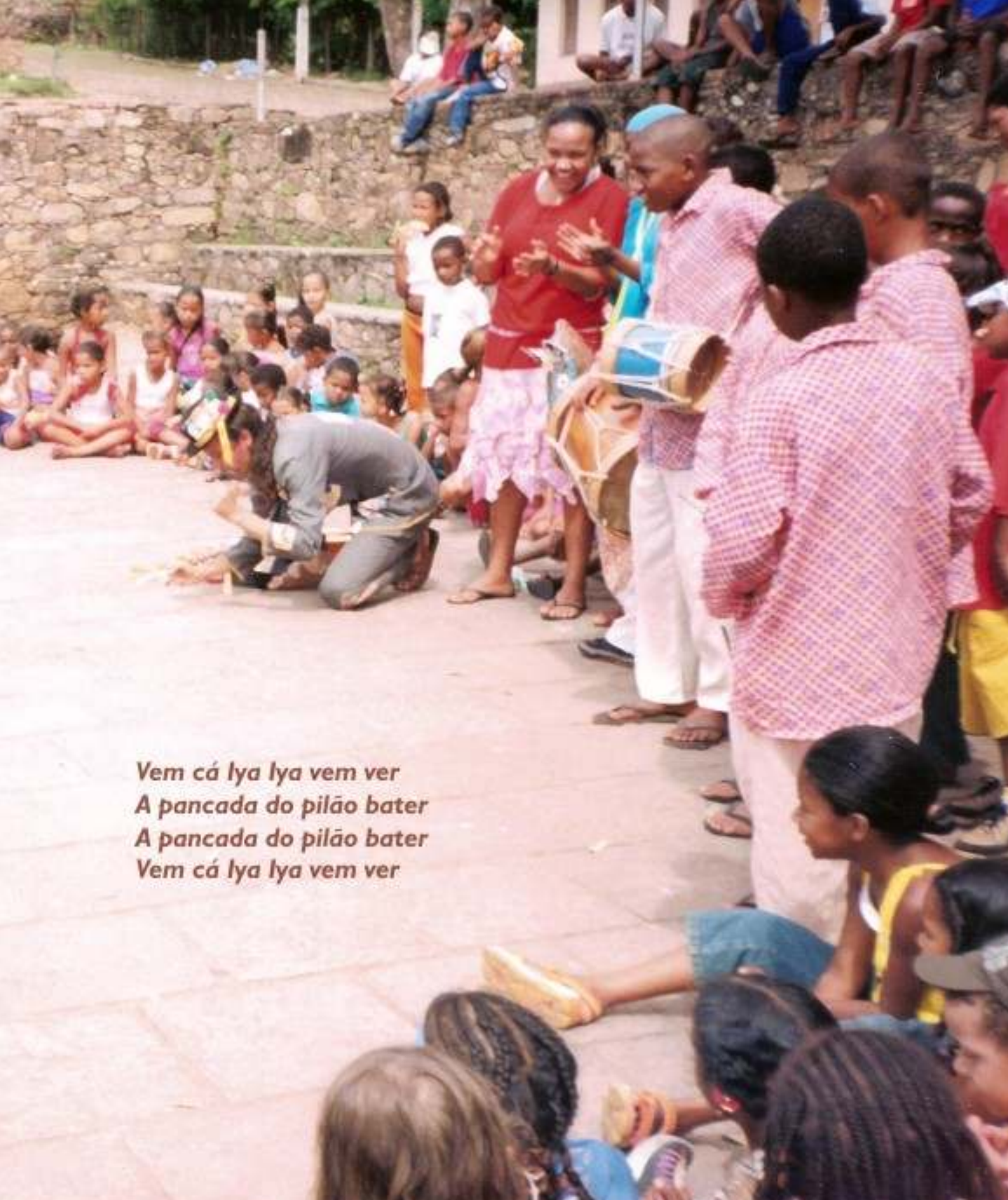
Olha a brasa

(todos saltam juntos)

(Cantiga/dança de trabalho do milho aprendida pelo Velho Griô com Mestre Dunga e Dana Tila, Comunidade São José, Lençóis, Bahia)



Danças e músicas do trabalho com Dona Rosa, Dona Lina e Diego Soledade batendo a pilão - Rada da Vida com as crianças, mães, jovens estagiários e administradores da Escola José Senna e Secretaria de Educação - Lençóis, 2005. Desenho de Daniela, 10 anos.



*Vem cá lya lya vem ver
A pancada do pilão bater
A pancada do pilão bater
Vem cá lya lya vem ver*

“ Depois das danças e cantigas do trabalho, fomos visitar Dona Rosa, que disse: ‘ O pilão serve para muitas coisas, entre essas, beneficiar os alimentos.’ Conteí minha história com o pilão, daí estudamos alimentos, medidas e preços, produzindo e brincando com uma mini feira (abaixo), plantando urucum e modelando pilões em argila”, profª Janúcia Cruz, Escola Isabel da Silveira, Lençóis.



História de vida

"Lembrei que ela era parteira e rezava contra mal alhado. Quando a gente tava longe a gente pedia para ela rezar pela gente. Ela era curandeira, curava todo mundo e sabia assaviar para chamar cobra... usava um cachimbo, cachimbo me lembra ela... batia jarê e cantava reis. No dia 27 fazia roupa para as crianças e vestia a gente com verde e amarelo. Fazia o caruru de vinho. Começava a preparar a festa meses antes. No final pegava as sobras e tinha que jogar em água corrente... Lembro dela com a trouxa de roupa ou lenha na cabeça, a gente indo longe no rio lavar roupa e no mato catar lenha... o casamento foi uma fuga da vida difícil... ela foi posta para fora de casa grávida de mim... ela viveu da terra, de engenho de rapadura... enfrentou seca, vendeu gado, vendeu a roça. Plantava sozinha para formar as filhas: feijão, batata, mandioca, milho... ela pisava o milho pra fazer

cusuz e vender na rua. Pisava e cessava o café que a avó torrava por encomenda... fazia cerca de mamona... enxada sempre na mão... lembro do tear em movimento e eu malinando, pisa numa e desce. Ela também sabia fazer linha no fuso... pano de coar, articum, ingá, jatobá, o algodão era pintado com anil... quando vejo uma renda ou um pano de caça é como se tivesse vindo ela... em tempos de chuva ela juntava os netos para contar história... a mãe dela foi uma escrava ou uma índia caçada a dente de cachorro na mata... e ela correu da guerra de Horácio de Matos, aprendeu até a garimpar o diamante. O diamante fez história na minha família, até hoje tem gente que sonha e trabalha procurando ele na serra... mãe é uma coisa que vem de dentro e avó é mãe duas vezes... ela trabalhou muito, foi uma heroína. Para ela minha coroa de guerreiro".

Acima, texto coletivo produzido na vivência de identidade e história de vida (Capacitação de educadores 2004, prof.^a Lillian Pacheco). Os educadores dançaram movimentos arquetípicos do trabalho e do guerreiro relacionados à história de vida de suas mães e avós. Em regressão, lembraram e se reidentificaram com símbolos fortes da história, desenhando-os e compartilhando as memórias na roda.

Ao compartilhar criaram palavras geradoras que expressavam poeticamente os símbolos desenhados. As palavras foram organizadas no texto coletivo para reinterpretação do imaginário social da comunidade em relação à força da sua ancestralidade. Esta composição serviu de base para o Velho Griô contar a história de vida de Dona Rosa, rezadeira e cantadora de Lençóis.



Roda de embalo na comunidade
Volta do Arco, 2000

Quando a **roda da vida e das idades** está construída, o Velho Griô convida as pessoas para ocuparem o seu lugar no centro da roda, no centro do mundo, no centro de sua identidade. Existem diversas cantigas e danças de identidade ritualizadas, como os Torés por exemplo, que preparam os participantes para o desafio de celebrar sua história no centro da roda.

Ô Rosa Rameia Rameiá /
Rauê Rauê, Rauê Rauá

(Toré aprendido com as grupos indígenas Tupinambá,
Kiriri e Kaimbé da Bahia)

Antes de contar uma história de vida ou um mito, o Velho Griô harmoniza o grupo com **rodas de embalo** e cantigas de ninar e outras melodias da cultura local que antecedem os espaços de transe para a contação das histórias. A voz, a postura, o olhar, o dedilhar na viola e o gestual do Velho Griô criam um ambiente mítico,

encantado, afetivo e dialógico para que a história entre por diversos canais de percepção.

Priquito maracanã! Cadê a sua Iya Iya
Priquito maracanã! Cadê a sua Iya Iya.
Faz um ano, faz um dia
Que eu não vejo ela passar.

(Cantiga aprendida pelo Velho Griô com Caio, 9 anos,
comunidade do Remanso, Lençóis, Bahia)

Abaixo, exercício da Escola José Senna, Lençóis.

Complete a cantiga da roda de embalo dos cantadores de Lençóis - Iya Iya - que na língua Yorubá do noroeste da África significa "Mainha".

Priquito _____	Macarrão Maracujá
Cadê a _____ Iya Iya	Maracanã Perito
_____ maracanã	Perigoso Priquito
Cadê a _____ Iya Iya	Suar Seu Sua
Faz um _____	Uma Ana Ano
Faz um _____	Duas Dia Passar
Que eu não vejo	Vela Veja Vejo
Ela _____	Passo Passar



Contando histórias durante a sapa tradicional do Grãos de Luz, Lençóis, 2005.

O Velho Griô pega seu cajado e bate no chão, pedindo a bênção aos seus ancestrais. Para cada ancestral chamado uma batida do cajado no chão, até chegar ao seu nome ("Eu Sou...") e contar a sua história ou mito. Esta afirmação de identidade digna e serena é repetida pelos participantes que se comovem e recebem o cajado para pedir suas bênçãos e contar a sua história ou um mito na roda. Os mitos e histórias se encontram e se entrelaçam revelando estudos das ciências da vida e do lugar. O ritual passa a ser construído coletivamente por um diálogo sensível entre as diversas idades, setores e lugares sociais, etnias e nacionalidades presentes costurando um fio de memórias vivas e coletivas independente de territorialidade.

Para fechar o ritual, o Velho Griô facilita danças de harmonização e encontro das emoções e sentimentos compartilhados na roda de histórias, depois joga suas cantigas de despedida. Elas foram aprendidas com os grupos culturais quando terminam seu ritual de visita às lapinhas, de samba-de-roda, reis de mulinha, marujadas e outras manifestações.

*É hora é hora
Do vapor ir embora
Eu vou ver meu bem
Ó meu Deus o que é que eu faço
O meu destino pede
Eu vou-me embora também.*

(Cantiga aprendida pelo Velho Griô com a parteira, cantadora, reiseira e filha-de-santo Dona Maria Lina, comunidade do Tomba, Lençóis, Bahia.)

Jussinéia, 6 anos (Sistema Salar produzido a partir do mito), prof.^o Argileu, comunidade do Cantinho, Lençóis.



O mito de Maa Ngala

Não havia nada, senão um Ser. Este Ser era um Vazio vivo, a incubar potencialmente as existências possíveis. O Tempo infinito era a moradia desse Ser-Um. O Ser-Um chamou-se de Maa Ngala. Então ele criou 'Fan', Um Ovo maravilhoso com nove divisões. No qual introduziu as nove estados fundamentais da existência. Quando o Ovo primordial chocou, dele nasceram vinte seres fabulosos que constituíram a totalidade do universo, a soma total das forças existentes do conhecimento possível. Mas, aí!, nenhuma dessas vinte primeiras criaturas revelou-se apta a tornar-se o interlocutor (Kuma-nyon) que Maa Ngala havia desejado para si. Assim, ele tomou de uma parcela de cada uma dessas vinte criaturas existentes e misturou-as; então, insuflando na mistura uma centelha de seu próprio hálito ígneo, criou um novo Ser, o Homem, a quem deu uma parte de seu próprio nome: Maa. É assim esse novo ser, através de seu nome e da centelha divina nele introduzida, continha algo do próprio Maa

Ngala. Síntese de tudo o que existe, receptáculo por excelência da Força suprema e confluência de todas as forças existentes, Maa, o Homem, recebeu de herança uma parte do poder criador divino, o dom da Mente e da Palavra. Maa Ngala ensinou a Maa, seu interlocutor, as leis segundo as quais todos os elementos do cosmo foram formados e continuam a existir. Ele o intitulou guardião do Universo e o encarregou de zelar pela conservação da Harmonia Universal. Por isso é penoso ser Maa. Iniciado por seu criador, mais tarde Maa transmitiu a seus descendentes tudo o que havia aprendido, e esse foi o início da grande cadeia de transmissão oral iniciatória da qual a ordem do Komo (como as ordens do Nama, do Kore, etc., no Mali) diz-se continuadora. Tendo Maa Ngala criado seu interlocutor, Maa, falava com ele e, ao mesmo tempo, dotava-o da capacidade de responder. Teve início o diálogo entre Maa Ngala, criador de todas as coisas, e Maa, simbiose de todas as coisas.

Mito da criação do Universo e do homem, ensinado aos jovens pelo mestre (sempre um ferreiro) do Komo - escola de iniciação do Mali - Amadou Hampaté Bâ, "A tradição viva". Cap. 8, História Geral da África, Ática/Unesco, 1982.



Crianças na caminhada de despedida da comunidade da Estiva, puxando as fitas da viola do Velho Griô, 2004.

Os rituais são vivenciados na roda da comunidade, no entorno ou dentro das escolas, nas praças, nos terreiros, nas oficinas e na capacitação de educadores. Os rituais da pedagogia griô têm diversas sequências didáticas. Esta sequência que descrevemos aqui exemplifica seus princípios e práticas que são reeditadas nas escolas municipais, por meio dos projetos pedagógicos que integram **identidade, festa, ciências da vida, mito, história de vida, artes e ofícios de tradição oral**.

“Os rituais de vínculo e aprendizagem do Grãos de Luz e Griô criam espaços vivenciais para uma riqueza de estudos e teses de mestrados e doutorados em sociologia”, Maria do Carmo, doutoranda em Sociologia - UFBA

O ritual do Velho Griô enraíza a pesquisa na vivência; dá sentido vivo, aqui e agora, ao encontro do pesquisador com a comunidade; possibilita a identificação e o encantamento com a cultura local; facilita o vínculo, o diálogo e a educação de tradição oral para crianças e adolescentes da comunidade, garantindo a vitalidade da rede de transmissão oral; integra linguagens para a construção do conhecimento, descobrindo um jeito de aprender e reconhecer a tradição oral. E que jeito é este? Vanda Machado, pesquisadora da educação para as relações étnico raciais positivas, ao conhecer o Velho Griô, perguntou:

“Que pedagogia é esta?”.



5. Que pedagogia é esta?

A questão de raiz

Texto publicado na Revista RAIZ, na seção "Raiz da questão"

Quando o Grãos de Luz e Griô propôs à Secretaria de Educação de Lençóis o Projeto Griô para formação de educadores municipais, com um velho contador e cantador de histórias de tradição oral, chegando de surpresa nas comunidades e escolas, uma funcionária da secretaria perguntou: **Mas como fica a rotina de planejamento do professor?**

Essa pergunta simboliza uma resistência de representantes do sistema de ensino a um planejamento que inclui a criatividade da vida transformando de surpresa a rotina. Simboliza também a valorização de uma metodologia de planejamento certamente diferente da proposta pelo Grãos de Luz e Griô.

Na maior parte do tempo, nas escolas nos vemos sentados de costas uns para os outros, em filas, sirenes de polícia chamando para a merenda, cores sem vitalidade, livros sem heróis de nossa cultura, sem arte e significado da vida; a imobilidade de horas sentados nas cadeiras com **a caneta em punho ouvindo monólogos de sobrevôo sobre uma realidade abstrata e estranha;** nomes chamados para registros de presenças em cadernetas com

notas que não falam da identidade de ninguém, em grupos por idade, por sexo, estereotipados e estigmatizados entre quem é "o inteligente" ou "o esforçado", entre quem obedece e quem será bandido, subempregado ou patrão; o conhecimento quebrado em disciplinas, preso em grades curriculares, decorado entre quatro paredes, dissociado da cultura local e os saberes da comunidade folclorizados.

São com esses rituais e símbolos que boa parte das escolas pretendem ensinar a ser gente do mundo, gente do Brasil, ou somente reprodução da falta de sentido de viver, da doença humana institucionalizada.





“Quando discutíamos na roda a história de Aqualtune, Zumbi dos Palmares, Ganga Zumba e Ganga Zona, percebia que meus alunos - e eu também - nos tornávamos cada vez mais negros dentro da história”, prof.^a Marilândia Pereira, comunidade do Remanso. Na foto, aula em roda no terreiro da escola, prof.^a Tânia Paixão, comunidade do Estado.



Não é fácil conversar sobre "metodologia de educação e saberes de tradição oral". É preciso se autorizar "artista do invisível", como diria Allan Kaplan, consultor em desenvolvimento na África do Sul. A ciência colonizada e institucionalizada brasileira vê com mais simpatia o que é construído no chamado primeiro mundo. A "questão de raiz" proposta aqui foi vivenciada pela liderança de um projeto social que se sentiu sem identidade e angustiada, entrevistando com gravador e questionário pessoas representativas da tradição oral.

Enxergou-se analfabeta marcando um quadradinho que as classificavam como analfabetas.

Percebeu então que não estava falando a própria língua e que não criava vínculo afetivo e de aprendizagem profunda com a sabedoria da cultura local.

"A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente", mestre africano Tierno Bokar Salif .

Fotos: Dona Vêia conta histórias em pesquisa das crianças da comunidade do Tanquinho; Dona Pedrina, Dona Rosa e Marquinho tocando caixa na chegada do Velho Griô no bairro do Tamba, Lençóis; Na casa de Dona Lina: Dona Pedrina, Dona Rosa, Dona Lina e sua irmã.



...foi pesquisar e reinventar métodos de educação, participação e encantamento do social, para valorizar a expressão da palavra, dos afetos, da memória, da história, das cantigas, das danças e dos rituais de tradição oral. É um risco, mas vale dizer que a maioria das lideranças de projetos e programas sociais está buscando sua própria inclusão social e que, nesse diálogo com o público participante, encontra o desafio de reinventar uma linguagem, um mundo e um estilo de vida. Essas lideranças não possuem um sistema onde as pessoas possam se incluir. É questionável falar-se de programas e projetos de inclusão social, talvez seja mais sincero e ousado falar de programas e

projetos de reinvenção social solidária. Mas essa conversa fica para um outro momento. O importante é que foram essas e outras questões, de raízes profundas, que fizeram virar de cabeça para baixo alguns conceitos e a estratégia epistemológica do projeto, para fundar na vivência e no diálogo sua construção coletiva.

Onde estavam na comunidade os personagens que traziam a cultura viva na sua memória e no seu jeito de viver? Para encontrar os personagens da cultura da comunidade, alguns já esquecidos no tempo, era importante inventar um aprendiz que se iniciasse e dialogasse com eles.



Oficina de música com Mestre Dunga, Grãos de Luz, 2005.



Como artistas do invisível, reinventou-se o griô africano, convidando a comunidade e escola para a roda da vida, um ritual onde passado e futuro se encontram no presente pleno de aprendizagem, contando mitos e símbolos que existem no inconsciente coletivo de nossas raízes afrobrasileiras. Velhos, estudantes, educadores e lideranças viveram o desafio de dançar no centro da roda, do mundo e de sua própria identidade, jogando seu verso e sua história, e a partir daí ressignificar a vida e o currículo de educação municipal. **O registro e a pesquisa acontecem através de um gravador mais potente - a memória reflexiva e vivencial,** através de um diálogo rítmico, melódico e comovido inspirado na educação biocêntrica e nos próprios mestres de tradição oral.

“Com o griô, passamos a falar a língua da comunidade. Os pais e alunos têm interesse em participar. Eu me sinto segura e confiante no meu papel de educadora”, profª Agneta Souza, comunidade da Ponte.

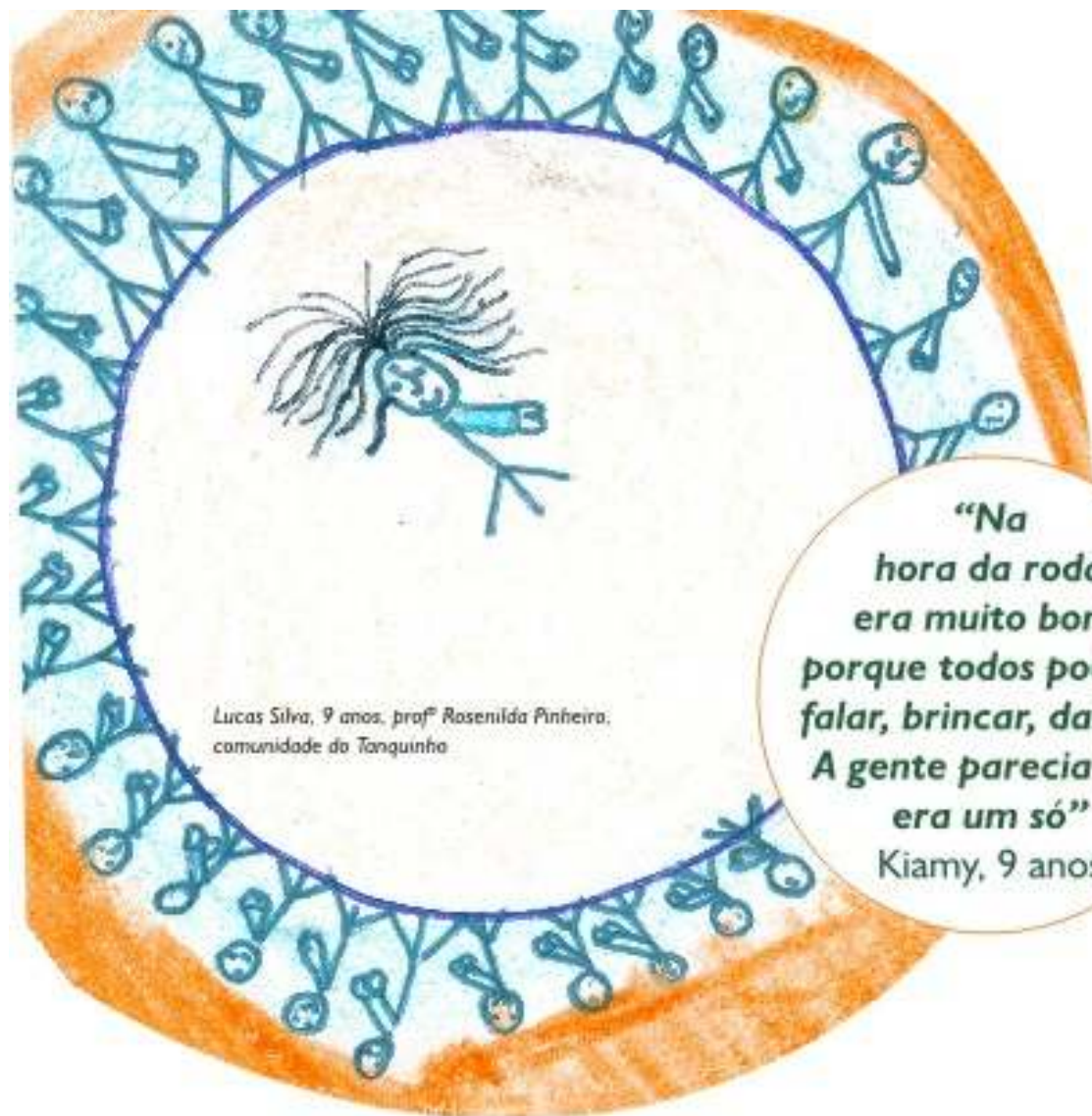
Hampaté Bâ disse:

**“Na África, cada
ancião que morre é
uma biblioteca que se
queima”**

“Após a explicação sobre os griôs e tradição oral, foi surpreendente o que eu ouvi: ‘Ah, pró... se griô é assim, minha avó também é uma’. Surgiu uma motivação enorme, escrevemos a biografia e as sabedorias de Dona Aurina. Ela tem uma memória maravilhosa, os alunos foram transportados para dentro daquela história simples, sofrida, cheia de bondade e superação, e faziam perguntas que não estavam no roteiro”.

prof^a
Jocelide
Sá
Melo

E no Brasil também, principalmente cada índio e índia velha, cada preto e preta velha, desconhecidos e desconhecidas pelos livros didáticos das escolas e por diversas instituições de educação e cultura do País.



Lucas Silva, 9 anos, profª Rosenilda Pinheiro,
comunidade do Tanquinho

*“Na
hora da roda
era muito bom,
porque todos podiam
falar, brincar, dançar.
A gente parecia que
era um só”
Kiamy, 9 anos*

Caminhando e reinventando a linguagem e o método de educação e pesquisa, compreendemos que os rituais de vínculo (em rodas, em caminhadas, com cantigas, danças e histórias, etc), os mitos e seus arquétipos, as artes e saberes ancestrais do Brasil, vão muito além de conteúdos importantes de nossa história, literatura e cultura. Aos olhos de um(a) educador (a) biocêntrico(a) são pilares de uma metodologia de educação de **tradição oral evolucionária que facilita a criatividade, vitalidade,**

sensualidade, afetividade e transcendência originais da identidade do povo brasileiro. É uma metodologia que vem sendo recriada e transmitida oralmente e vivencialmente pela cultura, principalmente afro-brasileira, de geração em geração na roda das idades, com uma eficiência e boniteza tão encantadoras que transcenderam a opressão de séculos de escravidão, perseguição, ditadura, pobreza e exclusão social.

O que é invisível para uns é a escola da vida para outros.

Nas capoeiras, candomblés, sambas-de-roda, torés, cirandas, nas escolas de samba, nas caminhadas de reis, nas mãos das rendeiras e das parteiras, no encontro com griôs... vemo-nos em rodas, em rituais, coros e cantos ancestrais chamando para responder... cores e movimentos fluidos, seguros, quentes e leves como a água, a terra, o fogo e o ar. As idades e os gêneros juntos em caminhadas e conversas com todas as linguagens artísticas e afetivas da corporeidade humana. Contadores de histórias, heróis e mitos que dão sentido aos mistérios de cada idade da vida. O grupo como colo, ninho, família, comunidade e o princípio da partilha como economia. A palavra como poder divino e o universo como expressão, fala, forma, música e dança - da vida em evolução.

Fotos: dança de divindades africanas, projetos pedagógicos de educação afrobrasileira da Escola José Senna, prof. Paulo Bispo (na foto abaixo, de branco, à esq.), Lençóis, 2004.



“Aqui a gente sente que ninguém sabe mais. Me sinto em paz. O ambiente, o abraço... a gente se abre e se permite, é diferente abraçar e ser abraçado. A gente pára pra refletir e olhar pra dentro, para as nossas origens”, prof.^a Damareis Silva, comunidade do Tanquinho.



No centro da roda, professores aprendendo e ensinando cantigas, danças e histórias da tradição oral para a criação de rituais de vínculo e aprendizagem. Oficina de identidade, dança e música, capacitação de educadores, prof.^o Márcio Caires e prof.^a Lillian Pacheco, 2004.

Inspirar um projeto nas estratégias e saberes da educação de tradição oral é **saltar a janela da sala padronizada**, do ego controlado, das estruturas do poder institucionalizadas e corporificadas, libertar a escola das grades curriculares para vivenciar o sentido da própria identidade, do outro, do mundo e da vida. Desafiar e facilitar o salto é a poesia, a capacidade amorosa e a genialidade técnica e mítica de cada educador, que aqui se reconhece como um griô...



Professores: Wilma Vila Nova, Paulo Bispo, Marcia Teles, Izabeth Regina Santos, Zenilda Fontinelle, Damara Silva.
Vale do Capão - Chapada Diamantina

Construindo conceitos

“O projeto Grãos de Luz e Griô já está no corpo do educador, é assim que está garantida a continuidade”,

Dhébora Dourado, secretária de educação

Que pedagogia é esta?

É uma pedagogia da vivência afetiva e cultural que facilita o diálogo entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre grupos étnico-raciais interagindo saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais para a elaboração do conhecimento e de um projeto de vida que têm como foco o fortalecimento da identidade e a celebração da vida.

A vivência afetiva e cultural é facilitada pelos **rituais de vínculo e aprendizagem.**

Os conceitos que estão sendo construídos na pedagogia griô se inspiram na tradição oral e se complementam pela educação biocêntrica, a educação para as relações étnico raciais positivas, a arte educação e a educação dialógica.

A pedagogia griô intensifica os canais de percepção da realidade, ritualizando o diálogo e o próprio processo de ensino e aprendizagem entre as idades na escola e na comunidade. Intensifica uma percepção afetiva e simbólica que toca no sentido da vida de uma identidade intensamente comprometida com a ancestralidade e o projeto de vida de sua comunidade. Góis (1998) fala que “nossa crise não é de

conhecimento, mas de percepção⁴, sugerindo enfoques epistemológicos em direção ao processo, à incerteza, à totalidade e à beleza.

Relevando o diálogo como ato político da ação de educar, Paulo Freire tinha sérias ressalvas quanto às cartilhas, para que não substituíssem o vínculo e o diálogo entre educadores, educandos e comunidade na descoberta das palavras e temas geradores. A prática do diálogo na pedagogia griô é ritualizada e se fundamenta na educação de tradição oral que valoriza o poder da fala e da escuta, porque todo o universo é fala que ganhou corpo e forma.

A fala ganha o sentido do ritmo e do movimento que expressam as forças da unidade cósmica invisível e viva. No noroeste da África, os tecelões, ferreiros, pastores e outros mestre do conhecimento têm a sabedoria de harmonizar as forças da unidade cósmica por meio de rituais, porque valorizam a palavra como poder criador. Hampâté Bâ cita a tradição oral Bambara do Komo, uma das grandes escolas de iniciação do Mande (Mali): “Quando Maa Ngala fala, pode-se ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar a sua fala”.

* (ver pag. 43)

“... A didática do griô me faz cair as máscaras e apareço me expressando... agora me sinto uma griô porque sei contar história, dançar e tocar um instrumento... tivemos o privilégio de ser o primeiro município em que os educadores estão construindo o currículo de educação afro-brasileira, para que todos possam se reconhecer como afrodescendentes”, educadoras Márcia Teles, Izabeth Santos e Luciene Oliveira.

Na educação biocêntrica, Ruth Cavalcante ritualiza o diálogo por meio de encontros temáticos que constroem o conhecimento integrando progressivamente o grupo que aprende a cuidar da fala, do gesto e da escuta motivado por palavras geradoras em torno de um tema gerador. Na pedagogia griô os encontros temáticos se transformam em Roda da Vida e das Idades, um ritual de diálogo multissetorial e intergeracional motivados também por cantigas, danças e mitos da comunidade que integram a beleza e a diversidade de histórias de vida da comunidade e da tradição oral.

Vamos conversar sobre o conceito e a prática da vivência afetiva e cultural e de rituais de vínculo e aprendizagem a que nos referimos na definição da pedagogia griô. Mas antes vejamos uma prática dos Encontros Temáticos proposto por Ruth Cavalcante, adaptado para o contexto da Roda da Vida e das Idades que propõe a Pedagogia Griô.





Encontros temáticos da Roda da Vida e das Idades *(exemplo de tema: tradição oral)*

Roda da Vida e das Idades

Participantes : crianças, adolescentes, jovens e educadores das oficinas Grãos de Luz, educadores das escolas, representantes das secretarias e conselhos municipais, representantes da tradição oral, empresários, pesquisadores das universidades, consultores pedagógicos, Secretário de Programas e Projetos do MinC, Coordenação da Ação Griô Nacional (Seminário Grãos de Luz e Griô de Educação e Tradição Oral - dez/2005).

Abertura com os Griôs

O Griô chega caminhando, abre a roda com um jogo de versos dentro do tema gerador, harmoniza o grupo com cantigas de ninar e rodas de embalo. Conta uma história de vida ou um mito que reflete o tema gerador e convida todos para uma caminhada e encontros dialógicos, explicando o poder da palavra para a tradição oral.

Caminhada - encontros e despedidas

Todos caminham, olhos nos olhos em diversas direções no espaço, no ritmo da música (ex: uma cantiga rítmica do lugar). Depois são convidados a encontrar uma pessoa do grupo para dialogar, de preferência uma pessoa de uma idade, gênero e setor social diverso. O convite é falar o que pensa e sente sobre uma palavra geradora (ex: a sabedoria). Os princípios do diálogo são: olhos nos olhos, escuta vazia, tempo de 2 a 3 minutos divididos democraticamente, a palavra como corpo, forma, ritmo e vida. O diálogo pode expressar a palavra geradora em gestos, em cantigas, em versos poéticos, e/ou em novas palavras. Ao finalizar o diálogo, os pares se despedem com um abraço guardando afetivamente as palavras e significados no corpo. Todos voltam a caminhar no ritmo da música, podendo exercitar a sincronia rítmica caminhando abraçados, a 2, a 3 e/ou a 4 pessoas. Depois todos são convidados a criar trios para dialogar. Uma nova palavra geradora é lançada (ex: idade). Os princípios do diálogo se tornam mais complexos. O gestual corporal e o olhar de quem tem o poder da palavra se abre para as outras pessoas de forma democrática, considerando as presenças, gêneros, idades e saberes que participam do diálogo, sem eleger um saber ou pessoa mais importante. O mesmo processo se repete com 4 ou mais pessoas dependendo do tamanho do grupo. Novas palavras geradoras motivam o pensamento sobre o tema (ex: vida).

Rodas concêntricas de diálogo coletivo

Cada grupo pede a um de seus participantes para representá-lo nas rodas concêntricas (foto) que finalizam o diálogo. As rodas se reorganizam com os representantes no centro e a grande roda em volta. Os representantes podem ser pessoas que estão desafiadas a exercitar o poder da palavra; ou pessoas que têm diversos olhares: setores sociais, gêneros, culturas e idades diferentes; ou ainda pessoas de idades, gêneros ou setores específicos. No primeiro caso, a pessoa é acompanhada a exercitar os princípios da fala num clima de ritual de desafio, onde o grupo intensifica o cuidado e a celebração ao que é dito pela roda interna: declamando uma frase sabiamente expressa, relevando qualidades afetivas da pessoa ao falar, convidando todos a bater palmas. Nos demais casos são registrados visões específicas ou diversas do tema, relevando suas diferenças e complementaridades.

Memória

Algun relator do grupo registra o diálogo da roda interna, devolvendo em forma de texto coletivo, fala ou produção artística que é construída e/ou revisada com o grupo. O encontro temático é finalizado com uma **dança das idades** celebrando a vida. Todos são convidados a uma reflexão silenciosa sobre uma palavra, uma pergunta ou uma sabedoria que deseja levar para sua caminhada na vida.

A vivência afetiva e cultural

É o instante vivido pleno de **sentido da vida e significados étnico-culturais** que nutrem o sentimento e a consciência de pertencer a uma ancestralidade e de participar de uma identidade local, nacional e planetária.

Relevando a reeducação afetiva e propondo a educação biocêntrica, Ruth Cavalcante cita Rolando Toro **"Penso que o fator permanente que integra e dá estrutura à inteligência como função global é a afetividade"**, e Ruth completa que a inteligência afetiva **"Cria a capacidade afetiva de estabelecer conexões com a vida, relacionar a identidade pessoal com a identidade do universo"**.

Para facilitar a vivência afetiva e cultural, a pedagogia Griô propõe o **ritual de vínculo e aprendizagem** que é um desdobramento técnico da prática da educação biocêntrica, complementada pela genialidade técnica e mítica dos Griôs e Mestres de tradição oral do noroeste da África e do Brasil.

Campbell (1990) releva a capacidade que os mitos têm de dialogar com a sabedoria de vida, um diálogo que transcende a literatura e as artes. Segundo ele, o mito cria uma **"ressonância do interior do nosso ser e da nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivo"**. Para a pedagogia griô, o sentido da vida que fortalece a identidade pode ser motivado no dia-a-dia da educação da comunidade a partir de seus próprios símbolos, mitos e histórias de tradição oral.

"O trabalho de afetividade do Grãos de Luz e Griô mudou a realidade da educação nas escolas de Lençóis", prof.^a Aida Meire, 2002, representante dos educadores no Conselho Municipal de Educação.

Fotos: dança de divindades africanas. Projetos pedagógicos de educação afrobrasileira da Escola José Senna, prof.^a Izabete Regina e prof.^a Paula Bispo, Lençóis, 2004.



O ritual de vínculo e aprendizagem

O ritual de vínculo e aprendizagem integra cantigas, danças, símbolos, versos, mitos, heróis, arquétipos, saberes, provérbios, artes, ofícios e ciências da vida de tradição oral da comunidade e de seu grupo étnico-cultural, numa rede de palavras e temas geradores. A riqueza afetiva e cultural do ritual de vínculo e aprendizagem fala e toca no eterno, no vínculo entre os seres e a natureza, na relação com a divindade, no mistério e na história de vida. Os afetos e os saberes vividos são expressos e apreciados, revelando a beleza em diversas linguagens artísticas e ofícios artesanais locais: pinturas e desenhos com as cores da cultura, tintas das plantas que crescem na comunidade, cordéis que pensam o mundo a partir da linguagem do povo; retalhos, bonecos que contam suas histórias; brinquedos, brincadeiras, danças e músicas que elaboram e ressignificam a leitura da realidade.

O ritual e suas expressões artísticas abrem um universo de perguntas e mistérios, que são organizadas numa rede de palavras e temas geradores para serem estudados e dialogados na história dos heróis e da comunidade, conhecendo a geografia da África, do Brasil e do mundo; nas ciências das plantas, na matemática da feira, na gramática e na ortografia dos mitos e histórias, que interligam as ciências da vida à

identidade, e motivam a criação de outros rituais plenos de significados na escola e na comunidade.

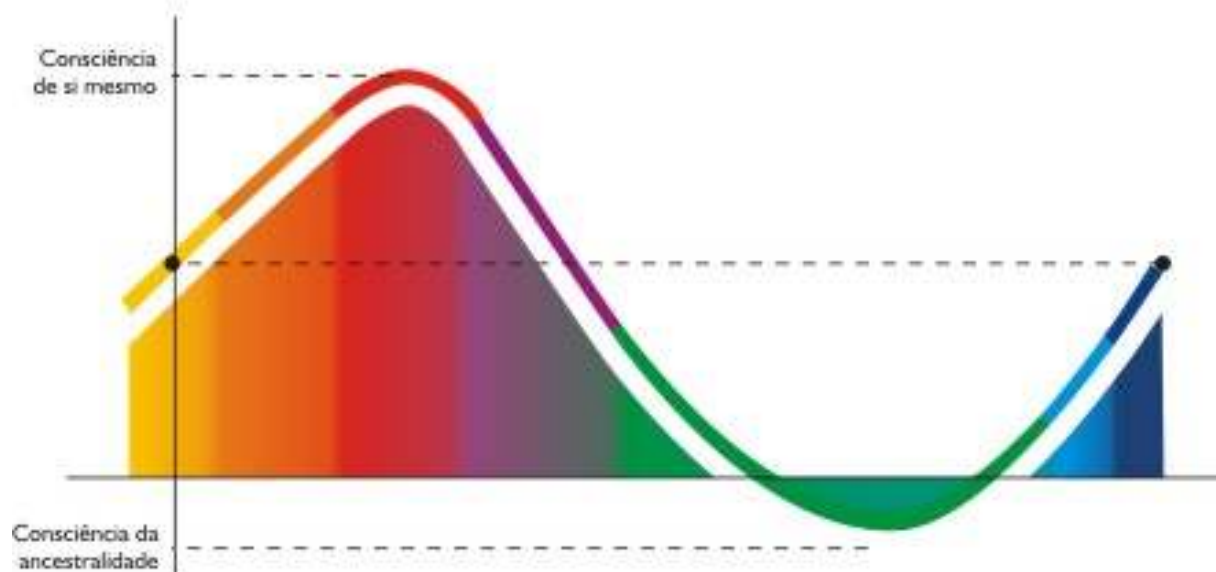
O ritual é orientado pelo gráfico da curva da vivência, com eixo vertical delimitado pela consciência de si mesmo no limite superior, e consciência da ancestralidade no limite inferior (ver desenho). Respeita-se na prática da seqüência didática os princípios de progressividade do encontro e auto-regulação orgânica, conceitos propostos pelo princípio biocêntrico de Rolando Toro*.

Os rituais podem acontecer na roda da comunidade, em trilhas grãos de educação e cultura e/ou nas oficinas de artes e ofícios artesanais.

Ao lado relatamos a seqüência didática básica do ritual de vínculo e aprendizagem, cujo objetivo central é facilitar a vivência afetiva e cultural para a construção da roda da vida e das idades da comunidade, o fortalecimento da identidade pessoal e local, bem como motivar o encantamento com os diversos saberes de tradição oral e das ciências da vida..

* Ver pág. 108

Curva da Vivência



- 1. Abertura:** cantigas, danças e palavras geradoras de caminhada. Reverência (a bênção) à comunidade.
- 2. Integração da roda:** cantigas e danças rítmicas do trabalho, umbigadas, sambas-de-roda, quadrilhas e outras.
- 3. Expressão da identidade no centro da roda:** danças, jogo de versos.
- 4. Harmonização:** cantigas e danças de ninar e embalar, cantigas melódicas e de amor.

5. Contação de histórias e mitos em ambientes afetivos e míticos, facilitados pela reverência à escuta, à palavra geradora e ao diálogo de saberes.

6. Expressão artística e artesanal: motiva pesquisas e vivências para a construção do conhecimento total por meio das artes e ofícios. Produzindo, apreciando, compartilhando histórias de vida e celebrando as expressões.

7. Despedida: registros e memórias do vivido; cantigas e danças de roda e caminhadas de despedida.



Professores vivenciando o ritual de passagem, resignificando os rituais de formatura das escolas.

Relevando a importância dos rituais, existiram sábios em diversas civilizações que se negaram a registrar por escrito e divulgar sua sabedoria para não substituir os rituais de iniciação e viciar a juventude a não exercitar a memória e a vivência. O ritual de vínculo e aprendizagem é um espaço de encontro e valorização da identidade e da vida de cada um, do outro e da natureza. O nascimento, a morte, o casamento, a iniciação da vida e de passagem das idades são os rituais mais reconhecidos pelo imaginário social. Contudo a ritualização está presente no dia-a-dia, em tudo que fazemos na comunidade, na cultura, com suas regras e cerimônias. Na escola também: a sirene, a abertura da aula, a chamada, a organização da sala, a aula, o recreio, a merenda, o retorno à sala, a hora da saída, as datas comemorativas, a nota, as avaliações, as formaturas. É necessário discutir os elementos simbólicos e as origens culturais que regem esses rituais.

Qual o sentido das festas de formatura e dos seus chapéus? Qual o sentido da chamada diária com a caderneta? Qual o sentido de uma sirene de polícia e das filas para a merenda? Dos desenhos do Mickey e dos coelhos, dos bonecos da indústria e da mídia nas paredes das escolas? Que valores, símbolos, mitos, musicalidade, movimentos (danças) e sentimentos estamos imprimindo diariamente no corpo das meninas e dos meninos do Brasil?



“Nesta capacitação eu despertei, parece que eu tava dormindo e acordei para o mundo”, profª Sheila Jorge, comunidade do Tanquinho.



Capacitação de educadores no Vale do Capão, 2004, vivência do ninho ouvindo história de vida de Dona Bela, parteira e rendeira de Lençóis. Ativação da memória de símbolos ancestrais da vida das mães e avós. Crianças na vivência do ninho, ouvindo histórias com o Velho Griô, comunidade Volta do América, 2000.



Roda da Vida e das Idades

É um ritual de vínculo e aprendizagem, com seqüência didática simplificada ou completa da curva da vivência. Caracterizada pela presença e diálogo entre as idades, gêneros e setores sociais da comunidade.

Roda da Vida e das Idades, Escola Otaviano Alves, comunidade do Tanguinho, Lençóis.



*“As manifestações culturais e a história local se tornaram um elo de ligação muito forte entre escola e comunidade. A escola se percebe como fazedora de cultura”,
prof.^a Marilane Ramos, 2000.*

200 crianças da capoeira e marujada, jovens do grupo cooperativo do Grãos de Luz e hip-hop, adultos e velhos do Terno de Reis e Jarê. Roda da Vida e das Idades - seminário Grãos de Luz e Grão de Educação e Tradição Oral, 2005.



A Roda da Vida e das Idades - gestos
arquetípicos de Edson, 12 anos, 4ª série, 2000.

Identidade e projeto de vida

“... O ato de força do povo recriar alguma coisa sua, própria... contra todos os fantasmas globais da cultura de massa... pois quando o povo cria, resiste, a cultura popular inventa suas armas...”

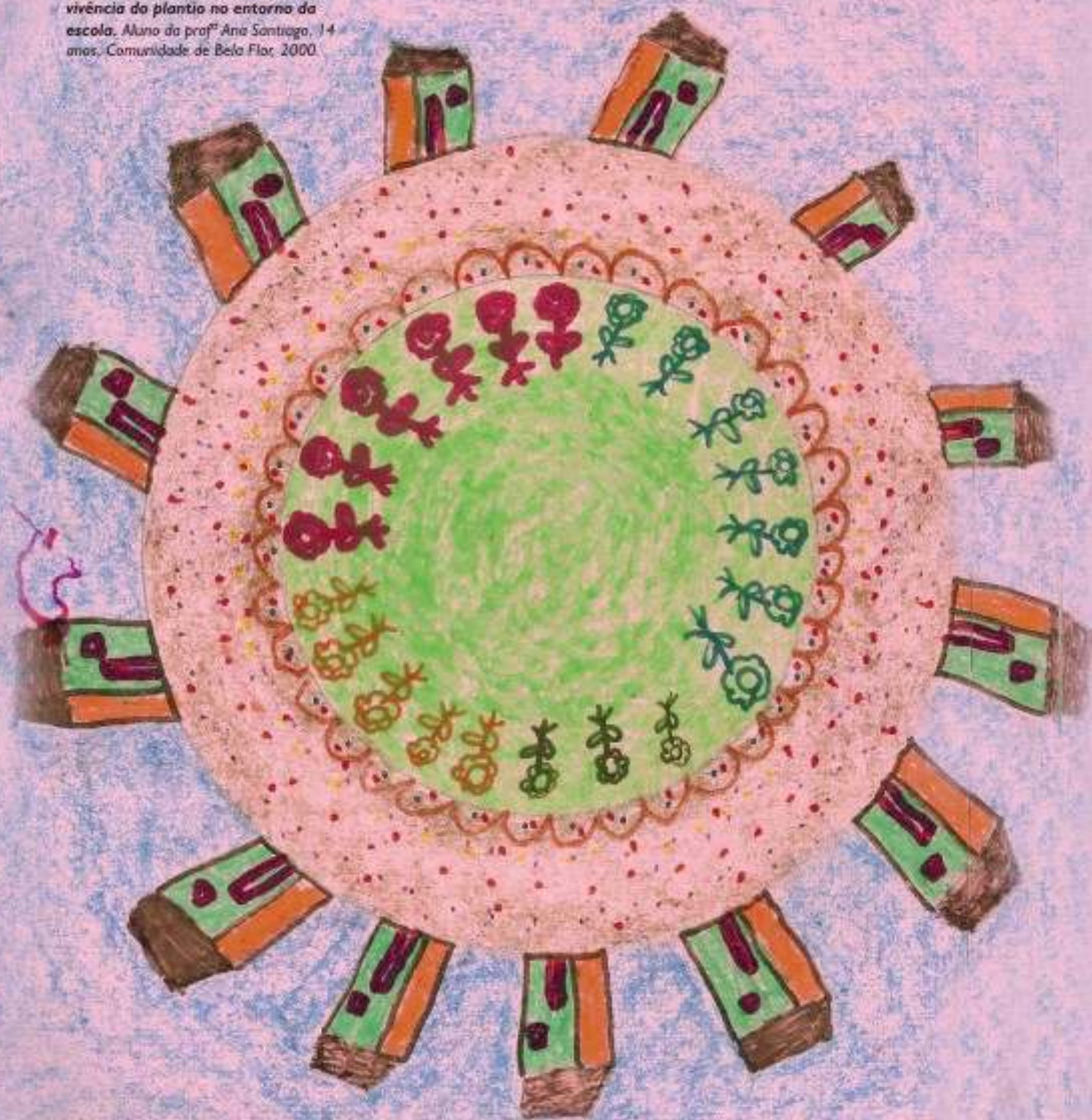
Carlos R. Brandão (1995)

“Hoje os alunos nos vêem como amigos, e não só como educadores, que sabem tudo e que querem tudo. Aprendi a respeitar o aluno como ele vem: descalço, sem camisa, agressivo, chorão, cheio de doenças de pele, sem farda, sem material, sem merenda, cheio de piolho, como for, e trabalhar tudo isso na roda. Uma das minhas alunas, Juli, 4 anos, foi uma pessoa que me deu experiência de vida”,
profª Márcia Teles, Lençóis.

Quando fazemos e refazemos a Roda da Vida e das Idades, assim como os rituais de vínculo e aprendizagem, vivemos a perda e o reencontro com o fio da nossa própria história. Recuperamos um sentimento de igualdade na diferença, de diferença na igualdade. Saimos das filas e de papéis sociais que nos rotulam. Reeditamos rituais das tradições orais que nos antecedem, nos atualizam, nos socializam e nos redescobrem humanos. As contradições se complementam e a realidade se revela transcendente.

Ciência, arte e magia se integram num processo de educação que ao mesmo tempo é mobilização, sensibilização, formação, prática e avaliação numa teia sem começo e sem fim, que não parte de ninguém. A minha história se costura com a história do outro, do educando na roda, na história da comunidade, do griô, do Brasil, da África e do mundo. Símbolos, mitos, arquétipos do trabalho e heróis, tais como, as lavadeiras, os garimpeiros, os orixás, Dom Obá, o brinquedo da mulinha, e outros exemplos plenos de sentimentos e história de vida, são expressos em artes e palavras que costuram discursos, textos coletivos e diálogos afetivos, dando sentido à identidade pessoal e local.

*A Roda da Vida e das Idades -
vivência do plantio no entorno da
escola. Aluno da profª Ana Santiago, 14
anos. Comunidade de Belo Flor, 2000.*



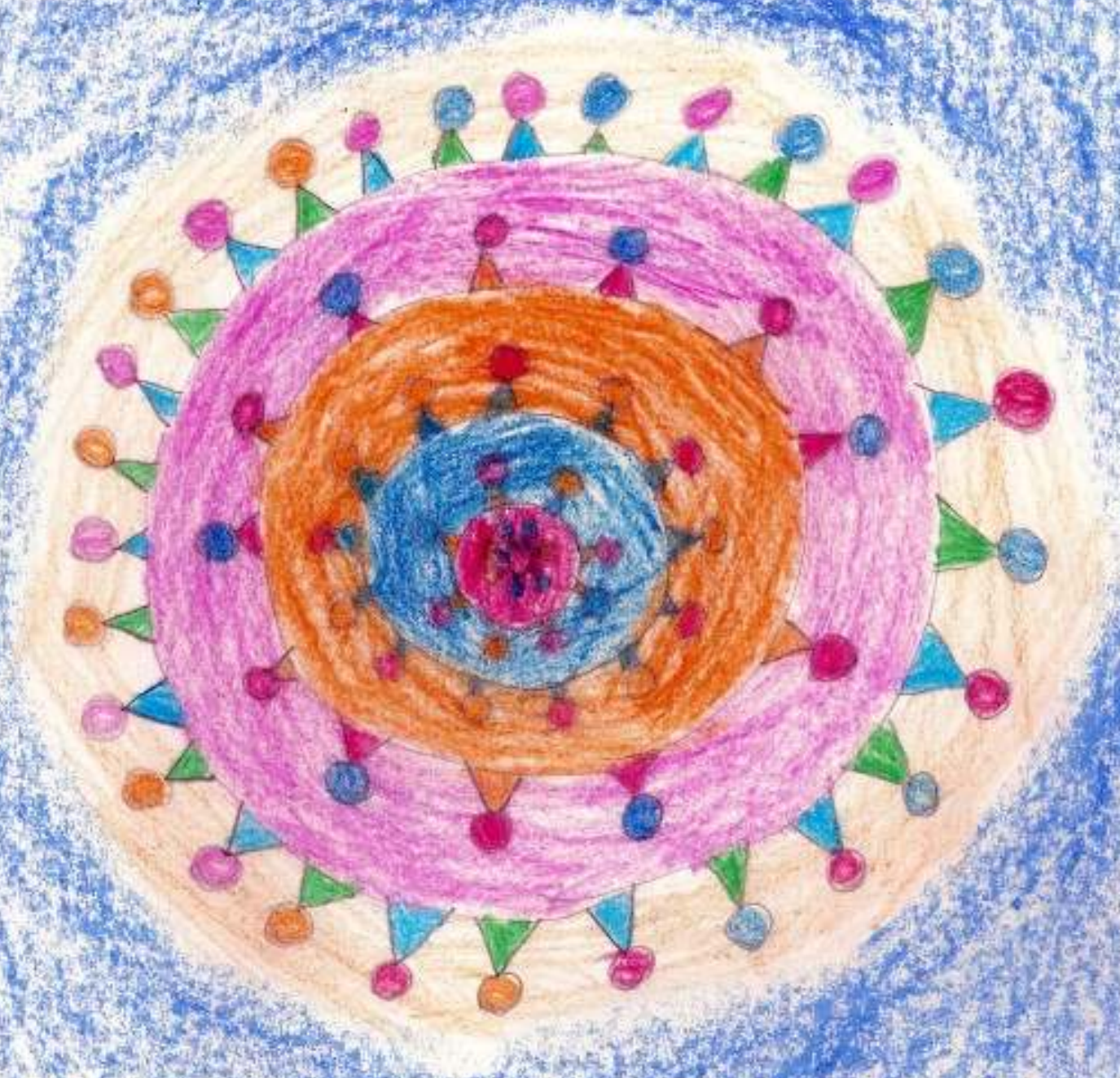
“Sinto que as pessoas agora acreditam em mim como eu sou, minha cor, minha raça, minha história, minha religião. Encontrei-me em meus alunos, nos rostinhos deles... o mundo para mim agora é diferente... eu sou eu... professora Rita”, Rita Azevedo, Lençóis, 2001.

“Antes eu achava que eu era educadora por ironia do destino. Não gostava de me ver cheia de barro parecendo que era da roça. Agora falo de boca cheia - sou do Remanso. Quero correr atrás, crescer e aprender”, profª Dinélia Andrade, 2001.

“Agora eu me amo, amo o meu aluno e amo o outro. Amo todos porque quando me vi e me valorizei eu também vi todos, eu vi o mundo que antes não existia”, profª Iracema Santos, comunidade da Luna, 2001.

Após os rituais de vínculo e aprendizagem realizados com educadores municipais, eles se sentiram indignados por terem considerado, durante sua história de vida, o jarê (dança ritual, de origem africana, de terreiros da Bahia, especialmente da região de Lençóis) “coisa do demônio”, ou por terem se considerado sem valor como negros ou como moradores de zona rural. Estes são exemplos de inúmeros conflitos de valores e de qualidade de vida que enfrentamos quando nos damos conta de nossa história, afetividade e ancestralidade. A indignação e a valorização, somadas à consciência da teia histórica da tradição oral da comunidade e do Brasil, motivam a expressão de palavras dos participantes que justificam um projeto de futuro enraizado e vivo. Um projeto que transforma o cotidiano da educação.

No Brasil, esta teia de histórias é construída pela vida de um povo invadido, misturado a um povo escravizado, a povos colonizadores (apoiados por “representantes de Deus”) e ainda povos eruditos e fugidos das guerras. Como afirma Darcy Ribeiro, uma identidade nova que não conhecia a si mesma, se era indígena, ou negra ou européia. Filha de uma mistura de lutas classistas, racistas e interétnicas que se dá até hoje. Por isso é necessário perguntar: **que projeto de identidade os educadores têm para a educação no Brasil? O que sabem e o que vivem das lutas, glórias, mitos e sofrimentos pela formação de nossa identidade? Que abismo os separam ou que pontes os vinculam aos seus educandos?**



A Roda da Vida e das Idades. Taise, 10 anos

A expressão da identidade não se completa na vivência afetiva e cultural que facilita o desenvolvimento da consciência de si e da ancestralidade. A expressão, aqui e agora, plena de significados étnico-culturais exige uma missão de futuro. A pedagogia griô se completa como projeto de vida, projeto pedagógico e participação política e comunitária de todas as rodas envolvidas.

Neste momento tem como metas coletivas principais:

- fundar uma cooperativa de jovens artesãos e griôs aprendizes que integram economia solidária e tradição oral;
- construir o currículo de educação do município baseado na alteração da Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases de Educação Nacional, pela Lei 10.639/2003. Para tanto, os educadores criam projetos pedagógicos em parceria com os setores sociais e as idades.

Os títulos dos projetos de futuro demonstram como as disciplinas formais podem centrar seus conteúdos na identidade e ancestralidade:

- **Em busca dos nossos ancestrais;**
- **Ressignificando conceitos culturais;**
- **Nossa gente;**
- **A força da cultura negra;**
- **Nossa origem afrodescendente;**
- **Iya Iya;**
- **Conhecendo a história da nossa história;**
- **Raízes: início, força, descendência;**
- **Nossa marca em cada canto.**

Os projetos pedagógicos dos educadores são sistematizados anualmente de forma participativa. A sistematização da prática de um ano é compartilhada entre todos os autores fundamentando outras invenções e pesquisas no ano seguinte. O resultado é compartilhado com os conselhos de educação da região, conselho estadual e conselho nacional, Ministério da Cultura, com os quais o Projeto Grãos de Luz e Griô tem articulado parcerias.

Durante a sistematização dos projetos pedagógicos, supera-se dificuldades técnicas de elaboração, evoluindo na capacidade de planejar e realizar vivências pedagógicas que integram identidade, ciência, rituais de vínculo e aprendizagem e tradição oral.

O processo de construção de um currículo focado na identidade propõe uma reflexão e uma prática inicial nas áreas disciplinares da arte e da história, em função da carência de competências em práticas transdisciplinares. A transdisciplinaridade gera desafios às vezes intransponíveis, porém os educadores inventam vivências envolvendo conteúdos das artes, da história, da geografia, das ciências, do português, e ainda da matemática de 1ª a 4ª séries como será relatado no próximo capítulo. Relatos que se abrem a revisões e evoluções constantes em seus métodos e conteúdos de transdisciplinaridade, ancestralidade e identidade cultural.

:



"A comunidade do Remanso" (remanescente quilombola), Débora, 9 anos.

As competências são desenvolvidas num jogo cooperativo, autônomo e motivador em que o direito de acertar e errar encontra um espaço dialógico de avaliação de práticas, conteúdos, conflitos e desafios entre os educadores, educandos, Griôs e Mestres de tradição oral. É necessário mediar demandas e sonhos, ora optando pela lei e a análise de sua relatora (*), ora transcendendo a proposta da lei e se arriscando na transdisciplinaridade.

Os resultados vão além de uma prática de oficina ou de sala de aula, constituindo-se uma atuação política para fortalecimento da identidade afetiva e coletiva na construção de um currículo de educação. Nesse processo, os educadores se vinculam à própria ancestralidade, aumentam a consciência de si mesmo e da vida, qualificam-se profissionalmente, reeducam sua postura de diálogo, formam-se líderes, constituindo e fortalecendo sua associação de classe e conselhos municipais.

“De uma forma muito especial, aprendi a falar sem medo dos meus direitos”, prof.^a Solange Souza, Lençóis, 2000.

“Antes os professores esperavam por uma liderança para resolver questões políticas da educação de forma apartidária. Hoje nós temos uma linha de frente, uma equipe política de trabalho pelos nossos direitos e qualidade da educação.”, Prof.^a Aida Meire, 2006.

O desafio principal é aprender o que realmente se precisa aprender para construir um currículo.

O que uma criança numa favela ou no campo precisa aprender, e o que os educadores, griôs e mestres podem aprender com ela?

O que uma criança de família de tradição oral precisa aprender, e o que os educadores, griôs e mestres precisam aprender com ela?

O que é universal, e o que é particular?

(*) “O ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, a educação das relações étnico-raciais, tal como explicita o presente parecer, desenvolver-se-ão no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, como conteúdo de disciplinas, particularmente educação artística, literatura e história do Brasil, sem prejuízo das demais⁸¹, em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, na utilização de sala de leitura, biblioteca, brinquedoteca, áreas de recreação, quadra de esportes e outros ambientes escolares”. ⁸¹Ver obra que pode ser solicitada ao MEC: MUNANGA, 2001.




Foto: professoras Róbélia Barbosa e Rosenilda Pinheiro em ritual de vínculo e aprendizagem na Escola Comunitária, comunidade do Tanquinho. Dança do umbigada com a cantiga "Mario Roxinho".

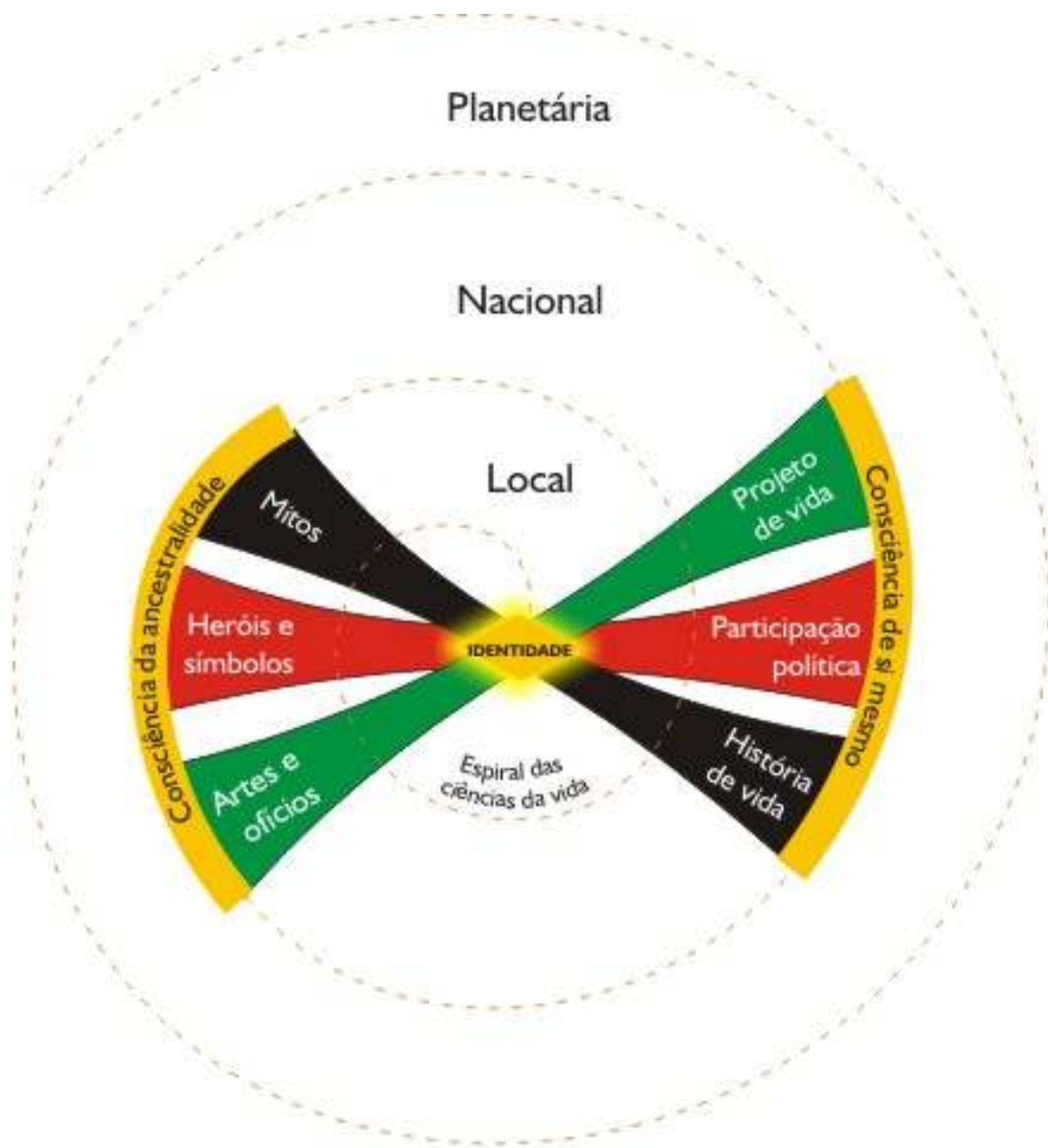
Libertando-se das grades curriculares

Os educadores que participam do Grãos de Luz e Griô angustiam-se quando percebem que a própria postura na vida desvaloriza suas raízes étnico-culturais, que é a mesma dos meninos, meninas, mães e pais da comunidade escolar. Essa angústia faz repensar sua vida e sua prática pedagógica.

Pensando sobre a prática da sala de aula e da oficina, seja no meio formal ou informal, percebemos que os rituais de vínculo e aprendizagem **mudam o centro da aprendizagem para a identidade e a vida**, assim como propõem a educação biocêntrica e a escola da vida da tradição oral.

O modelo de identidade ao lado organiza conceitos importantes para a prática da pedagogia griô, que transcende a lógica das grades curriculares da maioria das escolas brasileiras.

Estudando o modelo e vivenciando a prática da pedagogia griô, percebe-se a relação vivencial entre os mitos e a história de vida; entre os heróis e símbolos e a participação política; as artes e ofícios tradicionais e o projeto de vida na comunidade para a evolução da identidade e do sentido da vida. Cada um dos pólos da espiral nutre a consciência de si mesmo e da ancestralidade. E todos os significados estão ligados por uma linha espiral que é a própria ciência da vida que forma a identidade. Ciência que parte da semente da sabedoria, o grão de luz da identidade, uma inteligência mítica que conecta o saber humano com o mistério da vida e do universo como conta o mito do *Encantamento do Diamante (ao lado)*. Ciência produzida pela inteligência afetiva que alarga o sentimento e a consciência da vida desde a vivência local até a planetária e universal.



O Mito do Encanto do Diamante

"É a união espiritual com os astros. Para cada estrela no Céu existe um diamante na Terra e nenhum garimpeiro conseguirá apanhá-lo, se as forças dos seus astros não permitirem o bambúrria, desde quando na união do astro com a pedra o elo humano é um garimpeiro específico, formando-se, assim, uma espécie de triângulo mágico." (SENNÁ, 1998)



A escola que começa a rever os seus princípios e práticas pedagógicas, estudando e vivenciando a tradição oral, **enfrenta o conflito de se libertar da lógica das disciplinas para trabalhar o conhecimento total da vida.**

Para tanto, propomos partir de oficinas de identidade que se integram a oficinas de artes e ofícios, onde o estudo das ciências da vida são organizados por uma rede de palavras e temas geradores nascidos do diálogo da identidade nos rituais de vínculo e aprendizagem. Transdisciplinariza-se, dessa forma, o conhecimento que é sempre vivenciado, elaborado, expresso e registrado criativamente por meio de diversas linguagens artísticas.

Segundo Hampâté Bâ (1982, p. 196), **“os ofícios artesanais tradicionais são os grandes vetores da tradição oral (...). A atividade artesanal, em sua operação deveria repetir o mistério da criação”.**

O sonho é se libertar das grades curriculares, vivenciar e evoluir numa educação nas escolas enquanto identidades que

possuem uma ancestralidade e projeto de vida.

Góis (1998) discute a educação biocêntrica, propondo: “todos em uma roda de diálogo e convivência, dançando a diversidade e negando a padronização cultural e ideológica da globalização, que tanta exclusão social tem gerado, inclusive nos países ricos. Uma roda de amor, aceitação e de integração das diferenças, onde aprendemos não apenas pelo raciocínio intelectual, mas também por meio das emoções, dos sentimentos, das sensações, da intuição e do movimento. Isso ainda é uma utopia, mas a vivência transcultural do amor é possível, é preciso que o educador não perca de vista este sonho”.

A vivência transcultural do amor ainda é realmente uma utopia que norteia a pedagogia griô, porém é real na sala de aula e nas oficinas Grãos de Luz e Griô o fortalecimento do vínculo afetivo e cultural de educandos consigo mesmos e com os educadores, vivendo e contando uma história em movimento, comovida e em evolução.

Página anterior: nas fotos à esquerda, oficina de identidade, dança e música no Grãos de Luz, na capacitação de educadores e nas escolas municipais (profª Sheila Jorge, Escola Comunitária); à direita, criação de rituais de vínculo e aprendizagem a partir da oficina de identidade, música e dança. Capacitação de educadores, professoras Márcia Caires e Lillian Pacheco, Vale do Capão, 2004.

Aprendendo e ensinando com a educação biocêntrica

Ruth Cavalcante

Não é necessária uma análise muito aprofundada para percebermos que o mundo está se transformando de forma tão acelerada que mal podemos acompanhar. Do ponto de vista cronológico, tomamos como referência apenas as décadas de 60 e 70, quando movimentos sociais, intensas manifestações de caráter político-cultural, educacionais, tecnológicas e das relações entre países e pessoas deram impulso às mudanças paradigmáticas profundas que vivemos hoje. É nesse contexto que emergem muitos gênios da humanidade dando substanciais contribuições para um melhor estilo de viver. Entre eles está o cientista chileno Rolando Toro Arañeda, trazendo a concepção do princípio biocêntrico e apresentando um sistema que chamou de biodança, com todo um modelo teórico e metodológico que se vem aperfeiçoando ao longo dos últimos 40 anos. Toro não só formulou o princípio biocêntrico como ele próprio iniciou sua aplicação. Primeiramente na América Latina, mais consistentemente no Brasil, e hoje se expandindo pelos cinco continentes. Ele define assim sua genial idéia:

A teoria da Biodança se estrutura do "princípio biocêntrico". Ele tem como referência imediata a vida e se inspira nas leis universais que conservam os sistemas vivos e que tornam possível sua evolução.

O princípio biocêntrico estabelece um modo de sentir e de pensar que toma como referência existencial a vivência. Surge, assim, de uma proposta anterior à cultura e se nutre das informações que temos sobre os seres vivos. Tal proposta pode parecer surpreendente, já que somos habituados ao uso da lógica dedutiva, isto é, somos avessos a tirar conclusões preestabelecidas de certos fatos. O método usado aqui, ao contrário, não é preestabelecido: parte do fato inquestionável da existência da vida "aqui e agora" para interrogar-se sobre a origem do cosmo. Minha abordagem da consciência de estar vivo e da certeza de que esta vivência fornece como dado inicial.

O princípio biocêntrico coloca seu interesse em um universo compreendido como um sistema vivo. O reino da vida abrange muito mais que os vegetais, os animais e o homem. Tudo o que existe, dos neutrinos ao quasar, da pedra ao pensamento mais sutil, faz parte deste sistema vivo prodigioso. Segundo o princípio biocêntrico, o universo existe porque existe a vida, e não o contrário.

A vida não é a consequência dos processos atômicos e químicos, mas da estrutura do universo. As relações de transformação matéria-energia são os estados de integração da vida. A evolução do universo é, na realidade, a evolução da vida. (2002, p. 50)

Isso significa que estamos saindo de uma visão mecânica, fragmentada, reducionista, linear, que separa o ser dos seus relacionamentos, para uma visão quântica em que os seres estão relacionados e interconectados, formando um complexo sistema vivo, uma teia em constante interação.

Inicialmente, apenas a biodança surgiu como expressão do princípio biocêntrico e vinha, ao longo de algumas décadas, atuando em todas as esferas da convivência ecológica e humana. Mesmo percebendo os efeitos de reeducação dessa abordagem, muitos educadores, particularmente no Ceará, tinham necessidade de uma formulação mais direcionada à área educacional. Assim, dentre os muitos caminhos que convergem para a "era das relações", saindo do que se pode chamar do fracasso da "era material", onde toda a sociedade corre alucinada em busca de bens materiais, fomos sistematizando mais um deles, partindo da "visão biocêntrica", que chamamos de educação biocêntrica.

Toro define assim essa proposta pedagógica:

A Educação Biocêntrica parte de um novo paradigma das Ciências Humanas, que é o Princípio Biocêntrico.

A Educação deve ser representada nos seus objetivos mais profundos. Não se desqualifica a formação intelectual ou tecnológica, mas é indispensável estimular basicamente os potenciais genéticos que constituem a estrutura básica da identidade. Toda a Metodologia deve orientar-se para a conexão com a vida.

A matéria da Educação Biocêntrica é a vida. É indispensável, em nossa cultura, recuperar o sentimento de "socialização da vida" e gozo de viver.

O desenvolvimento da afetividade, da percepção ampliada e da expansão da consciência ética, deve ter prioridade absoluta.

A Educação Biocêntrica utiliza como mediação a Biodança, através da qual se expressam os Potenciais genéticos de vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência. (Apostila do Curso de Formação de Facilitadores de Biodança)

Parte da problemática educacional de que somos vítimas hoje decorre da influência de uma visão cartesiana do sistema de valores, que lhe está subjacente, de correntes psicológicas e filosóficas que influenciaram e continuam sendo referência para a educação. Modelos educacionais convencionais estão ancorados em paradigmas antivida.

Os valores como sendo tudo aquilo que pode ser generalizado, universalizado é resultante de um entrelaçamento do mundo instintivo, emocional e cultural, envolvendo poderosas cargas psíquicas de grande complexidade.

Sabemos que os valores podem ser antivida ou de proteção da vida. Os primeiros limitam ou impedem a expressão do potencial evolutivo na forma natural da espécie e da vida, negando a individualidade e singularidade de cada pessoa, enfraquecendo a sua identidade, propiciando vivências desintegradoras de intenso vazio existencial.

Os valores pró-vida propiciam uma profunda conexão nos três níveis de vinculação, dão estrutura à vida interior do ser em consonância com a interação com o outro e em comunhão com a natureza, o cosmo, mundo social e espiritual.

Rolando Toro nos presenteou com o princípio biocêntrico, anunciando valores biocêntricos pró-vida, introduzindo-nos na cultura biocêntrica. Essa se contrapõe à cultura de dominação da razão. Nunca se destruiu tanto o universo, o cosmo, pela ilusão de que o ser humano pode fazer tudo o que quiser, partindo da visão antropocêntrica que alimenta a superioridade do homem, produzindo os fundamentos do mundo capitalista, os quais geraram seus paradigmas, sendo o maior deles o uso indevido da razão e, não menos desenvolvido, a mitificação do trabalho. Esses dois paradigmas interferiram na dança de celebração da vida, deixando surgir um terceiro paradigma, que é o abandono da festa. O trabalho obsessivo transformou tudo em mercadoria vendável, onde o principal valor é o lucro. Mas nem sempre foi assim. Os antigos levavam toda a vida permeada de festa. Na cultura religiosa, o dia santo era o dia de festejar.

O princípio biocêntrico nos chama de volta à festa, para agirmos no mundo a partir da nossa necessidade de beleza, de afeto, de carinho, de ternura, mostrando que a realidade é o amor, e nos devolve o gozo de festejar e a coragem de amar. Esse é para nós o valor fundamental, essencial.

Sem separar a pessoa do mundo em que vive e de seus relacionamentos, o princípio biocêntrico reconhece a vida humana entrelaçada com o mundo natural no diálogo

profundo consigo mesmo, com o outro ser e com a sociedade. Encontramos no princípio biocêntrico uma referência teórica e vivencial capaz de nortear a busca de um novo paradigma para a educação, que foi sistematizado na educação biocêntrica e que tem a biodança como mediadora. Somos estudiosos das teorias do conhecimento e da aprendizagem, onde o ser humano é compreendido em sua multidimensionalidade como ser indiviso em sua totalidade, levando em consideração as diversas dimensões do fenômeno educativo, seus aspectos físico, biológico, mental, psicológico, cultural e social.

Fazemos uma profunda revisão na maneira de ensinar e aprender, tendo coragem de aprender a desaprender o que os valores antevista nos impuseram. Queremos gerar novos ambientes de aprendizagem, sem tratar o conhecimento de forma fragmentada, estática, dissociado da vida, mas sim fazendo ciência com paixão e compromisso com a vida, não só com inteligência cognitiva, mas fundamentalmente com inteligência afetiva. Pensamos que a vida tem a dimensão do cosmos, que o paraíso, a felicidade tão levemente anunciada na sociedade capitalista, não está nos bens materiais nem tampouco é inacessível, porque se pode encontrar tão somente na beleza das artes, no sabor dos alimentos, no doce olhar do amigo, no abraço de aconchego da mãe, na dança dos amantes, no prazer de aprender. E a escola e outras instituições educacionais poderiam ter acesso a essa forma de ensinar e aprender.

A educação biocêntrica, que tem como tarefa a expressão dos potenciais genéticos, propõe o desenvolvimento pleno da vida e oferece recursos pedagógicos para realizar esse projeto, sendo o maior deles o **sistema biodança** que serve como mediador. Ambas, biodança e educação biocêntrica, por terem como base o mesmo princípio, têm a visão de que a vida nada mais é do que uma grande teia de relações, conexões, interdependência, onde o ser humano é um fio particular dessa teia e não o mais importante, como preconiza a visão antropocêntrica.

A Biodança é um sistema de desenvolvimento humano baseado na expressão e desenvolvimento da identidade, ponto de partida e base da percepção e das noções que construímos acerca de nós mesmos e do mundo. Podemos, também, conceituar a Biodança como:

Pedagogia pelo movimento;

Pedagogia do encontro;

Poética do encontro;

Uma nova sensibilidade frente à vida;

Sistema de desenvolvimento humano,

orientado para o estudo e fortalecimento da expressão dos potenciais humanos, através da música, exercícios de comunicação em grupo e vivências integradoras. (GÓIS, 2002, p. 23)

Nesse enfoque, procura-se respeitar a totalidade orgânica feita de relações em rede e de processos de integração. Tudo interexiste com todos os seres do universo, diz a visão biocêntrica.

Para nortear a busca de um novo paradigma para a educação, sem sair do princípio biocêntrico, irmanamo-nos a alguns teóricos das teorias do conhecimento e da aprendizagem, que têm ações e

pensamentos pedagógicos semelhantes com vasta produção teórica e longo período de práxis, destacando entre eles Piaget, Vygotsky, Wallon, Carl Rogers, Paulo Freire, Edgar Morin e Cezar Wagner. Eles oferecem subsídios para conciliarmos a educação biocêntrica com o que está acontecendo no mundo da ciência e da mística e os avanços científicos e tecnológicos. Como conciliar esses avanços com a necessidade de integração do ser humano e do mundo?

Na preparação para o primeiro curso de pós-graduação nessa pedagogia do encontro, entramos em contato com a educadora Maria Cândida Moraes que se afina muito com essas idéias e seus livros foram usados como bibliografia complementar:

Criando ambientes de aprendizagem que facilitem a vivência dos processos intuitivos e criativos, que facilitem o religare do indivíduo com o universo, com a consciência cósmica - pois é por meio da intuição que são geradas as novas idéias - e possibilitando a vivência dos processos criativos é que teremos mais autoconfiança, mais capacidade de enfrentar os problemas, mais condições de preservar nossa integridade e nosso equilíbrio psicoemocional. Vivenciando os processos criativos estaremos possibilitando o surgimento de uma geração capaz de sonhar mais, sentir mais, inovar e imaginar um pouco mais, de uma geração mais sensível e criativa, capaz de refletir, de encontrar e criar soluções mais adequadas e duradouras para os problemas da humanidade.

É essa capacidade de reflexão que leva o indivíduo a aprender a conhecer, a pensar, a aprender a aprender, a aprender a fazer. (MORAES, 1997, p. 227)

E Toro ressalta o aprender a viver. Como sair da forma que durou séculos, deixando o pensamento humano modelado por uma visão do conhecimento disciplinar, hierárquico, fragmentado, produzindo, conseqüentemente, uma concepção fragmentada do conhecimento?

A noção de interconectividade nos faz entender que a pessoa aprende não apenas pela razão, pelo intelecto, mas também pela sensação corporal, pelas emoções e sentimentos, pela intuição. Sabemos que a educação é particularmente resistente à mudança, mas ela precisa recuperar o sentido do seu ofício.

Na visão biocêntrica (integral, holística), o conhecimento decorre dos aspectos inseparáveis e simultâneos que envolvem os aspectos físicos, biológicos, mentais, psicológicos, espirituais, culturais e sociais.

A educação é vista não apenas no processo de ensino no âmbito escolar, mas acontecendo na família, no trabalho, nos grupos de convivência, na sociedade como um todo. Coloca-se no campo da formação humana, na vivência da vida em todas as suas manifestações. Acontece na pluralidade de espaço, tempo, de vivências onde as pessoas se formam. Somos, portanto, todos educadores.

Cuidar da educação é cuidar da vida em germinação humana, é cuidar do amor. Não é um caminho fácil, é preciso sentir o coração da natureza e perceber a profunda e sutil realidade do desdobramento da vida em diversidade, conexão, complexidade e autopoiese. Entendemos a educação desse modo, uma educação permanente, biocêntrica (CAVALCANTE, 1997; BESERRA, 1997).

Um vínculo de diálogo e amor gerado e sustentado na vida. Educar assim é participar inteiro da vida. Quem educa é mestre e este é a Natureza em nós. Enfim, tecer a vida é construir um cotidiano de vínculo, um trabalho com sentido, cor, prazer, abrir-se ao encontro com as pessoas e lutar contra a opressão e a exploração, simplesmente por que ama ao outro e a vida. (GÓIS, 2002, p. 42)

A partir das idéias dos teóricos citados, a educação biocêntrica alia-se ao construtivismo, à educação holística e particularmente à educação dialógica de Paulo Freire, que nunca separou o texto do contexto do educando, para, diante desse espantoso movimento evolutivo que testemunhamos, formarem o que chamamos de tendência pedagógica evolucionária, anteriormente citada, como desdobramento ou continuação da tendência progressista e da crítica social dos conteúdos em vigência na educação brasileira. Quando chamamos de evolucionária para definir a proposta dessa nova tendência, baseamo-nos também em uma afirmação de Toro que diz: *"Quando partimos de uma concepção biocêntrica, iniciamos uma forma nova e evolucionária de Educação, mais abrangente e efetiva que as formas tradicionais"*.

Desde a década de 60, antes mesmo de conhecermos a educação biocêntrica, já havíamos nos comprometido com a proposta freiriana exatamente pelo seu conteúdo profundamente ligado à vida dos educandos, com destaque para a importância da educação como um ato político e amoroso.

A educação biocêntrica não está voltada apenas para a humanização e sim para a transcendência do ser humano, abarcando a grandiosidade cósmica, só possível por meio da vivência. O princípio biocêntrico encontra no universo o uno e o diverso, nem ficando na monotonia do uno e nem somente no caos do diverso, mas percebendo a unidade na diversidade. Somos feitos de matérias do universo, e existem misteriosos atratores nos sistemas vivos que organizam o caos. O atrator da vida humana é o amor. Temos de aprender a sair do caos, encontrar o atrator. A arte é um caminho nas suas múltiplas formas de expressão e no próprio fazer artístico; a música, por exemplo, tem um poder orgânico melhorando o êxito no desempenho da aprendizagem; a poesia percebe a vida poeticamente, tem a dimensão poética dos acontecimentos; a dança fomenta o prazer de viver, promove renovação existencial, mudança no sentido de viver. A arte tem uma ordem na aparente desordem, unindo assim Apolo e Dionísio, razão e emoção.

A educação biocêntrica esclarece a multidimensionalidade do processo educativo não apenas na escola, onde lidamos com as sementes do futuro, mas também com os agentes do presente atuantes nas organizações e comunidades. Esclarece a inter-relação e a interdependência, essencial entre todos os fenômenos da natureza, a interatividade existente entre todas as coisas, formando a maravilhosa teia da vida.

Na educação biocêntrica queremos formar educadores entendendo que o principal instrumento de ensino-aprendizagem é ele(a) próprio(a) e que por isso buscará alcançar sua experiência evolutiva desdobrada pelas linhas de vivência para se tornar mais integrado, harmônico e amoroso.

Queremos formar educadores respaldados por valores biocêntricos, que desenvolvam a sua própria inteligência afetiva assim como a de seus educandos, tornando-os capazes de ser criativos, autônomos, solidários, fraternos, altruístas e abertos à renovação biológica existencial.

Marta Kohl, comentando o pensamento de Vygotsky sobre a relação com afetividade, dá-nos mais subsídios para integrá-lo nessa tendência pedagógica:

Vygotsky menciona, explicitamente, que um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro, propondo a consideração da unidade entre esses processos. Coloca que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção(...)Esse pensamento dissociado deve ser considerado tanto um epifenômeno sem significado, incapaz de modificar qualquer coisa na vida ou na conduta de uma pessoa, como alguma espécie de força primeva a exercer influência sobre a vida pessoal, de um modo misterioso e inexplicável. (1992, p. 76)

A educação biocêntrica trabalha o desabrochar da inteligência afetiva, proporcionando o fortalecimento de vínculos. Ela é um processo existencial que compromete a existência inteira, já que o afeto está situado no centro neurológico considerado de longo prazo. Mesmo assim consideramos que as abordagens educacionais que formam a tendência evolucionária podem gerar uma força poderosa de mudança social, porque partem de uma mesma base de compromisso com a vida, capaz de construir um mundo solidário, fraterno, de paz e compaixão.

Nessa perspectiva, podemos desenvolver mais intensamente a consciência que é a própria essência da psique humana, constituída por uma inter-relação dinâmica em transformação ao longo do desenvolvimento entre intelecto e afeto, atividade no mundo e representação simbólica, subjetividade e interação social. A afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência e vice-versa.

O desenvolvimento da inteligência tem sido muito estudado por autores como Piaget, Gessel, Skinner, Golleman, Gardner e muitos outros, mas a afetividade tem sido objeto de estudo de poucos. Podemos citar René Spitz, Wallon, Vygotsky, Paulo Freire com seu diálogo amoroso e Rolando Toro.

Segundo Wallon, as formas adultas de afetividade diferem das formas infantis do desenvolvimento da inteligência. Na infância, é pura emoção, reduz-se a manifestações somáticas, epidérmicas e as trocas afetivas dependem da presença concreta dos parceiros. No adulto, continuam essas necessidades, mas a função simbólica

beneficia a comunicação, alargando seu raio de ação. Para a educação biocêntrica, a possibilidade de nutrição afetiva - que na infância se reduz à comunicação tônica - ganha força com o toque e principalmente com a carícia e a entonação da voz, instalando a vinculação afetiva. Nasce o tipo de conduta que coloca exigências também racionais às relações afetivas, tais como respeito mútuo, igualdade de direitos, senso de justiça, solidariedade, compaixão. Heloysa Dantas, estudiosa de Wallon, afirma:

A afetividade, nesta perspectiva, não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas com o predomínio da primeira. (1992: p. 85, 90)

A visão biocêntrica não separa o afeto do cognitivo e trabalha o conceito de consciência dessa relação entre afeto e intelecto numa abordagem orgânica do ser humano, rejeitando a forma fragmentada como parte da ciência moderna se apresenta. Toro diz que a afetividade constitui a trama subjacente de todas as funções mentais, tudo provém da esfera vivencial e afetiva. Assim, concluímos que a qualidade da inteligência se organiza da fonte afetiva.

A educação biocêntrica trabalha o desabrochar da inteligência afetiva, proporcionando o fortalecimento de vínculos. Ela é um processo existencial que compromete a existência inteira, já que o afeto está situado no centro neurológico considerado de longo prazo. Mesmo assim consideramos que as abordagens educacionais que formam a tendência evolucionária podem gerar uma força poderosa de mudança social, porque partem de uma mesma base de compromisso com a vida, capaz de construir um mundo solidário, fraterno, de paz e compaixão.

Nessa perspectiva, podemos desenvolver mais intensamente a consciência que é a própria essência da psique humana, constituída por uma inter-relação dinâmica em transformação ao longo do desenvolvimento entre intelecto e afeto, atividade no mundo e representação simbólica, subjetividade e interação social. A afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência e vice-versa.

O desenvolvimento da inteligência tem sido muito estudado por autores como Piaget, Gessel, Skinner, Golleman, Gardner e muitos outros, mas a afetividade tem sido objeto de estudo de poucos. Podemos citar René Spitz, Wallon, Vygotsky, Paulo Freire com seu diálogo amoroso e Rolando Toro.

Segundo Wallon, as formas adultas de afetividade diferem das formas infantis do desenvolvimento da inteligência. Na infância, é pura emoção, reduz-se a manifestações somáticas, epidérmicas e as trocas afetivas dependem da presença concreta dos parceiros. No adulto, continuam essas necessidades, mas a função simbólica

beneficia a comunicação, alargando seu raio de ação. Para a educação biocêntrica, a possibilidade de nutrição afetiva - que na infância se reduz à comunicação tônica - ganha força com o toque e principalmente com a carícia e a entonação da voz, instalando a vinculação afetiva. Nasce o tipo de conduta que coloca exigências também racionais às relações afetivas, tais como respeito mútuo, igualdade de direitos, senso de justiça, solidariedade, compaixão. Heloysa Dantas, estudiosa de Wallon, afirma:

A afetividade, nesta perspectiva, não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas com o predomínio da primeira. (1992: p. 85, 90)

A visão biocêntrica não separa o afeto do cognitivo e trabalha o conceito de consciência dessa relação entre afeto e intelecto numa abordagem orgânica do ser humano, rejeitando a forma fragmentada como parte da ciência moderna se apresenta. Toro diz que a afetividade constitui a trama subjacente de todas as funções mentais, tudo provém da esfera vivencial e afetiva. Assim, concluímos que a qualidade da inteligência se organiza da fonte afetiva.

Mas percebemos na nossa prática pedagógica que a afetividade é uma das funções psicológicas mais reprimidas no meio educacional, assim como no mundo organizacional, social e mais ainda no mundo político. Inteligência e consciência são a capacidade afetiva de estabelecer conexões com a vida e relacionar a identidade pessoal com a identidade social e identidade do Universo. Para que isso aconteça, é necessário despertar a intuição e o sentir que se geram na esfera da vivência que necessita da realidade histórico-social para acontecer.

A inteligência é, portanto, a percepção da realidade e provém da afetividade.

*Segundo Toro, "a afetividade é um dos componentes psicológicos essenciais da estrutura dinâmica da inteligência. O saber tem uma unidade essencial que se origina na inteligência afetiva. Todas as funções psicológicas, cognitivas e afetivas estão perfeitamente integras... **A afetividade aproxima a percepção a um sentido realista, conectando a vida com o significado essencial dos fatos, impregnada da percepção de beleza, imaginação e compreensão... A construção do conhecimento conceitual se gera na inteligência afetiva e numa epistemologia vivencial**".*

A pessoa mais inteligente, se não tem afetividade, pode comprometer a vida no planeta, pois é o amor que desperta o sentimento de pertinência.





6. A pedagogia Grupos
no currículo municipal de Lençóis



A Oficina de identidade, dança e música se encanta com Dom Obá e a tradição oral local

“Eu queria saber histórias de negros para contar para os meus alunos, a gente só sabe histórias de Branca de Neve e outras histórias de reis e rainhas brancos”, profª Sheila Jorge, comunidade do Tanquinho.

As oficinas Grãos de Luz de identidade, dança e música facilitaram rituais de vínculo e aprendizagem, contando a história do herói lençoense Dom Obá em cordel, cantorias, danças e quadras da cultura local.



Fotos das oficinas de identidade, dança e música do Grãos de Luz, profª Lillian Pacheco e profª Márcia Caires: aula com Mestre Dunga, meninas tocando zabumba, aulas com o cantor Emídio. No alto, vivência de identidade facilitada por Lillian Pacheco na capacitação de educadores - no centro do roda profª Janilde Fontinelle.



Marilane, 14 anos, na oficina de identidade, dança e música do Grãos de Luz.

O cordel conta a vida de Dom Obá, príncipe afro-baiano, provavelmente nascido na mesma época do município de Lençóis, filho de escravo forro. Dom Obá era **desconhecido pelos livros didáticos, pelas escolas e pelos griôs e mestres de tradição oral de Lençóis.**

Na geografia e na história da África trazida por Dom Obá, os meninos e as meninas das oficinas e das escolas descobriram reinos e cidades, como Oyó e Ilê Ifé, de reis e rainhas negros que foram divinizados. Descobriram o que significa Obá na língua nagô, criando dicionários de português-yorubá. Desvendaram a guerra do Paraguai e participaram das discussões de Dom Obá com Dom Pedro a respeito da valorização do trabalho do negro.

A imagem de Dom Obá imponente, pensador, escritor, guerreiro motivou as vivências dos movimentos arquetípicos de valor e de trabalho. Danças tribais de

guerreiros possibilitaram o exercício da força do olhar, do ritmo, da flexibilidade, da agilidade **do caminhar e do salto para enfrentar os desafios da vida.**

Os provérbios de Dom Obá motivaram conversas filosóficas - **“sou aquilo que sou” e vivências** de desafio do grito, da fala e expressão da identidade no centro da roda. Cada criança celebrou no centro da roda: “eu sou Dieles; eu sou Diego, eu sou Taise...”, e os educadores também: “eu sou Márcia, eu sou Izabel, eu sou Marilândia...”, cada um com a sua emoção de se reconhecer afro-descendente, brasileiro, lençoiense.



Desenhos: Instrumentos musicais de Leonardo, 7º série, profª Janira Fontinelle, comunidade do Tanquinho; oficina de música no Grãos de Luz; ditado de palavras com instrumentos utilizados no samba de roda em Lençóis - 1ª série, profª Izabel.



As vivências em rodas com danças, músicas e histórias facilitaram na comunidade relações étnico-raciais positivas; o desenvolvimento da auto-estima e da capacidade de vínculo; da consciência e imagem corporal negra; da qualidade afetiva do movimento e da integração do grupo.

Nas escolas, os meninos e meninas criaram listas e desenhos de instrumentos musicais da cultura local com passo a passo do processo de produção; recontaram e desenharam a história de Dom Obá; incluíram nos gêneros literários estudados as quadras e cordéis criados por eles e suas famílias.

Fotos: Os irmãos Uillian e Uilliana dançando o umbigado na oficina Grãos de Luz; vivência e pesquisa da Escola Isabel da Silveira, com mães e avós (Pedrina, Lina e Dona Rosa) da comunidade do Tomba, sobre samba-de-roda e reisado - motivação para descoberta da ancestralidade.

**Somos descendentes de africanos,
não sei como vim parar aqui.
Acho que vim pra aqui a partir
das pessoas que vieram antes de mim.**

**Somos descendentes de um
príncipe africano.
Ele se chama Dom Obá
e foi guerreiro valente pra danar.**

**Orgulho nós temos de africanos
descendentes ser.
Mas não sei explicar o fato de
aqui parar.
No fundo eu sei,
sou descendente de orixá.**

Ludimila Moura e Joseane de Jesus,
Alunas da professora Damares Silva, Escola
Octaviano Alves, comunidade do Tanquinho.

“A dança é em círculo onde todos dançam com animação. No meio da roda sempre é escolhido um com uma umbigada. Os instrumentos que se usa para fazer o samba mais divertido são pandeiro, zabumba, cuíca, reco-reco, palmas, viola e outros. Em ritmo das chulas e batuques. O samba-de-roda e a umbigada foram os primeiros tipos de dança criados pelos negros no Brasil”, texto coletivo das crianças da 1ª série, profa. Isabel da Silva, sobre o samba-de-roda.

“Eu gerei no samba, vivo no samba e só saio do samba quando morrer. Na chula um canta e outro responde, já no batuque todos cantam”, Dona Rosa, 77 anos, em aula na Escola Isabel da Silveira.

Os griôs caminharam e contaram a história de Dom Obá, vivenciando rituais de vínculo e aprendizagem com mais de 3 mil pessoas de todas as idades nas escolas e festivais de Lençóis e São Paulo. Catorze cantadores da tradição oral* ensinaram 20 cantigas e sete instrumentos percussivos (pandeiro, caixa, zabumba, reco-reco, agogô, chocalho e triângulo) nas oficinas e nas escolas. Os rituais de vínculo e aprendizagem foram enriquecidos com 20 passos de danças da cultura local, entre elas danças do trabalho, da umbigada, do viramão e do paulista.

*(Dona Rosa, Lina, Pedrina, Roberto, Aurino, Antonio Coxo, Seu Cassimiro, Emídio, Paulinho, Dona Zuzinha, Derina, Seu Zé da Sarfona, Seu Germinio, Seu Alfredo.)

77 crianças, adolescentes, jovens, educadores e griôs dançam, contam e cantam histórias no Festival de Inverno de Lençóis, 2005.





"Árvore do esquecimento" de Uaxeda, 7 anos, profª Zélia.

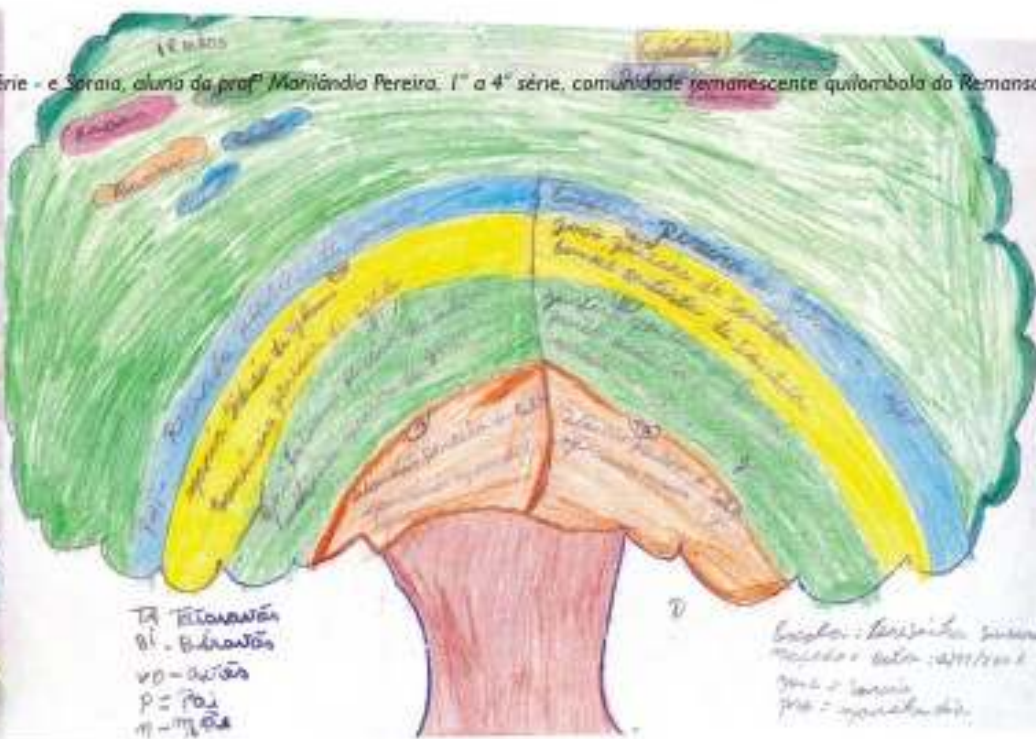
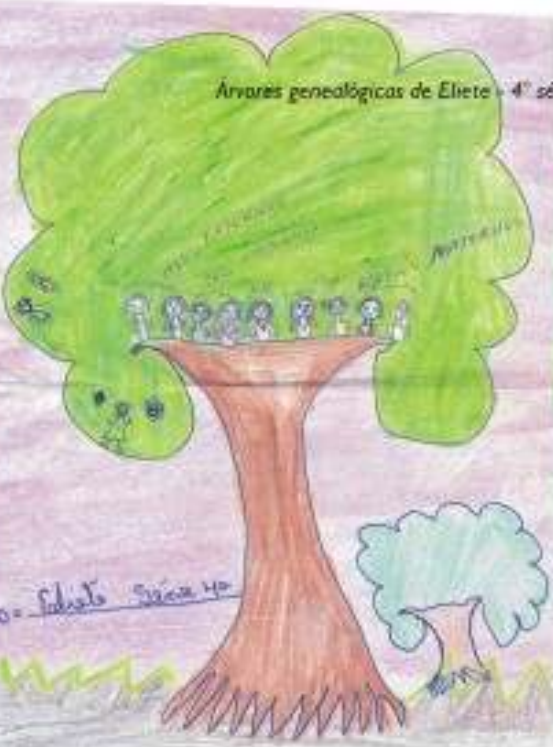
De onde viemos? Quem são nossos ancestrais? Como surgiu o homem na Terra? Vocês sabem o que é mito? cordel? quadras? cantigas de roda? Quais os tipos de textos que vocês conhecem?

As perguntas motivadas na roda justificaram a invenção da história de "Tawamim e o Griô na diáspora", além das histórias dos arqueólogos e biólogos a respeito do surgimento do homem na Terra. Na tradição oral todas as ciências se transformam em histórias. Os mitos afro-brasileiros, os saberes das comunidades, da ciência milenar africana das pirâmides, do parto cesariano, da astronomia dos dogons (grupo étnico

africano), de Amkoullel - o menino fula, do noroeste da África -, ressignificaram o valor de ser afrodescendente e brasileiro. A árvore do esquecimento e a porta sem volta mobilizaram a criação da árvore genealógica, ao mesmo tempo em que desafiaram uma postura de indignação com a história e o compromisso com a ancestralidade. A sabedoria da cultura nômade dos pigmeus e dos masais da África motivou a curiosidade e o encanto dentro do tema. Do Nordeste brasileiro foram pesquisadas histórias de heróis contadas em cordéis e versos populares, incluindo Zumbi, heróis da capoeira e heróis vivos das famílias.

"Então todo mundo é irmão",
Luma, 7 anos, a partir do mito de Maa-ngala, prof^a Rita Azevedo.

"Com o Griô eu me alfabetizei. Eu descobri que eu não era alfabetizado... eu nunca tinha me tocado que o Egito está na África. Porque era uma civilização rica, a gente não liga uma coisa com a outra ... eu sou negro e tinha preconceito com o Jarê, mas depois deste trabalho eu tenho outra visão das religiões", prof^a Samuel Santos.



OS Orixás



Keyliane (3 anos) e a profª Nádia Oliveira, comunidade do Tanquinho, Lençóis



Tawamin e o griô na diáspora

Lillian Pacheco

Joga de versos com
a Velha Griô,
comunidade do
Remanso.

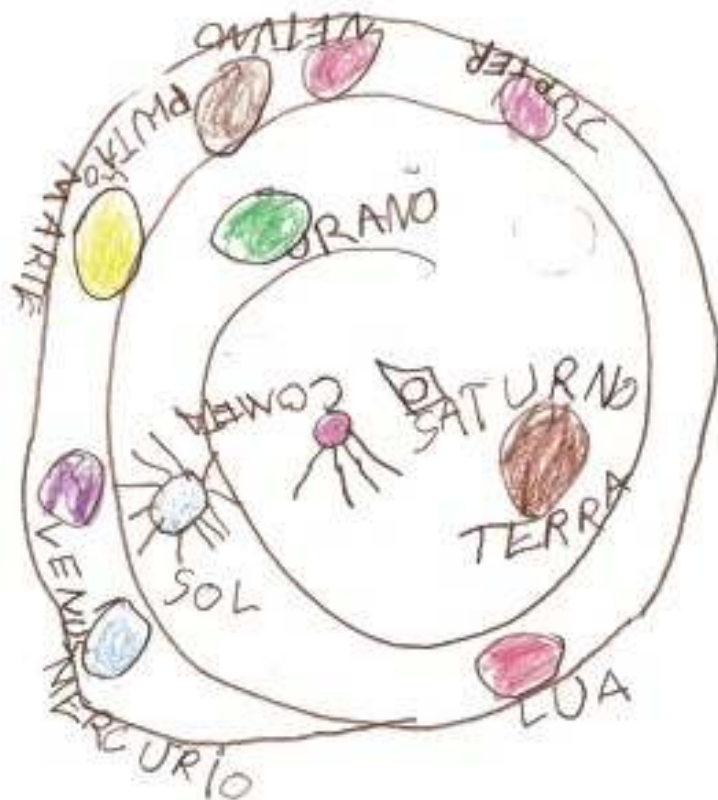
“...não sabia se ria ou se chorava, se sofria ou se brincava, alguma coisa doía e queria sair, mas só doía por estar preso. Tawamim descobriu que eram palavras que queriam voar, dar asas a sua voz e seu espírito que era musical. Descobriu que algo dentro dele queria dançar, dar corpo visível à música dos tambores, flautas e violas. Tawamim ficou olhando para o tambor de pau oco de Cocão, a flauta doce do pau de bambu, lembrou que ele era de Ogum, lembrou-se do seu nome de família que significava filhos da terra. Lembrou-se de sua mãe e de suas cantigas de dormir. Assim dançavam pedaços de imagens, sons e lembranças em sua memória juntando-se em versos. Tawamim, sem saber se era sonho ou se era verdade, voou leve para o centro da roda, olhos em tantos olhos tão negros, cara a cara com a luz negra da noite, das estrelas e da cara do seu povo que rodava. Tawamim curvou o corpo reverenciando o tambor e improvisou o primeiro verso para contar sua vida:

Sou filho da Mãe Terra
Sou filho de Ogum
Canta o Cocão lá na serra
Toca o vento no bambu.

Seu verso forte fez tocar os corações da roda.
Verso forte como espada de Ogum. O Griô deu o drão na viola e respondeu com um sorriso quieto sentindo alegria por dentro:

Menino você é guerreiro
Do outro lado do mar
Com as histórias do Griô
Pode o povo libertar.

Foi assim que o Griô pediu ao curador para desenhar a espada de Ogum voando sobre o mar no peito de Tawamim. Agora ele era Um com Todos, um guerreiro de Ogum que um dia navegaria sobre a deusa das águas salgadas, um herói da diáspora...”



Todas as histórias contadas brincaram com palavras geradoras da tradição oral (a palavra, o diálogo, o griô, o mestre, o ritual, o silêncio, a música, a dança, o verso) integradas em vivências com mitos, danças e gestos arquetípicos.

O mito da criação das escolas do Komo, Maa Ngala motivou vivências de transcendência e conexão com a sacralidade da vida. O mito motivou ainda questões e estudos sobre o Big Bang, a construção do mundo e do sistema solar por meio de desenhos, pinturas, papietagem, colagem de sementes e massas de modelar.

Fotos: sistema solar em massa de modelar, aula da profª Janúzia Cruz; Velho Griô cantando mito nas escolas; o mundo em papietagem e sementes, aula da profª Izabel. Desenho: 'A Terra e o sistema solar', Rosemária, 7 anos, 1ª série, profª Janúzia Cruz.



Sistema Solar de Eliane, 10 anos, prof Argileu Gomes, comunidade do Cantinho, Lençóis.

Oficina de artes visuais 2004 brinca com a técnica do carimbo da tradição oral nordestina




Produtos das crianças e adolescentes da oficina Grãos de Luz de artes visuais. Ao lado: oficinas nas escolas municipais, capacitação de educadores e no Grãos de Luz, prof^a Suzy Brasil.


Em 2004, cordéis, jogos, danças, músicas, histórias, mitos e grãos afro-brasileiros formaram os conteúdos para os rituais de vínculo e aprendizagem das oficinas de artes visuais do Grãos de Luz. Os rituais e saberes motivaram a expressão do imaginário por meio de carimbos, máscaras em papel e em atadura gessada, além de pinturas e bonecos de sucata e papietagem.

A técnica do carimbo foi estudada a partir da técnica tradicional da xilogravura que se expressa nos cordéis nordestinos. O foco do trabalho realizado relevou o processo de construção do perfil e do retrato da nossa identidade brasileira. A pesquisa estética e as técnicas de artes visuais participaram nas escolas de diversas atividades e áreas disciplinares.





Oficina de artes visuais 2005 pesquisa tintas naturais na tradição oral local



Diversos artesãos da comunidade contribuíram com as oficinas de artes visuais em 2005, conhecendo a arte rupestre da Chapada Diamantina, do Brasil e da África, ouvindo histórias e mitos de culturas ancestrais afro-brasileiras. Mas qual o segredo das cores e materiais dessas pinturas?

Brincadeiras e danças em rituais de vínculo e aprendizagem valorizaram a vivência comunitária e coletiva, produzindo tintas naturais com pigmentos minerais e vegetais, moldes vazados, mosaicos e gravuras em pedra. A oficina aprimorou o manuseio de pincéis, tesouras, lápis carvão e giz de cera, dando noções de composição estética por meio da técnica da frotagem.

"A história que eu mais gostei foi a do Chico Rei, porque ele era garimpeiro de ouro e junto com seu filho libertou muita gente", Cecília, 14 anos.

Todos esses saberes e técnicas envolveram educadores municipais e grãos, possibilitando o acesso a materiais artísticos (tinta, por exemplo) que não são priorizados pelas instituições de educação. As tintas naturais levaram os grupos a brincarem e pesquisarem o meio ambiente, estudando as ciências das plantas a partir da tradição oral da comunidade.

Painel de figuras rupestres e amostras pigmentos naturais produzido pelas crianças e adolescentes da oficina Grãos de Luz de Artes Visuais. Profa Suzy Brasil



Oficinas de pintura com pigmentos naturais na capacitação de educadores e escolas municipais; pesquisa com artesãos de Lençóis; mudas de urucum plantadas por crianças da escola Isabel da Silveira e oficina com educadores.



As crianças caminham do terreiro para a matemática da feira e do pilão

A pesquisa das divindades africanas no Peji motivou pesquisas da história do negro no Brasil, das comidas de origem africana na feira municipal, unidades de medida utilizadas pela comunidade comparadas a unidades formais de medida.

“Foi uma aula maravilhosa, pois percebi que os olhinhos das meninas e meninos estavam soltando faíscas de tanta felicidade... a caminhada foi um momento de extrema liberdade”,
Profª Ana Paula Nunes.

As danças e cantos do trabalho envolveram os meninos e meninas na culinária afro-brasileira do pilão, nas suas receitas, contas na feira e valores nutricionais.



Fotos: crianças pesquisando preços e unidades de medida das comidas de divindades africanas na feira de Lençóis, 3ª série, educadora Ana Paula; em baixo: caminhada e pesquisa no Peji de Pai Miranilson sobre divindades africanas, seus cantos, danças, integração com a natureza e comidas de proteção e oferendas, 2ª série, educadora Marizete. Produtos do projeto Iya Iya da Escola Isabel da Silveira



TARETA DE CASA

ORGANIZANDO PREÇOS:

COM AJUDA DA MÃE VÁ ATÉ UMA VENDA
E VEJA QUANTO CUSTA CADA PRODUTO ABRAJE E
ANOTE O PREÇO

PRODUTOS	PREÇOS
CAFÉ	R\$ 1,55
ARROZ	R\$ 1,30 KG
MILHO	R\$ 0,30 LITRO
ALMO	R\$ 0,30
URUCUM (CORANTE)	R\$ 0,50
AZEITE DENDÊ	R\$ 5,00 LITRO



Desenhos: "Calda de cana em Palmares", aluno da prof.
Ana Paula Souza, 2ª série; pesquisa sobre manifestações
culturais de Dilsmar, aluno da profª Marilândia Pereira,
comunidade remanescente quilombola do Remanso.
Exercício de matemática, profª Maria Lúcia Bispo, 1ª série.



Escolas recontam mitos afro-brasileiros

"Foi incrível o interesse das meninas e meninos em ler e escrever a partir das cantigas de roda, do cordel de Dona Bela e Dom Obá, e dos mitos afro-brasileiros. Acho que a curiosidade e o desejo despertaram do fato de estarmos contando nossa história", educadoras Rita Azevedo e Solange Souza.

*"Depois de anotarmos na lousa as hipóteses das meninas e meninos a respeito do título do mito de 'Ogum cria a terra', lemos o mito, confirmando ou não as hipóteses descritas e propondo a todos **que resumissem o texto**, identificando o seu gênero. Foram realizados recantos pelas crianças que deram exemplo de sabedoria na escrita. Depois copiamos o texto das crianças de 6 anos para distribuir para o grupo trabalhar a reescrita:*

"Aprendi muito, mas o mais importante é que descobri o Orixá do Tempo...", prof^a Izabete Regina, escola José Senna. Na foto, vestida de velha contadora de histórias.

*Avia uma paumeira Mairo.
Eram as folhas mais novas da paumeira.
Ogum se aconchegou no topo mais alto.
Chegou uma chuva bem forte. Parecia que não ia mais chuve. Ogum pegou o saco de terra preta rumou na água. Ele soltou a galinha dangola que começou a ispalhar a terra.
Chegaram as irmãos de Ogum. Eles queriam dividir a terra, a terra não tem dono. A terra é de todos".*

As cantigas, danças e mitos afro-brasileiros motivam desenhos e reflexões sobre a vida, os valores humanos, o progresso tecnológico, enriquecendo o imaginário infantil e ampliando o universo de gêneros literários.

Desenho: "O Nascimento da Terra", de Leandro, 7^o série, prof^a Janira Fantinelle, comunidade do Tanquinho.



OGUM O DESBRAVADOR

ENTRE OS ORIXÁS DA FLORESTA É O PR
MEIRO ENTRE TODOS OS CAÇADORES, O ORIXÁ
QUE ABRIU AS PICADAS NA MATA E CONDUZIA A HUMAN
NIDADE À CIVILIZAÇÃO E AO PROGRESSO.
COM SUAS HABILIDADES DE FERREIRO, OGUM NÃO
CRIOU APENAS ESPADAS E LANCAS, FEZ TAMBÉM
ARADOS, ENCADAS, PÁS E OUTROS INSTRUMENTOS
INDISPENSÁVEIS PARA O PLANTIO.
NA ÁFRICA, OGUM REINOU NA CIDADE
DE IRE E EXPANDIU SEU TERRITÓRIO POR
DIVERSAS CIDADES VIZINHAS.

"Ogum cria a Terra", Aline, 8 anos, 1ª série.
Exercício sobre o mito de Ogum, escola José Senna.



*Dona Bela de Taise,
4 anos, e sua professora da
Escola Comunitária*

Oficina de papel e retalhos 2004 inventa um museu

As oficinas de papel e retalhos do Grãos de Luz em 2004 focaram seus projetos pedagógicos na pesquisa e registro da história de Dona Bela, mestre artesã, parteira, rezadeira e filha-de-santo, criando com as meninas e meninos o Museu Dona Bela. Os meninos e meninas criaram produtos em papel e retalhos: livrinhos, blocos, cordéis, bonecos, colchas de cama, cobras de pano, versos e textos que contam a história de Dona Bela com uma beleza e qualidade técnica admirável. Diversos produtos foram expostos no Museu Dona Bela, que foi fundado pela oficina em setembro de 2004 em parceria com Dona Nilza Viana, na própria casa de Dona Bela. O museu se tornou um espaço de visitação e pesquisas regulares de turistas e estudantes das escolas municipais.

***D. Bela era rendeira
E era muito costureira
Gostava de falar errado
E era muito namoradeira.***

***Ela fazia bonecas
E também era parteira
Gostava de costurar
Fazia colcha e brincadeira.***

***D. Bela era parteira
E também era griô
Não sabia o que era dinheiro
E tinha muito amor.***

*Versos, museu e produtos criados pelas
crianças e adolescentes das Oficinas Grãos
de Luz sobre a história de Dona Bela. Profa
Aline Viana*



Oficinas de retalhos e papel reciclado na capacitação de educadores, nas escolas municipais e na Grãos de Luz.
Prof.^a Aline Viana

Sabedoria ancestral das ervas recria o ambiente e o estudo das ciências nas escolas

As parteiras e rezadeiras conhecem e reverenciam as ervas medicinais como conta o mito africano "Ossain, o protetor das folhas". A pesquisa sobre ervas abriu o estudo das partes e classificação das plantas, criação de listas, caça palavras, entrevistas, produção textual coletiva de receitas e painéis de exposição.

"Quais as ervas que a senhora usa para curar? Com quem a senhora aprendeu? As ervas são utilizadas na preparação de rezas, chás, e no que mais? Para que serve cada erva que a senhora conhece?"

As entrevistas com as rezadeiras incentivaram a identidade e o respeito com os conhecimentos tradicionais e a fitoterapia.

As ervas também podem motivar a recriação do entorno da escola com vivência de plantio, classificação e estudo das partes das plantas, com rituais de vínculo e reverência à Mãe Terra. As histórias tradicionais da Mãe Terra e histórias científicas da teoria de Gaia abrem um universo de pesquisa e ressignificação da relação com a vida.

Desenho de "Ossain, o protetor das folhas", Alfo, 7 anos, prof.^a Solange Souza. Pesquisa sobre plantas medicinais, Gilene, 8 anos, 1.^a série, prof.^a Luciene Oliveira, comunidade do Remanso.





Horta comunitária da escola da comunidade de Bela Flor, profª Ana Santiago 2001; ambientação do terreiro da escola e do jardim com pedras, sementes e mandalas; plantio na capacitação de educadores e na escola Isabel da Silveira (bairro do Tomba), escola da comunidade da Luna e do Estado.

Exercício da prof.^a Maria Lúcia Bispo, 1^ª série.

NOME DA PLANTA:

SABUGUEIRO



COMO SE USA:

CONZINHAR SUAS FLORES É
UM CHÁ MUITO ACEITO PELAS
CRIANÇAS

PARA QUE SERVE:

CATAPORA

SARAMPO

ARDOR

COGIRIA NAPELE

É ELIMINACAO DA TOXINA

Oficina de brinquedos e brincadeiras 2005 brinca com a mulinha e o mapa do Brasil



O contato com a tradição oral local trouxe de sua memória a dança e o artesanato da mulinha de ouro nas oficinas Grãos de Luz e nas escolas. Foi mágico reinventar e produzir um brinquedo tão colorido que integra técnicas e materiais diversos. Mais mágico ainda dançar com ele em rituais de vínculo e aprendizagem sobre a história local e o mapa do Brasil. Nas aulas, nas escolas, foi estudada a identidade étnica do povo brasileiro a partir das formas de expressão do bumba-meu-boi, boi de janeiro, mulinha de ouro, burrinha e outros.

Foram parlendas, histórias, muita brincadeira de roda e produção das mulinhas usando garrafas plásticas, papietagem, chitões e fitas coloridas, além de inúmeros porta-lápis e brinquedos de mulinhas reutilizando caixas de papelão.

Fotos: Menino brincando com a mulinha em uma das oficinas nas escolas municipais. Mapa das manifestações do bumba-meu-boi no Brasil, produzido pelos alunos da profª Isaura, 2ª série, comunidade da Ponte. Ao lado, oficina de brinquedos e brincadeiras nas escolas municipais, no Grãos de Luz e na capacitação de educadores. Professoras Delza Bispo e Raimundo Moreira.



O que eu aprendi ?

"Porque todo mundo é feito de carne, osso e sentimentos, por isso todos são iguais. Só que falta ser igual socialmente, que tenha essa educação de qualidade, que todos tenham trabalho e nunca haja crianças nas ruas e sim crianças nas escolas",

Graziela, 14 anos.



Oficina de retalhos 2005 viaja da África para o Brasil com bonecos de pano



Em 2005, a oficina de retalhos pesquisou e vivenciou rituais de vínculo e aprendizagem que integraram a capoeira, a história, a geografia do Brasil e da África. Expressando sentimentos e construindo conhecimentos, as meninas e meninos costuraram bonecos, panos e livros de pano que contaram a história de Aqualtune - a heroína negra do reino do Congo que, mesmo grávida, fugiu com os capoeiras dos engenhos para o quilombo dos Palmares. Os bonecos de pano encantaram todas as idades.

O Grãos de Luz e Griô incentivou os educadores municipais a criar projetos pedagógicos envolvendo rodas e estudos transdisciplinares sobre história, geografia, língua portuguesa e arte, com o tema da capoeira em Lençóis e na Bahia. A partir dessa iniciativa e da experiência acumulada durante 14 anos pela capoeira, a Associação de Capoeira Corda Bamba de Lençóis se tornou Ponto de Cultura do Brasil.

“Com as motivações deste projeto, crianças que pareciam não saber escrever nenhuma palavra, conseguiu mostrar que já está silábico alfabético qualitativo”.
prof.^a Janúzia Cruz.

Foram realizadas pesquisas, intercâmbios, entrevistas, palestras, leituras, vídeos, rodas e vivências, produção de textos, desenhos e histórias contadas sobre a capoeira e Aqualtune. As meninas e meninos recriaram uma imagem positiva de ser negro e negra, além de valorizar a riqueza da tradição oral de seus pais, mães, avós e vizinhos.

Acima: Pano de retalhos e bonecas de pano produzidas pelo grupo cooperativo de jovens para as escolas municipais (a partir da história de Aqualtune), prof.^a Aline Viana. Exercício de geografia da prof.^a Sheila Jorge, alfabetização, comunidade do Tanquinho.



Grupo cooperativo de artesanato em retalhos



“ O projeto Grãos de Luz é um belo livro onde cada um escreve uma página da sua vida.”, Ivonete, 17 anos, Manoela, 18 anos e Janda, 22 anos (fotos)

O grupo de jovens de artesanato em retalhos produz panôs, tapetes de tira, colchas de retalhos com a boniteza e cores da cultura das costureiras de Lençóis. Os bonecos e livros de pano contam histórias de heróis e mitos que constroem a identidade local.







Grupo cooperativo de papel reciclado



Aprendi a trabalhar no futuro com dignidade e responsabilidade",
Soraia, 17 anos

O grupo de jovens de artesanato em papel investiga produtos que unem tintas vegetais e minerais da tradição oral da região com o papel que seria jogado nos lixos das escolas e outras entidades de Lençóis. O grupo busca integrar educação ambiental e cultural para aprender a conviver com o Parque Nacional da Chapada Diamantina e com a economia do turismo.

Produtos como cardápios, blocos, porta retratos, álbuns, pastas, displays veiculam informações e memórias importantes em hotéis, restaurantes, congressos e casas. Inventar um produto na oficina de papel é um ato de amor a natureza e à cultura local.







Grupo cooperativo de turismo de base comunitária



***"Aprendi a contar minha história de vida e a ser contadora de histórias"
Maísa, 17 anos.***

O grupo de turismo de base comunitária, em parceria com o Projeto Bagagem/SP, cria e vende roteiros de convivência e aprendizagem com a cultura local, a partir das pesquisas, vivências e caminhadas do Velho Griô de Lençóis. Nas Trilhas Griôs, os participantes aprendem saberes da tradição oral e contribuem com o desenvolvimento de um turismo solidário na Chapada Diamantina.





Trilha Griô do
Garimpo



Trilha Griô da
Afrodescendência



Trilha Griô do
Quilombo



Trilha Griô das
Ciências Tradicionais



Grupo cooperativo de música e tradição oral



"Aprendi que somos grãos de areia. Sem outros grãos nada podemos construir", Enele, 19 anos

O grupo de música e tradição oral desenvolve rituais semanais e aulas-espetáculo com cantorias, danças e contação de histórias que vinculam o participante com a sua ancestralidade.

É um jeito simples e bonito de ensinar e aprender com a brincadeira, a arte, a ciência e o mito. O grupo investiga e cria diálogos poéticos entre o rap, o rock e o blues com o samba de roda, as chulas, os cordéis, os torés e outras expressões da tradição oral regional, compondo roteiros de aulas-espetáculo da **banda Família Grãos de Luz e Griô**





Com a palavra, Ruth Cavalcante.



Ruth e Cezar Wagner, 1981

Este livro é um trabalho rico e lindo e revela o prazer com o qual é sistematizado pela educadora biocêntrica Lillian Pacheco.

A proposta da Educação Biocêntrica sugere a sua aplicação no âmbito da escola, da organização e da ação comunitária. Considero a experiência do projeto “Grãos de Luz e Grio” **como a maior expressão desta abordagem pedagógica aplicada na comunidade, sendo ela de tal abrangência que interfere nas outras formas de organização da sociedade, quer nas suas estruturas formais ou informais.**

O desenrolar de suas atividades nos últimos cinco anos vem se constituindo como um modelo de participação social e de desenvolvimento do sujeito comunitário com uma identidade pessoal e social fortalecida.

Está muito evidente, através de cada ação pedagógica deste projeto, a construção de uma identidade comunitária entre os moradores do lugar, tudo porque estas ações estão apoiadas nas condições sociais e humanas dos participantes manifestos numa teia de relações afetivas e simbólicas do modo de vida da comunidade, onde seus sentimentos e valores vão sendo lembrados e profundamente respeitados.

O projeto dança de forma fluida no espaço de integração das diferenças. O psicólogo e educador biocêntrico Cezar Wagner, definindo um dos objetivos da Psicologia Comunitária, que também tem como um dos pilares a Educação Biocêntrica, diz algo que se adequa aos propósitos do projeto:

“A Psicologia Comunitária estuda os significados e sentidos (Vygotski, 1991; Leontiev, 1982; Luria, 1987), assim como os sentimentos pessoais e coletivos acerca da vida da comunidade. Além disso, estuda o modo como o sistema de significados, sentidos e sentimentos se encontra nas atividades comunitárias e nas condições gerais de vida dos moradores na comunidade, no município e no conjunto da sociedade. Podemos dizer que estuda o modo-de-vida da comunidade e de como este se reflete e muda na mente de seus moradores, para de novo surgir, transformado, singularizado, em suas atividades concretas no dia-a-dia da comunidade.” Góis (2003, p. 30)

Diante da alegria e singeleza com que cada integrante das atividades se mostra na expressão da sua vida e do seu povo, podemos assegurar que cada um ressurge, de fato, transformado, renovado e singularizado na integração com a totalidade do seu meio, constrói-se a si mesmo (autopoiese) agindo e refletindo sobre sua realidade e cada vez mais se incluindo nela.

Quanto mais o projeto se consolida mais se observa que o participante se integra com seu contexto e realidade. Aprofunda o seu nível de vinculação, se enraíza mais no seu lugar e paradoxalmente transcende e se transforma num ser histórico comprometido com a humanidade inteira.

Revedo os pressupostos básicos que formulamos para a Educação Biocêntrica, os vejo revelados no processo criativo do "Velho Griô". Ajudando os participantes na codificação e decodificação da realidade do lugar, torna vivo o já "vivido" pelos seus ancestrais e assim podem compreender mais o seu valor num nível cada vez mais crítico da realidade atual.

A arte se faz presente nas suas diversas manifestações: no canto, na dança, na poesia e na pintura em perfeita conectividade com a ciência, numa relação dinâmica poucas vezes vista em trabalhos comunitários. E os ambientes de aprendizagem se constroem na interação vivência-reflexão. Pela vivência é possível fluir os processos intuitivos, criativos e afetivos, onde se pode

reaprender a viver e conviver melhor consigo mesmo, com o outro, com a sua comunidade, com a sociedade em geral, com a própria natureza.

Assim penso que podemos efetivamente ir melhorando o mundo atual com atitudes e valores construídos pautados na relação dialógica e afetiva que traz como resultado um profundo respeito às diferenças, à diversidade entre os seres e as culturas.

Acompanhando ações como essas, continuo a acreditar numa geração capaz de sonhar mais, sentir mais, amar mais. Uma geração capaz de refletir e criar saídas para sua própria vida e para a humanidade.

Com a palavra, Fátima Freire.



Fátima Freire com o Velho Griô,
SESC Vila Mariana, São Paulo, 2000.

Lembro-me bem como se fosse hoje, e já se passaram seis anos, do meu olhar de espanto e de alegria quando pela primeira vez entrei em contato com a produção artística dos meninos e meninas do Grãos de Luz e Griô.

Espanto diante da boniteza, da criatividade e, sobretudo, espanto diante da não-padronização e da não-estereotipia das produções infantis.

E foi do espanto que veio o desejo de perguntar: **que pedagogia é essa que provoca e possibilita esse tipo de produção?**

Deparo-me então com uma pedagogia que anuncia/denuncia no seu fazer pedagógico que o educando pode ser ele mesmo. Que não necessita deixar de ser quem ele é para poder aprender e construir conhecimentos. Uma pedagogia que valoriza os saberes locais existentes na comunidade, ao mesmo tempo em que possibilita que os mesmos ganhem forma e expressão por meio das palavras geradoras. Palavras que são consideradas geradoras de vida por estarem preñhas de significado para os educadores, educandos e comunidade.

Uma pedagogia que sustenta sua prática pedagógica na compreensão de que o afeto e a cultura são alguns dos elementos essenciais na transformação do ser humano. Ao mesmo tempo em que tem a clareza que são neles e por meio deles que meninas e meninos, jovens e velhos, educadores e comunidade, todos juntos constroem e reconstroem a sua identidade e sua forma de estar no mundo enquanto pessoas portadoras de uma história de vida, de um passado e de um presente que são respeitados e valorizados pelos educadores.

O respeito pela história de vida do educando, tanto como pela sua forma de estar no mundo, sempre foi um aspecto importante no pensamento de Paulo Freire. Ele costumava dizer que uma das funções primordiais do educador democrático, comprometido com o processo de conscientização do educando, é justamente a de desvelar a realidade, desvelar o que está oculto por meio do diálogo. Nesse sentido, o espaço dialógico construído por todos aqueles que participam das rodas das idades é altamente freiriano. É esse respeito e compreensão pela história de vida de cada um que faz com que crianças, jovens e adultos possam anunciar/denunciar a possibilidade de um futuro mais digno e humano para todos.

Tive o privilégio de poder experienciar um encontro temático, um diálogo com todas as idades, setores sociais e saberes quando da minha última visita a Lençóis. Experiência densa, forte e encharcada de emoção. Emoção, sobretudo, por me sentir gente e perceber que eu não era a única que me sentia integrante daquela grande roda que pulsava vida com tanta intensidade.

À medida que as rodas se faziam e se refaziam num constante configurar de novos rostos e corpos, o diálogo se diversificava, a curiosidade aumentava e com ela a necessidade de escutar de forma mais atenta para poder ressignificar a fala de cada um. Foi nesse momento que percebi que a minha necessidade de ressignificar a fala de cada um estava ligada ao fato de que as pessoas que ali se encontravam estavam realmente tendo direito à fala. Estavam tendo espaço e liberdade para poder falar o que realmente sentiam e pensavam naquele momento.

Essa experiência deixou marcas no meu corpo. Marcas por ter podido vivenciar e constatar a riqueza e importância do diálogo entre idades diferentes, setores sociais e saberes de tradição oral na construção de conhecimento.

Marcas por me sentir desafiada como educadora a refletir sobre a maneira de como trazer de forma orgânica os fios vermelhos de vida latentes contidos nos relatos, nos mitos, histórias e saberes de tradição oral para a escrita no processo de alfabetização das meninas e meninos, sem, contudo, perder a riqueza da oralidade. A força transmitida e ao mesmo tempo contida nas vivências da roda das idades, no ritual de vínculo e aprendizagem e nos

momentos de contação de histórias e mitos pelo Velho Griô, vem simplesmente confirmar o caminho percorrido pelo fio vermelho da vida que costura e alinha as igualdades e as diferenças, os sonhos e os desejos de cada um.

Sabemos que uma das características importantes que nos faz humanos é o fato de nos movermos no mundo da linguagem. Somos seres eminentemente simbólicos. É o resgate dessa dimensão tão fundamental e importante na constituição de cada um de nós, enquanto pessoas únicas e singulares que somos, que norteia, alicerça e fundamenta essa pedagogia.

Este livro é o resultado de muito trabalho e muita coragem. A coragem de entrar em contato com os nossos não-saberes, como também de pesquisa, sistematização e reflexão sobre todo o vivido.

E o que mais encanta é por ter se constituído em um espaço de escrita onde cada um que faz parte dessa grande constelação chamada Grãos de Luz e Griô pôde trazer um pouco de si, seja de forma direta ou indireta. A organicidade pedagógica vem, sobretudo, desse aspecto, e mais uma vez é esse aspecto que dá a conotação de vida ao longo de todo o livro.

Nessas últimas palavras, uma conversa se fecha e, portanto, se abre sobre a pedagogia griô. Provocando o leitor para reconstruções e ressignificações futuras de novas práticas pedagógicas que surgirão na continuidade do diálogo gestado e vivido no cotidiano do projeto com a comunidade e todos os seus diferentes interlocutores, já sejam eles locais, nacionais ou internacionais.

Com a palavra, Vanda Machado.

*Há cantigas mediocres
Que nem animam a gente a cantá-las
Há silêncios necessários
Há discursos impossíveis
Há corpos que se desnudam contra princípios
Há purezas que se maculam
Há memórias olvidadas
Há coisas que se dizem e não se fazem
Há coisas que se fazem, mas não se dizem
É preciso cantar cantigas de valor
Diminuir a distância entre fazer e falar.*

Paulo Freire

Estou diante de “um relato que conta e reconta o resultado de pesquisas, dias, noites e amizades de educadores e educadoras da associação e da rede municipal de ensino de Lençóis, dedicados ao sonho de reinventar a integração entre o velho e o novo num presente pleno de ancestralidade”. Essa é a fala inicial de Lillian Pacheco referenciando uma educação que ensina com cantigas que animam e produzem a (re)existência de um passado presente por meio do Velho Griô. A primeira vez que o vi em ação, ele caminhava solene removendo e fazendo visíveis culturas de uma gente negra de todas as idades. Acompanhando-o caminhavam pretos e pretas velhas contadoras e cantadoras que pareciam ter saído de uma página da história ainda não conhecida nos livros escolares. Mais adiante se destacava no cortejo a figura ancestral de Oba II da África. As cantigas se esparramavam no ambiente fazendo ressoar vozes de todos os tempos.



Vanda e Petrowich, em seminário
Grãos de Luz e Griô 2003/04

Entre ancestralidade e historicidade, as práticas e/ou rituais corporais e cognitivas, o Grãos se orienta por matrizes culturais que contribuem para a constituição dialógica, pluri-inter-transcultural da comunidade escolar. O encontro de novos e velhos nos permite refletir, que pedagogia é esta? Quais os conteúdos que estão visíveis? “Há coisas que se fazem, mas não se dizem”. A transdisciplinaridade acolhida como metodologia de trabalho não tem separadas as partes de um aprendizado que é tecido como um pano precioso. Uma cantiga, mais outra cantiga... “Bebeu bebeu garabiraba. Lá no bebedou gabiraba. Meu chapéu caiu gabiraba. Meu amor pegou gabiraba”. Cada um se mostra no centro da roda cantando o seu verso num momento criador de um saber individual que se distingue no coletivo. Cada um canta a sua cantiga no seu verso. Não há uma ordem ou hierarquia. Mas quando a cantiga cessa começa a hora do Velho Griô. Ele espera o silêncio. Assim como faria um velho africano. É preciso ouvir e ouvir bem até o fim o que fala um mais velho. Baixar a cabeça e ouvir não significa subserviência. O africano ouve até o fim sem interrupções para apreender tudo o que é dito. Na roda das idades, todos têm a sua vez. No momento oportuno, o educador(a) encarna aquele a quem se dedica na educação e também brinca com o velho como uma menina ou um menino.

Essa é de fato a hora da construção do indivíduo que se prepara para a condição de “ser-sendo” na sua comunidade. Ai se faz o silêncio necessário para um discurso de quem se autoriza o fazer educação como aprendizagem para a vida. O silêncio é para ouvir as vozes de todas as idades e ouvir a si mesmo. Ouvir, ouvir muito é justamente o que permite o amadurecimento para o diálogo. O Velho Griô fala, dança, conta e não pára de “cantar cantigas de valor” e espera a resposta participativa que faz vibrar os corpos em todas as direções. Por compreender desse modo, a Secretária Dhébora Dourado disse que: “o projeto Grãos de Luz já está no corpo dos educandos; é assim que está garantida a continuidade”. A ação educativa proposta entranha no corpo e encontra o espaço da memória existente entre a pele e a carne. As “memórias não olvidadas” na sua essência se mostram e se constituem numa forma de educar, onde fragmentos de histórias de velhos e velhas se juntam às artes e às ciências. Falamos de uma ciência como construção humana e de outras formas de saberes e solidariedade. Falamos das ciências das parteiras, das rezadeiras e dos textos jornalísticos de D. Oba II da África, descendente do Rei Xangô das terras de Lençóis. Exaltamos a fala de mestres e mestradas do saber cotidiano, as vozes das crianças, vozes que não se constituem apenas por exercício da cognição. São vozes que criam uma relação entre os contextos histórico, político-social, cultural com os saberes locais e os saberes científicos, humanizando as ciências e aproximando as vivências comunitárias. Estamos falando das ciências do cotidiano incluindo histórias que dão sentido à vida. Neste livro, a força da cultura negra entra para o currículo com uma história encharcada de filosofia da

ciência enquanto perspectiva de educação das relações étnico-raciais e inserção do ensino da história da África e cultura africana. A arte na educação que se faz pela narração e pelos cortejos cantantes tem permitido aos educadores e educadoras a busca da identidade cultural como necessidade básica da revivência e compreensão da sua própria realidade. Essa realidade está impressa nos discursos possíveis, quando a educadora diz: “eu nunca me imaginava com um instrumento musical em minha mão, achava que não era capaz, mas me senti leve, solta como se fosse outra Solange, me senti eu”.

“Eu tinha tabu de cantar jarê e, no entanto, eu sei tanto...”. Pela recomendação do mestre Paulo Freire: “é preciso cantar cantigas de valor. Diminuir a distância entre fazer e falar”. Ai podemos perceber a presença da dialogicidade que se relaciona não só com a cognição, mas com a postura democrática do Grãos na construção de uma educação como uma preciosa rede tecida de conhecimentos, como manancial originário da vontade de estar no mundo, como ser integral e integrado.

Finalmente, o educador(a) griô é o que se encanta com a mitologia afro-brasileira na sua atemporalidade. É o que busca com todos os sentidos os princípios e valores como pistas para uma perspectiva de (re)existência comunitária afro-brasileira. Os mitos se impõem na arte-educação e se oferecem como suporte e mediação partilhada e celebrada por cada um em particular. O Grãos, como um coletivo humano planetário, anseia por uma convivência ética e estética humanizante que potencialize o conhecimento e a espiritualidade imanente.

DVD - A pedagogia Griô no Documentário SOU NEGRO



O documentário SOU NEGRO (dvd anexo) foi produzido pela Itinerante Filmes em parceria com o Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô a partir de um registro vivencial de duas semanas de atividades do projeto sem roteiro prévio.

O documentário motiva risos, silêncios reflexivos, lágrimas e muita identificação por parte do público. Após a exibição do documentário podem ser discutidas questões importantes a respeito da tradição oral e da alteração da Lei de Diretrizes Básicas da Educação em 2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as escolas do país. Mudança esta que legitimou, na pequena cidade de Lençóis, a busca desde 2001 pela integração da tradição oral e da cultura local no currículo municipal, uma experiência contada neste livro.

O documentário releva a importância da diferenciação de conceitos entre cultura negra, cultura popular e cultura de massa, além do redimensionamento da África e sua diversidade cultural, chamando a atenção para uma questão muito importante " De que África e que cultura afro-brasileira estamos falando na voz dos Griôs e Mestres de tradição oral ? As vivências registradas no documentário anunciam e denunciam a

autoridade das crianças e velhos do projeto e a comoção das mesmas na descoberta das origens de suas identidades, a exemplo de Talse, 10 anos, cantando: "passarinho voa, eu também quero voar".

O documentário revela uma pedagogia que estuda as memórias negras através de heróis, artistas, sábios e cientistas negros, a exemplo de Dom Oba, príncipe afro-baiano nascido em Lençóis. Memórias que valorizam a tradição oral do município representada pelos seus mestres e griôs, produzindo conhecimento que vai sendo incorporado vinculando a história da África e do Brasil no cotidiano das pessoas.

São sentidos positivos de histórias vivas, através do olhar e registro audiovisual sobre a construção de um currículo historicamente localizado. O documentário toca fundo na própria identidade de quem o assiste. Há uma pedagogia da paciência, onde o erro é possível e compreendido como construção de conhecimento e o diálogo é tão relevado quanto o silêncio, como bem ensina um mestre de tradição oral.

Conversar sobre o documentário é mais do que uma conversa, é a participação política do público na construção de uma pedagogia - a Pedagogia Griô - que vem sendo construída com referências na educação biocêntrica, educação para as relações etno-raciais positivas, arte educação, educação dialógica e na tradição oral africana e brasileira.

Lillian Pacheco, síntese de depoimentos de Cidinha da Silva, diretora do Instituto Kwanza, Acácio de Almeida, vice-coordenador da Casa das Áfricas, Milton Alves, assessor do Programa Juventude da Ação Educativa, Rachel de Oliveira, coordenadora do Grupo de Educação para a Diversidade Étnico-Racial da Secretaria de Educação do Município de São Paulo

Bibliografia estudada

- ALVES, Rubens. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo, Editora Cortez, 1991.
- AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. *Dilthey: um conceito de vida e uma pedagogia*. SP: Perspectiva: editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- ANDRADE, Cássia Regina. *Educação Biocêntrica: Vivenciando o desenvolvimento organizacional*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003.
- ARAÚJO, Delmar Alves de; Neves, Erivaldo Fagundes; Senna, Ronaldo de Salles. *Bambúzias e quimeras (olhares sobre Lençóis: narrativa de gorimpos e interpretações da cultura)*. Feira de Santana, UEFS, 2002.
- BÂ, Amadou Hampâté. *A Tradição Viva*. In KI-ZERBO, J. (Org.), *História Geral da África I, Metodologia e pré-história da África*, São Paulo, Ática, Paris: UNESCO, 1968.
- BÂ, Amadou Hampâté. *Amikoulef, o menino fula*. Tradução: Xina Smith de Vasconcellos, SP: Editora Palas Athena, 2003.
- BEARD, Ruth M. *Como a criança pensa*. São Paulo, Editora IBRASA, 1978.
- BEZERRA, Laís. *Pedagogia Biocêntrica: uma tendência evolucionária em educação*. Monografia, Salvador, Ba, 1992.
- BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas*, Editora Civilização Brasileira, 6ª Edição, RJ, 1991.
- BRANDÃO, Carlos R. *Pesquisa Participante*. SP: Editora Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, Carlos R. *Repensando a Pesquisa Participante*, SP: Editora Brasiliense, 1987.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Trad. De Newton Aquiles Von Zuben, São Paulo. Editora Moraes.
- CAMPBELL, Joseph. *As Máscaras de Deus: mitologia Oriental*, trad. Carmen Fischer, SP: Editora Palas Athena, 1994.
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*, SP: Editora Palas Athena, 1990.
- CAPRA, Fritjof. *A Teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*, SP: Cultrix, 1996.
- CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*, São Paulo: Cultrix, 1982.
- CAVALCANTE, Ruth. *Educação Biocêntrica: aprendendo e ensinando na pedagogia do encontro - Vivenciando a biodança, nº 1*. Fortaleza: Instituto Paulo Freire, 2004.
- CAVALCANTE, Ruth. *Educação Biocêntrica: a pedagogia do encontro*. Revista de Educação da EAC - Formação de profissionais de educação, vol. 29, nº 115, abr/jun. Brasília, AEC, 2000.
- CAVALCANTE, Ruth. *A educação biocêntrica na formação plena do/a educador/a*. Monografia de especialização, UVA. Fortaleza, 2000.
- CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação) Vários Autores (Célia Sanda, Maria do Carmo Carvalho, Maria Azevedo, Nazira Arbache, Selma Magalhães, Yara Lopes) *Avaliação: construindo parâmetros das ações socioeducativas*, São Paulo, CENPEC, 2005.
- DILTHEY, Wilhelm. *Teoria de la Concepción del Mundo*, Fondo de Cultura Económica, México, 1978.
- FONSECA, Vitor da. *Da Filogênese à Ontogênese da Motricidade Humana*, São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993.
- FONSECA, Vitor da. *Psicomotricidade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização*, SP: Editora Moraes, 1980.

- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática de Liberdade*, 9ª Edição, RJ, Editora Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*, RJ, Editora Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, 3ª Edição, RJ, Editora Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, Editora Paz e Terra, RJ, 1979.
- FREIRE, Paulo; Ana Maria Araújo Freire organizadora. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001.
- GARAUDY, Roger. *Danças da Vida*, Tradução de Glória Mariane e Antônio Guimarães Filho, 5ª Edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1973.
- GLEICK, James. *Caos: a criação de uma nova ciência*, trad. Waltensir Dutra, 4ª Edição, Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.
- GÓIS, Cezar; Wagner de L. *Biodança, Identidade e Vivência*, 2ª Edição, Fortaleza, Edições IPF-Ce, 2002.
- GÓIS, Cezar Wagner de L. *Noções de Psicologia Comunitária*, 2ª Edição, Ceará, Edições UFC, 1993.
- GÓIS, Cezar Wagner de L. *Psicologia Comunitária no Ceará*, Fortaleza, Publicações Instituto Paulo Freire do Ceará, 2003.
- GÓIS, Cezar Wagner de L. *Vivência: caminho à identidade*, Fortaleza, Editora Viver, 1995.
- GOMES, Flávio. *Palmares: escravidão e liberdade no Atlântico Sul*, São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- HALE, Thomas A. *Griots and Griottes: Masters of Words and Music*. Bloomington-Indianapolis, Indiana University Press, 1998. pág. 410
- HEIDEGGER. *Coleção Os Pensadores*, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1989.
- JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*, RJ: Ed. Fronteira, 1977.
- KAPLAN, Allan. *O Processo social e o profissional de desenvolvimento. Artistas do Invisível (Série Tornado)*, trad. Ana Paula Pacheco Chaves Giorgi, SP: Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social e Editora Fundação Peirópolis, 2005.
- LA TAILLE, KOHL et al. *Piaget, Vygotski, Wallon - teorias psicogenéticas em discussão*, São Paulo: Summus, 1992.
- LANDMANN, Jorge. *Tróia negra: a saga dos Palmares*, São Paulo: Editora Mandarim, 1998.
- LANE, Sílvia T.M. *A Psicologia Social: o homem em movimento*, 13ª Edição, SP: Editora Brasiliense, 1994.
- LAPIERRE, A. & AUCOUTIRIER, Bernard. *A Simbologia do Movimento. Psicomotricidade e Educação*, Editora Artes Médicas, 1987.
- MACHADO, Vanda e Petrovich, Carlos. *Ajáká, O menino no caminho do Rei*, Salvador: TEA/ UFBA/SMEC/PMS, 2001.
- MACHADO, Vanda. *Ilê Axé: Vivências e invenção pedagógica. Crianças do Afonjá*, Salvador: Edufba/SMEC, 2000.
- MARCUSE, Herbert. *A Dimensão Estética*, Zahar Editores, 1978.
- MATURANA, Humberto R. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*, trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin, SP: Palas Athena, 2001.
- MAY, Rolo. *A coragem de criar*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1975.
- MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais*, Brasília: 1997.
- MEC. *Uma história do povo Kalunga*, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: 2001.
- MOFFATT, Alfredo. *Psicoterapia do Oprimido*, Cortez Editora, SP, 1980.
- MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente Campinas - São Paulo*. Papyrus.1997

- MORENO, Jacob. *Psicodrama*, Editora Cultrix, SP, 1990.
- MORIN, Edgar. *Em busca dos fundamentos perdidos: textos sobre o marxismo*, trad. Maria Lucia Rodrigues, Salma Tannus, 2ª Ed., Porto Alegre, Sulina, 2004.
- PETROVICH, Carlos Roberto. *O menino que era rei e não sabia: Ópera popular afro-brasileira*, NET POP-TEA, UFBA, no prelo.
- PIAGET, Jean. *Biologia e Conhecimento*. Res Editora: Porto-Portugal, 1978.
- PONTY, Merleau. *Signos*, Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira, SP, Editora Martins Fontes, 1991.
- REICH, Wilhelm. *A Análise do Caráter*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1979.
- RIBEIRO, Darcy. *Diários Índios: os Urubus-Kapor*, São Paulo. Companhia das Letras, 1996.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*, São Paulo. Companhia das Letras, 1995.
- ROGERS, Carl. *Sobre o Poder Pessoal*. Editora Martins Fontes, SP, 1978.
- ROGERS, Carl. *Grupos de Encontro*, 3ª Edição, Editora Martins Fontes, SP, 1979.
- SALES, Herbert. *Cascalho*, São Paulo, Editora Civilização Brasileira, 1975.
- SENNA, Ronaldo Salles. *Jaré: uma face do candomblé; manifestação religiosa*, Chapada Diamantina, Feira de Santana: UEFS, 1998.
- SILVA, Alberto da Costa e. *A Enxada e a Lança. A África antes dos portugueses*, RJ, 2ª Edição, Editora Nova Fronteira, 1996.
- SILVA, Eduardo. *Dom Oba II d'África. O Príncipe do povo. Vida tempo e pensamento de um homem livre de cor*. SP, Companhia das Letras, 1997.
- SPITZ, René. *A Formação do Ego: uma teoria genética e de campo*. São Pulo, Editora Martins Fontes, 1979.
- TORO A., José Bernardo; Werneck, Nisia Maria Duarte. *Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação*. Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal, Sec. de Recursos Hídricos, Associação Brasileira de Ensino Agrícola Superior, UNICEF, 1997.
- TORO, Rolando. *Coletânea de Textos de Biodança* (Góis, Cezar W. L. org.), Editora ALAB, 1991.
- TORO, Rolando. *Projeto Minotauro Biodança*, RJ, Editora Vozes, 1988.
- VANSINA, Jan. *A Tradição oral e sua metodologia*. In KIZERBO, J (Org.) *História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África*, São Paulo, Ática, Paris: UNESCO, 1968.
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas africanas dos orixás*, Salvador, Editora Corrupio, 1985.
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás deuses iorubas na África e no Novo Mundo* (Trad. Maria Aparecida da Nóbrega), 6ª Edição, Salvador, Editora Corrupio, 2002.
- VIGOTSKI, L. S. *A Formação Social da Mente*, Editora Martins Fontes, SP, 1984.

PONTO DE CULTURA GRÃOS DE LUZ E GRIÔ

Realização:

Associação Grãos de Luz e Griô

Presidente: Márcio Caires

Tesoureira: Aline Viana

Conselho Fiscal:

Marcelo Pontes e Aida Meire

Sistematização e coordenação de projetos: Lillian Pacheco

Equipe de coordenadores:



Aline Viana (desde 1998)
Educadora e artesã



Arita Andrade (desde 2005)
Artista gráfica



Delza Bispo (desde 1998)
Educadora e artesã



Lillian Pacheco (desde 1998)
Educadora biocêntrica e criadora da Pedagogia Griô



Márcio Caires (desde 1998)
Velho Griô e pesquisador



Raimunda Moreira (desde 1998)
Educadora e merendeira

Secretaria de Educação

Municipal de Lençóis

Secretários: Delmar Araújo (1999-2000), João Bina (2001/02), Dhébora Dourado (2003/04), Alda Maciel (2005/06)

Coordenadores pedagógicos:

Liz Bethânia, Luciene Silva, Lucineide Carmo, Arivan Rufino, Luciano Rufino, Maristela Lima.

Assessores e pesquisadores

Instituto Paulo Freire - SP

Fátima Freire

Instituto Paulo Freire - CE

Ruth Cavalcante

Universidade Federal da Bahia:

Núcleos de Extensão e Formação Net Pop e Formace - Pro^{fa} Vanda Machado e Pro^{fa} Carlos Petrovich - mestrandos em Educação e Arte Educação

Pro^{fa} Maria do Carmo - Mestranda em Sociologia

Pro^{fa} Luiz Chaves - Historiador

Universidade Estadual de Feira de Santana-BA e Unicamp-SP:

Professores José Augusto Luz, Valter Soares, Marco Barzano, Elenita Pinheiro.

Universidade de Montreal - Canadá

Selim Benaissa

Avaliação e planejamento:

Elenaldo Teixeira (1998 a 2000), Elana Gomes (2001), Avanildo Duque (2002 a 2006), Cláudia Monteiro (2001, 2004/05)

Contato

Rua Nossa Senhora da Vitória, s/n
CEP 46960-000 Lençóis - BA

Tel: (75) 3334-1040 / 1719

graosgriô@yahoo.com.br

www.graosdeluzegriô.org.br

CRÉDITOS DO LIVRO

Pedagogia Griô: A Reinvenção da Roda da Vida
Lillian Pacheco

Projeto gráfico, tratamento de imagem e arte final: Arita Andrade

Produção: Márcio Caires

Revisão de texto: Edna Bezutti, Lessi Pacheco e Marlene Xavier

Fotolitos, impressão e acabamento:
Gráfica Santa Helena - Salvador/BA

Fotos página 95, 40 (banda), 43 (Sr. Inocência):
Zé Henrique

Agradecimento especial aos participantes de todas as idades, coordenadores, parceiros e amigos que produziram as imagens deste livro, apoiaram e lideraram as atividades educativas e culturais do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô.

ISBN: 85-906134-1-0

Copyright © 2006 Lillian Pacheco



Os **TEXTOS** deste livro podem ser usados para fins não comerciais, desde que citada a fonte.

Roda de solidariedade do Grãos de Luz e Griô:



Apoios: ABrasOFFA/ Loja Dois Irmãos/ Estalagem do Alcino/ Pousada Vila Serrano/
Armazém Pontes/ Editora Floral/ Hotel de Lençóis/ Portal Lençóis/ Zé Henrique / Visitantes de Lençóis.



Professores municipais de Lençóis em capacitação com Vanda Machado, Carlos Petrovich e Lillian Pacheco

A autora

Lillian Pacheco, 39 anos

A minha história começou em Jacobina, cidade mãe da Chapada Diamantina do ciclo do ouro. Fui menina que cresceu livre na rua, nos quintais, nas árvores, na roça e no meio da meninada, apaixonada pela escola e por dar aulas com mainha, professora de escola pública. Sou tataraneta de índia caçada no mato a dente de cachorro e neta de uma mulher brava com feições de índia que engravidou 22 vezes. Sou bisneta de um homem da roça que viveu 103 anos. Sou filha de dois sobreviventes da seca, da fome, do trabalho duro desde menino e menina que nasceram na roça e cresceram pela força do desejo de viver, do trabalho honesto e do estudo. Vivo em Lençóis, Chapada Diamantina, há 10 anos, sou casada, mãe de dois filhos. Minha vida profissional tem raízes profundas nestas origens.

Sou formada em educação biocêntrica pela criadora e pedagoga Ruth Cavalcante e pela Escola de Biodança da Bahia: sócia fundadora, educadora biocêntrica, coordenadora pedagógica e de projetos da Associação Grãos de Luz e da Ação Griô Nacional, onde venho sistematizando e coordenando projetos, relatos, avaliações e planejamentos que conquistaram os financiamentos e prêmios nacionais e internacionais de diversos parceiros, tais como: Criança Esperança (2006/07), Amigos da Europa (1998 a 2006); Fundação Abrinq Pelos Direitos da Criança (1999 a 2001), ABC Trust Inglaterra (1998 a 2006), Prêmio Itaú Unicef (2003 a 2005); Brazil Foundation (2004/2005); Festivais Internacionais - ABraSOFFA (2004/2005); Programa Cultura Viva - Ministério da Cultura (2004 a 2008); Monumenta/ IPHAN (2005 a 2007) e Associação Lena Galícia/Espanha (2006). De 1999 a 2004 fui Presidente e Secretária do Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente de Lençóis. De 1994 a 1997 criei, implantei e ministrei 8 projetos de Extensão de Educação Biocêntrica na Universidade Federal da Bahia - faculdades de Psicologia, Pedagogia e Dança. Em 1994 participei de cursos de formação em Biodança em 6 países da Europa e coordenei o VIII Encontro Nordestino - Princípio Biocêntrico.

Consultoria pedagógica

Fátima Freire Dowbor

Educadora, natural da cidade de Recife, é casada e tem quatro filhos. Iniciou sua carreira há 26 anos, dando aulas de Psicologia e Filosofia no Liceu Nacional Kwame Nkrumah, em Bissau, Guiné Bissau, África Ocidental.(1976-1980). Foi Assessora do Ministro da Cultura da Guiné Bissau, Mário de Andrade (1980-1981). Trabalhou como educadora em diversos países. Ainda adolescente, acompanhou seus pais no exílio: os educadores Paulo Freire e Elza Freire. Formada em Pedagogia pela Puc de SP e Psicopedagogia no Instituto Jean Jacques Rousseau - Suíça; mestranda em Semiótica da Cultura, pela Puc de SP; foi coordenadora nacional de projetos na Fundação Abrinq e é membro do conselho do Instituto Paulo Freire hoje trabalha em consultoria pedagógica em várias instituições e realiza palestras em congressos e encontros nacionais e internacionais.

Ruth Cavalcante

Psicopedagoga, formada pela Escola Superior de Pedagogia Social de Colônia - Alemanha, 1979. Pós-graduada em educação biocêntrica e psicologia transpessoal, 2000/2001. Formação em biodança, com Rolando Toro, o criador do sistema, pela Escola Nordestina de Biodança, 1984. Diretora pedagógica do Centro de Desenvolvimento Humano (CDH), desde 1981. Membro fundadora do Instituto Paulo Freire - CE, 1998. Funcionária da Secretaria de Educação do Município de Fortaleza desde 1981. Coordenadora e membro do corpo docente dos cursos de educação biocêntrica em parceria com CDH / Universidade Estadual do Ceará (UECE) e CDH / Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) desde 1999.

Vanda Machado

Mestra em Educação Brasileira e doutoranda em Educação pela Faced- Universidade Federal da Bahia. Criadora do Projeto Político Pedagógico Irê Ayó (Caminho da Alegria) implantada na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos na Comunidade de Terreiro do Ilê Axé Opo Afonjá. Orienta professores de Escolas Comunitárias coordenadas pela Pastoral de Menor em parceria com Carlos Petrovich a partir da Pedagogia Nagô e arte educação comunitária. Pesquisadora convidada do NET POP, Núcleo de Estudos de Teatro Popular Técnica de Espetáculo e Cultura Afro-brasileira e do FORMACCE (Grupo de Pesquisa em Currículo Complexidade e Formação - Universidade Federal da Bahia. Diploma de Honra ao Mérito, por serviços prestado a Organização Mundial de Educação Pré-escolar; Troféu Anastácia pela Didá Escola de Música; Troféu UJAAMA pelo Olodum; Troféu Clementina de Jesus pela UNEGRO; Premio CEERT- Educar para Igualdade Racial; Troféu Identidade Negra pelo Núcleo de Identidade Negra da secretaria Executiva de Alagoas. Tem participado de seminário e congressos nacionais e internacionais a exemplo de Nova York, Cuba e Nigéria. É autora de livros e artigos publicados em coletâneas e revistas especializadas.



Assista aos 3 filmes do DVD que
acompanha este livro:

Sou Negro - 50 min.
Documentário produzido pela Itinerante
Filmes, de São Paulo.

Vinheta do Prêmio Itaú-Unicef - 3 min.

Tecendo Redes - 15 min.
Vinhetas produzidas pela TV Futura.





“Faltava esta política pública no Brasil... Reconhecer que não podemos mais desconhecer a imensa presença cidadã dessa gente com inesgotável capacidade de resistência e luta... A nossa gente mestre em sua erudição específica e especial nos inúmeros modos de ser, existir, conviver e se expressar. A cultura deixa a sua embalagem de mercadoria para pulsar no meio da rua como os velhos Griôs, saltimbancos da tradição oral, trazidos pelos infames navios negreiros da África, para no Brasil, semeados, ainda percorrem, hoje, os caminhos do sertão. Contam contos e aumentam pontos na auto-estima popular.”

Gilberto Gil, em discurso no Ponto de Cultura Barão de Mauá RJ, 2005

“O que vejo de encantador no Grãos de Luz e Griô é trabalhar com o encantamento da vida... de se ver no belo, se ver no futuro, usando a oralidade...as raízes mais fundas da comunidade.”

Gilberto Dimenstein

Apoio e realização do projeto deste livro:

Este projeto é apoiado pelo

**CRIANÇA
ESPERANÇA**

e realizado por:



Ministério
da Cultura

